

VIAGEM

Vem, vento leve, velar o vazio da vida.
Vem, viração veloz, leva a voragem que vem vindo voando.
Vem voejar, veleiro vacilante.
Vem valsar, vadio vendaval.
Vem, volúpia vã, verve varonil.
Vai, vertigem, erva vidente,
me leva leviana ilusão,
leveza ligeira, livre levitação.
Tarda, tempo das trevas da tormenta,
abranda-te, brasa brutal arrebatadora!
Afasta-te, fantasma feroz que esfacela,
esfrangalha e fere a fibra do fado!
Foge, fera que fervilha a fúria.
Fica, felicidade efêmera!

CONSCIENTIZAÇÃO DA MORTE

Morrerrei quando cessar em mim o contato vital da
termodinâmica,
quando arrefecer a efervescência dos elétrons
e, num transporte gravitacional, subir a aura do cérebro,
estancadas as vibrações dos átomos sensíveis.
Num plasma inorgânico, de cada molécula do corpo
se desprender a fonte natural.
Morrerrei quando a força sincrônica
se transfizer em energia volatizada
e, em espirais, o espírito ressoar no espaço
o raio da minha voz nas ondulações etéreas,
Morrerrei quando morrer em mim
a inquietação oscilatória da matéria viva.
Quando estremecer o núcleo das células em freqüências astrais.

POSOLOGIA OU RECEITA PARA HIPOCONDRIACOS

Há noites em que miramos a estrela absinto
que amargou as águas oceânicas
e de manhã o samovar aquece as coisas cristalinas.
O láudano, a papoula das cordilheiras febris
andarilha como o guaraná reconfortante.

Não esquecemos o álcool hilariante
nem o ácido ascórbico
que aumenta o poder fagocitário dos leucócitos.
Ao meio-dia o sol é árido e clama por um cauim de sabedoria,
o que é suave bálsamo como o aroma do sassafrás,
a mescalina que conduz a sensações inóspitas
e o hidromel delirante das pupilas do peiote.
O córtex cerebral ativado pela energização dos neurónios.
O alvorecer das sombras requer o sulfato de berberina,
de ação sedativa no setor oftálmico.
Depois o ergocalciferol e a niacinamida nos sintomas de profilaxia
e as avelãs que Apolo deglutiou nos peitos das deusas calipígias.
O archote sublime clareia a sala soturna,
evolando fumos de resinas purificadoras
da aura, do éter e do astral.

FERNANDO PESSOA

Cavaleiro monge a cismar no mar,
navegante irmão do assombro e do êxtase,
alma atlântica exilada nos campos
bebendo angústias na taça do poente.
O incêndio do cataclismo da ânsia,
vozes do mar nas ilhas, sensações
nas tardes calmas de desassossego
e o fado conheceste em plagas ermas,
perdido nos pícaros do segredo
do teu pórtico partido em delírios.
Visionário do vazio e do tédio,
adoraste as sombras imperecíveis,
íntimo vigilante dos abismos,
eleito pelo mal da desventura.

O MONSTRO

Que ventre produziu tão feio parto?
Augusto dos Anjos

Que estranho laboratório infernal
forjou tal monstro insólito, vezânico,
um fantoche de caudilho imperial,
híbrida aberracão de horror tirânico?
Que mórbido projeto colossal

engendrará tal promotor de pânico,
governador da província global,
um juiz de guerra, com furor satânico,
que infringe códigos de “a” a “z”?
A humanidade não sabe porquê
nem onde vai levada pela mão
do demente energúmeno que vê
ajoelhar-se a seus pés a multidão.

FUGA NECESSÁRIA

Como fazer para que não percebam
que conheço a psicose deles?
Como suportá-los, sem que eu me torne um deles?
Como não me confundir com a doidice deles?
Como não revelar as nossas diferenças indiscretamente?
Como adaptar-me à pontualidade absoluta?
À subserviência da arte de dizer sempre sim?
À hipocrisia ridente em nome de interesses espúrios?

CONDIÇÕES

Se o que vale é a violência, a patifaria e o cinismo,
é que gatunos, descarados e assassinos
estão governando o mundo.
Não cabe eufemismo.
Se exércitos mercenários atacam, pilham, depredam,
fazem de tudo um curral, uma curra geral,
é que o importante é fabricar vítimas,
produzir cadáveres.
Não cabe outro álibe.
Se a agressão forja miséria,
engorda as burras dos ladrões internacionais.
Se o óbolo da infâmia recompensa o homicida,
é que a extorsão é intrínseca ao sistema econômico.
Não cabe fantasia.
Se a fraternidade é palavra proscrita,
e o que vale é a vingança,
o culto da morte com declarações de boas intenções,
é que querem tornar o homicídio um ato heróico.
Querem, enfim, que exista uma ética da covardia e do crime.
Não há sofisma.
Para incremento do delírio, mais dinheiro e mais armas,

proclama o incendiário.
Cada tiro gera uma enxurrada de pânico.
O medo faz parte do programa de governo.
Nos labirintos da psicose alarmada,
os territórios ocupados valem esses disparos,
essas detonações e esse medo.
Não cabe outro axioma.

FOTOGRAFIA

O jornal mostra o menino ferido.
Tem nove anos e a perna decepada,
curativos no nariz e nos braços.
Uma venda manchada de sangue nas costas,
Balas encravadas na cintura e um catéter no peito
para evitar que se colapsem os pulmões.
Cercado de uma mulher vestida de negro
e um homem de branco, rostos contritos,
paralizados de horror, medo e sofrimento no olhar.
Há centenas de meninos assim,
estropiados, amortalhados, crivados de metralha,
o sangue jorrando entre mercenários bêbados de sadismo.

CIRCO

Que prodígio! Que fenômeno!
Venham assistir ao idiota inteligente.
Venham ver o oráculo demente,
o mágico que, travestido de morto, saboreia o coveiro.
O manhoso palhaço mutreteiro,
bufão que se crê preponderante.
Venham ver o tropel de especialistas
em desobedecer à natureza!
Venham ver a oligarquia de aduladores.
O nepotismo disfraçado de vezo aristocrático.
A intriga como empuxo ascensional.

ESTIGMA

Por mais que te desdobres em controles,
inspeções, suspeitas, ameaças, espiões,
não poderás apagar o estigma.
Por mais que exerças arbítrio sobre os excluídos,
submetidos, algemados,

não poderás apagar o estigma.
Por mais que argumentes com estratégias,
calcomanias, supremacias, invulnerabilidades,
agressões, transgressões e desvarios,
não poderás apagar o estigma.
Por mais que espanques, abuses, violentes, esfoles,
que apliques choques elétricos,
que arranques unhas e olhos,
que globalizes a intolerância e a hemorragia,
não poderás apagar o estigma.
Por mais que proliferes feras, pragas, dragões,
por mais que multipliques espadas de fogo,
tentáculos, abominações, garras de fúria e mentiras
nunca poderás apagar o estigma.

INCITAÇÃO AO NÃO-COMBATE

Sabes tu, soldado néscio,
que essa metralhadora te tornará um homicida?
Sabes o que colherás por matares os teus próprios irmãos?
Sabes tu, soldado néscio,
que com cada tiros que disparas
assumes a condição de assassino?
Sabes que foste treinado para cometer crimes,
para infringir códigos penais
e serás réu perante as leis humanas e divinas?
Não te envergonha
carregar essa metralhadora com que privarás de viver
um semelhante teu?
Que a morte da tua vítima pode ser a morte de órfãos
que padecerão fome e desespero?
Que pagarás por todo sofrimento causado às famílias enlutadas,
cuja dor com igual intensidade sentirás um dia?
Não te impressiona o choro convulsivo das viúvas e mães
por causa de teus disparos?
Não desconfias de que o teu gesto produzirá miséria e doença
e que és responsável pelos cadáveres que forjares,
pela infâmia que semearás com tuas tristes mãos,
essas mesmas mãos que deram pão e vida a teus filhos,
à tua mulher, aos teus irmãos?
Não te comove a expectativa de que te matem
e seja tua família relegada ao abandono e à pobreza?
Ó insensato imbecil!

Acaso não tens sentimento, és uma máquina,
uma máquina de matar?

Mas se tens a mínima consciência
de que produzes a tua própria desgraça,
de que é uma tragédia partires do teu lar
rumo a uma terra ensanguentada,
em obediência a monstros odientes,
e se te reconheces um pária louco,
manipulado por megalômanos idiotas,
submisso a esses enganadores,
livra-te dessa escravidão maldita,
permite a ti mesmo a trégua definitiva,
volta-te a teu próprio juízo,
pára de proceder imbecilmente!

Verás quanto alívio em despojar-te de tão miserável fardo!

Verás que o teu maior triunfo é a deserção!

Teu mais inteligente ato, recusar a violência!

Teu único heroísmo, abominar as armas!

Só com a vitoriosa coragem de deixar viver
Vencerás verdadeiramente.

Cuidarás das feridas que provocaste,
consolarás os que alfigiste
e te perdoarás pelos crimes perpetrados.

Depois, regressarás a teu país,
recordando a terra inóspita
onde a tua consciência abominou a violência.

E já não serás um soldado néscio.

A SÍNDROME DE CAIM

Vê como nós compramos a ouro
essa carnificina de alhures!

(A televisão mostra um homem encharcado de sangue,
que rola no chão e grita,
enquanto explode um fogo ao redor de uma Igreja).

Mataram índios, massacraram negros,
aniquilam corpos e almas.

E aqui se macaqueia a psicose facínora.

Assimilemos a paranóia deles,
o sado-masoquismo.

Querem que o mundo aprecie a horripilante cena?

Querem que nos imbecilizemos,
que nos destroçemos uns aos outros
em guerras fomentadas pela loucura deles.
Milhões de criaturas assassinadas.

Um mar de sangue jorra nos confins da terra.
Eles financiam o fraticídio:
perigosíssimos débeis mentais,
enfermos que estão
de que doença?
Da síndrome de Caim?

CAUSA E CONSEQÜÊNCIA

Eis um conceito bizarro de democracia:
substituir um governo opositor
a custa de milhares de homicídios.
O ódio nascerá desses atos infames.
Com as migalhas, a sordidez.
Bombardear outros países, derrubar os seus governos:
a revolta germinará das agressões.
Com os aduladores, a autoflagelação.
Com as bombas, o Natal.
Com o petróleo – os disparos.
Uma voz no aeroporto:
“Favor evitar problemas de segurança,
não deixando bagagem desacompanhada”.
Com a cobiça, o metabolismos dos sapos.
Com Dionísio, os pênis arrancados dos altares.
Eis a forma mais cínica de autodefesa:
vincular a força bruta aos valores espirituais,
Devastar o mundo para melhorá-lo.
Outras vozes ecoam no mundo:
“Favor evitar problemas de segurança,
eximindo-se de bombardear o território de outros países!”

PRAGMATISMO E TÂNATOS

Isso é que é ser pragmático:
se morre alguém, esquece!
O dia borbulha tarefas na caldeira da repartição.
Projetos, compromissos, vantagens a maximizar.
Que importa o morto?
Urge a coisa dos vivos – vivíssimos.
O falecido teve o seu momento e está nos jornais,
na forma de fotografia e editorial.
“Deixou obra digna de antologias,
pena que seres de sua bonomia

Interrompam sua contribuição à decência.
Paz a seus restos".
Isso é que é ser pragmático.
Morreu? Era parte de nós?
A nossa parte está intacta
E circula no corredor com nossas ambições.
Importa o que somos. Não quem foi.
E somos esse afolivo de emergências,
Esses objetivos funcionais,
Papéis imediatos, obsessões, etc.
Quanto à destreza expositiva do morto,
Quanto à família do morto,
Quanto à...
Deixemos disso, não há perdas irreparáveis
e há autoridades em perspectiva,
há documentos por despachar,
não como se despacha um féretro.
Vamos, sejamos pragmáticos,
declara-me, menos com palavras que com gestos,
o executivo que trabalha na sala ao lado.
É verdade, a morte não tem sentido prático
(nem a vida).
Mas para mim era um poeta
e mesmo que fosse outro difunto
Significaria sempre o mistério.
Era um poeta
- e a poesia não é útil aos planos do interesseiro.
Mas uma imagem me manteve o dia melancólico.
É a recordação do poeta Enriquillo Sánchez,
que teve apenas o que deixou por escrito.
Não é preciso ser pragmático, definitivamente.

CIDADE SODOMITA

Não mereceu do mar um grão de areia
a cidade sodomita.
Os mosquitos e a companhia de eletricidade
fizeram um pacto com os vendedores de doce e os dentistas,
e os petroleros do West com os fabricantes de armas.
Os provedores de combustível regam plantas nos jardins da crise,
e o governo negocia com Maquiavel.
Os pintores de garatujas dialogam com os turistas
e até a ardente claridade mercadeia com os ventiladores.

Tudo é comércio nas ruas de luxo e lixo.
Até o ar-condicionado, para o acesso ao artifício do paraíso,
sob a liberdade celestial do frescor,
nos impõe velhacos e indolentes técnicos.
Os guardiães concordam com a escuridão e o desemprego.
A lixeira celebra o seu convênio com os ratos e a carniça.
As clínicas se harmonizam com os buracos das calçadas.
O engarrafamento com os postos de gasolina,
os furacões com a arquitetura e o calor.
Tudo é concordância, até a escolta presidencial
se entende bem com os semáforos apagados.
Até os bancos parecem feitos para o FMI
e os soldados para o conflito multinacional.
Até os revólveres e as camionetas
celebram bodas com o dinheiro fácil.
Dinheiro desinfetado com detergente narco-cabrão.
Tudo é entendimento: cem anos luz de concórdia.

SURDO AOS CREDORES

O velhaco é inacessível como a bunda de uma monja.
Arisco como os motoristas espertalhões,
Cruel como os play-boys de metralhadora.
É um felino (pra não dizer gatuno)
- está sempre onde não se espera,
nunca onde é esperado.
Reza o “perdoai as nossas dívidas”,
E ainda que não rezasse, não as pagaria e as apagaria.
E as não paga. Asnão é quem não as apaga.
Que as pague o diabo – príncipe da usura,
ou a concumbina do cura – que de fundos não descura,
ou o próprio vigário que retirou a frase do sacrário.
Pague-as o penitente blasfemo
ou o puritano incauto.
O velhaco é antes de tudo um hedonista:
«culpa é passatempo de indolentes».
Levar vantagem, competir, agressividade,
isso sim é vocabulário de executivos.
Que sentido terá para o figurão a palavra ética?
Supostamente conhece o termo.
Julgará que é coisa de filósofos arcaicos.
O velhaco é agil – um pé no pedágio,
outro no ágio e outro no acelerador.

É tão sagaz que – dizem – nem cheira o próprio gás.
Realista: os quatro pés sempre no chão.
Não é nenhum tonto,
no país em que se tem direito a tudo:
da mendicância à degradação da natureza.
Tem mil razões o velhaco
para arrematar: pagar dívidas é coisa de otário!

CAUTELA

Cuidado com as mordidinhas do Butatã.
Cuidado com a cobra que devora os seus próprios filhos.
Cuidado com a sombra do fantasma fictício
e com a asfixia do pseudo-salva vidas.
Cuidado com a cunha da cunhã e com o cunho do cunhado.
Cuidado com a má (conha) e com a boa conha.
Cuidado com o cão canhestro, com o decano acanhado,
com o câncone acanalhado.
Com o biscoito depois do coito.
Com a carótida do Caronte, com o cérebro de Cérbero
e outros cuidados.
Cuidado com o lobo do homem,
com os urubus, os carcarás, os cardos, as urtigas, os répteis
e outras feras da selva repugnante.
Cuidado com o marca-passo da vigilância.
Com o puxa saco que se dá bem nos cus-de-mundo.
Com o bandido Asmodeu disfarçado de Serafim.
Com o Preboste de palidez marmórea e esgares indulgentes.
Com o riso bonachão do sinistro debochado.
Com os estigmas indolentes do ansioso.
Com métodos de maximização do abjeto.
Com a boca torta do indecoroso.
Com a síncope no abdômen do vampiro.
Com a sensação de sufoco que transmite o maroto.
Com as caretas do tremebundo que de tudo tira proveito.
Com a dúvida risadinha do mesquinho.
Com aquela ladainha hipócrita da figura eminente.

AVISOS FÚNEBRES

Não posso continuar assim, tendo uma casa assombrada na alma.
Clarões de lua nos espelhos, nos vãos sombrios de escada,
nos porões silenciosos.

Há mulheres armadas para o martírio,
fragmentos de gente pelos ares.
Por trás das colunas e paredes escuras,
os fantasmas de apoderam dos gatos
que gemem danadamente sob o influxo lunar.
Os refugiados afogam-se num charco de sangue
Os homicidas traficam à ponta de pistola,
Os agentes de segurança cobraram para não assaltar.
O cartel bélico tem sequazes confiáveis.
Horrores espetaculares
transitam ao redor do matadouro
Governos delinqüentes estampam ícones de altivez.
O transbordo das armas atômicas,
pedras contra tanques, gritos contra mísseis.
O soldado que dispara contra o medo.
Noite de velório sobre o mundo.
Quem pode continuar assim?

DA ZOOPROTEÇÃO

É crueldade maltratar os animais.
Há que erradicar o crime contra esses pobres seres.
Toda a Europa reprime esse delito
e os Estados Unidos impõem a cominação
e a punição dos delinqüentes
que matem qualquer tipo de animal,
(exceto os de inteligência superior).

NO TEMPO FUTURO

Quem viu no tempo futuro
que o mundo seria mais puro?
Na nova era irrigária,
veio turbamulta inglória,
as consciências apodrecem,
chavelos do cão cresceram
e os escrotos dos esgotos,
gângeters e amigos da onça,
vão tocando a jeringonça.
Heróis da guerra das raças,
da destruição das massas.
Cadê o milênio? Gorou.
Quem foi que profetizou

a vida estrada florida?
Veio o inferno vaporoso,
simulacro do mafioso
e da diáspora mental.
Pobre profeta banal
que sonhou tudo ao revés!
Meteu aos mãos pelos pés,
viu os sorrisos de Deus,
inflorescências nos breus,
e paz nos jardins da Terra.
Viu quimeras nessas feras.
O desdém dos libertinos
rouba o milênio de vez.
E o deboche dos cretinos,
assaltou a sensatez.
E o mago da sensatez
em seu cândido delírio
esqueceu-se do colírio?
E em seu idílioinda sonha
com jardins na Babilônia,
o profeta sacripanta
que bebe mijo de anta.

RECEITUÁRIO

Para que cesse essa algazarra do demônio
e a cidade não seja um manicômio.
Para aplacar de vez esses possessos
e exorcizar a fúria dos perversos,
corja que ri de tudo quanto é sério.
Haja sarcasmo, blasfêmia e vitupério!
Para infundir juízo a essa ralé,
mais selvagem que a onça e o jacaré,
esses pulhas infames, desalmados,
esses sacripantas degenerados,
cuja conduta suscita espanto e pasmo,
haja blasfêmia, vitupério e sarcasmo,
Para domar o instinto nauseabundo
da malta capaz de extorcionar o mundo,
matilha que envergonha a humana raça,
escória que ri da própria desgraça,
malvados marmanjos com voz de fêmea,
haja sarcasmo, vitupério e blasfêmia!

Para regenerar o pardieiro
e livrar-se do golpe trambiqueiro,
ardil que se disfarça de estultícia,
pior que a banda podre da polícia,
turba venal que não dá trégua ou refrigério,
haja sarcasmo, blasfêmia e vitupério.

FAUNA INSÓLITA

Esse pavão não é mais do que um peru,
esse leão não passa de um macaco,
águia que degenera em urubu.
Que colibri? Morcego de buraco!
São rebentos bastardos do rei Baco
e de Hetaíra, caprinos-batráquios?
Crápulas híbridos, de minotauros simulacros.
cavalgaduras de funesto espetáculo.
Unicórnios de bico, bucho e papo.
Cães infernais, filhos de cobra e sapo.
É peixe-boi, é boto e baiacú,
é mescla de piranha de cururú.
Patões-chacaís de boca no cu.
Simiesco corujão de estranho agouro,
Raposa que deleite e abutre, que decoro!
Cachorros de quilate e escabroso rabicho.
Que estorvo colossal, que atroz capricho!
Certas transformações de gente em bicho
e a tal espécie de animal demente
aberração da fauna repelente

CÓDIGO URBANO

A todo cidadão se assegura o direito de dormir nas ruas.
Sujo, fedendo, doente de miséria.
A todo cidadão se assegura o direito a se degradar,
cair no chão em qualquer esquina,
na pedra no frio na lama,
até que a morte o conduza a algum espaço mais baixo.
Dormir na calçada é um direito humano,
mas vender muamba em frente às lojas é delito.
A Prefeitura leva tudo
e baixa a porrada em quem vier pela frente.

CONTRA O OMINOSO HOMEM

Qual gota de lama num copo d'água,
um elemento nocivo contamina o ambiente.
Um sujeito prepotente, salafrário,
deve ser demitido, por demente.
Em nome do bem-estar geral,
fora com esse espantalho infeliz!
Um indivíduo indevido é infernal,
é deprimente, dá asco e alergia.
Dá comichão, provoca náusea
e é motivo de toda aleivosia.
Contra todos os tiranos do mundo
vai esta moção de repugnância.
Esta imprecação, esse repúdio rotundo.
O energúmeno, em última instância,
suscita-me horror a sua fuça.
E quem quiser que vista a carapuça.

REFLEXÃO

Deveria eu escrever esses libelos que ora escrevo
contra gente ignara,
gente que ascendeu de súbito
da barbárie à burguesia
e que não tem culpa de própria ignorância?
Mas, se tanto escrevo, é que me moveu
legítimo impulso irrefreável.
Não sei como isentar os insensatos.
Gente que injeta chumbo na alma,
sem consciência do próprio mal.
Seria possível ensinar-lhes a ser menos idiotas?
Estariam eles dispostos a aprender algo?
O silêncio conspira contra o sono.
À noite toda refleti sobre esse dilema..
Dormi dois minutos, talvez.
Gritos, alarmes e lambretas
despertam a cidade miserável.
Amanhece na zona do barulho.

UM ESTRANHO NO NINHO

«A vida só é gloriosa pra quem vive como eu vivo»
Eurípides

Se sou tratado de forma energúmena,
é de inveja, porque vivo abrigado à sombra das estrelas.
Porque não ando curvado no âmbito do rebanho,
nem sou dos delinqüentes autoritários
que apregoam a guerra eterna.
Eis-me tábua rasa dos abusos.
Mas não me queiram com a cabeça coberta de cinzas,
carregando a bandeira do engodo.
Não sei viver no aviltamento.
Espreita-me o esbirro,
porque me compadeço do sangue derramado.
Inveja-me o medíocre, incapaz de viver como eu vivo.
Meu ar de plenitude os desmascara.
Desesperem-se os mesquinhos!
Não lhes apedrejarei o mausoléu.
O mau exemplo não me contagia.
Afinal, a predição cumpriu-se:
o escárnio deles me engrandeceu.
A vida só é gloriosa pra quem vive como eu vivo.

RONDÓ PURGATIVO

Que merece essa gentalha feia
que abusa da paciência alheia?
Cadeia.
Que prêmio é justo para a insensata
e malfeitora turba canalhocrata?
Chibata.
E a canalha invererada de topete
que ostenta pose de suspensório e colete?
Cacete.
Aos crápulas que fazem barulho de noite.
Que Satanás os acoite.
Açoite.
E os primatas dos tempos da cova,
por essa algazarra merecem que prova?
Sova.
Que remédio cura a palhaçada,
a pândega dessa corja safada?
Porrada.
Cadeia, chibata e cacete
é pouco pra esse cacoete.

Açoite, sova e porrada
para essa esculhambação não é nada.

O DISSI(MULA)DO

Se faz de bobo mas é astuto,
pousa de simples mas é pernóstico,
é moralista mas dissoluto,
tem ar de crente mas é agnóstico.
Se diz abstêmio mas bebe cana,
fala qual macho mas e usa batón.
Se faz de humilde mas é sacana.
Parece limpo mas é bafon.
Tem mão de seda e unha de gato,
é solidário mas é tribal,
é dispersivo mas carrapato,
pinta de ovelha mas é chacal.
É circunspecto sendo gaiato,
é libertino e quer ser sisudo,
tartamudeia com espalhafato,
quer ser discreto e é linguarudo.
Um puritano que anda em bordel,
vive sorrindo só de ansiedade.
Faz o jejum com sarapatel,
um franciscano todo vaidade.
Um orgulhoso que sempre adula,
sem interesse mas na esperteza.
Um ilibado que manipula,
um perdulário todo avareza.
Se faz de amigo mas é raposa.
Tem convicção e ouve fofoca.
Um atrevido que nunca ousa,
inteligente mas é boboca.
Super ativo mas preguiçoso.
De tão banal chega a ser ladino.
Se diz ingênuo mas, de manhosos,
guarda segredo em boca de sino.

ACREDITE SE QUISER

Não é roubo,
é evasão de divisas.
Não é proteger ladrão,

é acobertar figuras de histórico polêmico.
Não é corrupção, é só conduta irregular.
Não é desonestidade, é legítima defesa do bolso.
Não é bandidagem,
é relação assentada em pressupostos pragmáticos.
Não há ladrões, é a ocasião que se aproveita deles.
Não há suborno, o que existe é contribuição voluntária.
Não há trapaça, há promissórias da leniência.
Não há falcatura, há concupiscência atiçada.

PARTILHA

Na partilha de direitos e deveres,
a polícia tem o dever de não massacrar o indigente
e este tem o direito de dormir nos bancos de cimento,
sem ser incomodado.
O marginal não se perturba com os barulhos da noite
e o burguês não precisa temer o inofensivo vagabundo.
Eis o pacto social.
Até o momento em que algum insatisfeito o rompe:
a violência como argumento.

PARASITAS EMPLUMADOS

Parasitas emplumados cuidam do descaso,
da enxurrada das vantagens.
A favor do desmando exercem mandato,
funcionam no balcão das artimanhas.
São psicopatas
cuja falcatura é aplaudida em comícios.
Tem-se o verdadeiramente abominável:
no superfaturamento, especialistas em fraudar.
Nas denúncias, o engavetamento.
Armagedom nas execuções sumaríssimas.
Lobistas da máfa na custódia do ouro.
Na prevaricação de ofício, juízes de prostíbulo.
Há mendigos de sangue azul com rolex paraguaios?
Impera a polícia do terror?
A livre iniciativa arruma o salão dos desonrados.

CULTURA DE MASSA

O comércio anuncia viagra no dia dos namorados.

Procura-se crianças para comerciais de TV.
O biguebroder expõe novos viados.
Há exibicionismo de currais irrigatórios.
Eu só vejo a «grobo», diz o segurança.
O novo autor não cabe nas estantes.
O burguês dilata as vísceras e atrofia o cérebro.
A multidão carrega os féretros gritando.
A ajuda humanitária vem em seguida.
Qualquer idiota é considerado um grande artista.
Qualquer mentecapto é uma eminência no picadeiro.
Pode pedir esmola quem quiser.
Todo mundo é gênio na casa de Satã.

HINO À PAZ

Triste é ver da guerra o rancor sangrento.
Irmãos matando irmãos nos conflitos da miséria humana.
Um dia seremos todos verdadeiramente pacíficos,
todos amigos pelo coração,
vivendo a igualdade espiritual
e o reconhecimento da verdade superior,
a lei que nos ensina harmonia.
Duro é viver em desavença!
Que a concórdia se estabeleça na personalidade humana,
que todas as virtudes nos defendam
e que um ideal estético seja o nosso pavilhão.
Um dia as nações se visitarão em irmandades,
sem armas e sem orgulho
e não teremos mais a tristeza dos confrontos.
A guerra será uma recordação triste
e o comércio terá como objetivo único
a subsistência confortável de todos.
Há de haver trabalho bem remunerado
e oportunidade e instrução para todos.
Eu canto o advento do novo mundo e da nova vida.
Havemos de reconhecer juntos esta lei maior:
a vida só tem sentido se caminhamos juntos.
A paz é uma ordem da consciência.

PENSAMENTOS NO BOSQUE

Aqui nenhum carro nos agredirá contaminando a vida.

Ao invés do barulho dos motores,
sou recebido com música.
Melhor que a recepção dos estadistas,
homenageados com tiros de canhão,
os rouxinóis me oferecem uma fábula de trinos.
Convidado de honra, declaro-lhes o meu júbilo
e celebramos um acordo auspicioso,
mais solene que as cartas credenciais
e as mensagens dos chefes de governo.
Que não surja humana figura com triste aspecto.
Apenas o chão de pétalas e o perfume.
Apenas a placidez das ramagens.
Atmosfera serena gotejando bálsamos.
A sombra reconforta as árvores
refletidas nas dançantes águas.
Sobre as pedras um passarinho bailarino toma banho de areia.
A tarde lembra um quintal perdido da infância.
Celebro a vida com os pássaros,
frágeis e ágeis, aterrissando, saltitando e fugindo,
velozes como o tempo.
Aqui não sufocamos o olfato com gases venenosos.
As árvores meditam ao embalo do vento,
lânguidas e permissivas.
Não venha humana figura...
O industrial destrói um reino enquanto acende o charuto.
Outro patife qualquer estragaria o ar e assustaria os pássaros.
Prefiro a companhia dos gnomos e elfos.

VINDICTA

Onde está o que sorri
com olhos de maximizar prendas do destino?
Quem me conhece sabe que ando sofrendo.
Os caminhos por onde vou...
Onde o príncipe, soberano inatácavel?
Vê a minha indigência!
Imploro augúrios ao empíreo,
aflito nos ínvios enleios da expectativa.
Espero o milagre de que me alimento
e sempre a espera se renova.
Mas quem recordará comigo a dor dos pavorosos dias,
depois que o tempo crivar cicatrizes sobre estas chagas?
Depois de tanta luta insana, quem estará comigo

quando eu abraçar o galardão dos vitoriosos?
Sofri bastante para ser lembrado entre os poetas.
Vinde, vinde, fiéis amigos,
é tempo de vislumbrar um horizonte de justiça!

DUENDES

Os demônios de Rimbaud me estremecem os nervos,
me roubam o sono – estou possesso
e transpiro a perfídia de sua peçonha!
Caminho pelo quarto e a obsessão me persegue:
quero expurgar de mim estes venenos, exorcizá-los.
Se eu pudese sair pelas ruas...
Mas é tarde, a madrugada está povoada de fantasmas.
Quero rezar, eles me confundem a fé.
Por que fui dialogar com Rimbaud na noite sobrenatural?
São três da madrugada...
Tocado pelos possessos, quero fugir pra Somália (solidão atroz).
Se eu chamassem a morte de irmã...
Ressoam clamores, espasmos de tédio, horrores místicos.
Assaltam-me terrores tristes, querop trégua!
Arcanjo maldito, que querem de mim esses teus duendes?
Por que me tentam teus companheiros íncubos?

ITINERÂNCIA

Regozijo-me na cálida noite do hemisfério.
Amanhã partirei.
Há de ser de pão e luz o meu trabalho.
Vento no arvoredo da serra tropical.
Torpor da brisa de novembro.
Partirei com o signo da esperança:
O brasão noturno do Cruzeiro celestial.
Terra dos meus enlevos,
Que saiba cultivar as bençãos
e dividir as dávivas.
Não haverá exílio
se eu preservar a chama deste alento.
Rumor de folhas estivais.
O fulgor da hora.
A força do vento festeja minha viagem,
refúgio itinerante nos celeiros de mim.
Sombras rútilas do amanhecer de minha ventura.

UM DIA MÍSTICO

A Rumen Stoyanov

Refutando antigas desventuras,
saio à rua com a certeza de que a vida não é um problema,
mas uma solução.
Além das paredes dos prédios,
o horizonte em fogo me aquece os nervos.
Vejo imagens antropomórficas nas nuvens,
como no dia em que, olhos fechados,
vislumbrei a fonte dos Avatares
e configurou-se a face de Zeus Oromasdes.
Choveu e o ar se impregnou de perfumes.
Em cada poça d'água vejo o céu refletido.
Pensarão que ando doido se me ponho a mirar poças de água?
Se me ponho a olhar o céu em plena rua?
É que ninguém percebe o tempo propício,
ninguém vê o dia magnânimo.
Que importa a cidade cheia de sujeitos mal intencionados?
Há lixo e matagais no asfalto esburacado,
mas em dias assim a vida é um ato de fé,
uma viagem mediterrânea,
um interlúdio floral.
Mesmo a confusão do trânsito se reveste de virtude solar.
Mesmo as coisas mais prosaicas,
o matagal nas calçadas esburacadas,
a fumaça dos ônibus enferrujados,
tudo se sublima na grandeza do dia.
Andar no espaço banhado de luz,
alumbrado de visões prismáticas.
A cidade é um objetivo em si, um Vesúvio sonoro,
com preeminências florais
(no corpo de algumas mulheres, nos seus olhos multicoloridos),
Transporto-me aos cimos de um novo enlevo,
em ondas de mais alta freqüência,
as nuvens esboçam mágicas formas,
caminhos transversais,
meu segredo é decifrar a semântica de suas metamorfoses.

ARTE POÉTICA

A poesia, a mais libertina das artes,

dá cambalhota, dança no trapézio,
veste andrajos nos salões.
Só tem por limite o ilimitado.
Não tem arestas nem se prende à circularidade.
Salta sobre as muralhas do jardim de Apolo.
A Dionísio faz curvar-se, cerimonioso.
Tem de narciso o inatacável riso.
O lampejo fluido da música
e a concretude da iconografia.
Alimenta-se de experiência
e quanto toca em si transforma.
Bebe a luz do nada e vibra nas cordas da essência,
em ressonâncias de nervos e neurônios.

ORIGENS

A Ruy Fabiano

Desembarcamos da Arca.
Do Ararat nasceu Babel,
onde ergueu-se a Casa de Abraão.
Jacó gerou descendência,
Moisés sobreviveu à corrente,
o mar se abriu e o maná prodigou vida.
O Sinai propiciou a lei.
Josué recebeu o prêmio da Quaresma.
Jesus se entregou ao sacrifício da Páscoa.
Em Sagres desvendamos o mar
e abraçamos a cruz.
Num cenáculo de tristeza,
esperamos a ceia do nosso Pentecostes.

SONETO ROMÂNTICO

A formosura desta praia anil,
as carícias de um vento tão amigo,
todas as alegrias do Brasil,
só têm sentido quando estás comigo.
A música fluindo tão sutil,
belezas que expressar sequer consigo,
me maltratando estão de angústia vil

e de saudades tuas – meu abrigo!
Meu porto e meu viajar no mar da vida!
A tua presença me ilumina e guia,
dando ao meu mundo norte e companhia.
Ah como a vida se me fez sombria!
O momento infeliz da tua partida
deixou-me assim, sem rumo e sem guarida.

UM VERSO

Se me fosse dado escolher um verso apenas,
seria o «tudo vale a pena se a alma não é pequena».
Não se trata de «os fins justificam os meios»,
que soa inexcrupuloso.
É muito mais que «ama e faz o que queres».
Por amor nem sempre se faz o mais digno.
Mas, se a alma não é pequena,
não pode haver proposta indecorosa.
Se a alma não é pequena, toda afronta é irrelevante
e todo sonho é lúcido.

RITO DE PASSAGEM

Estou entre o ônibus e a parede do túnel,
numa conjunção desfavorável dos astros.
Estou entre lixo e fumaça.
Em cada esquina há um templo de luz,
mas em mim prevalece a conspiração dos deuses.
O mar parece a extensão das minhas lágrimas.
Estou entre o abismo e a montanha iluminada.
Meu constrangimento, lição de labirinto,
é uma má-formação congênita.
Coroa de espinhos no horizonte,
ácido que corrói a cartilagem dos prazeres.
Hoje que nenhuma música me arrebata,
minha herança, abismo de tristeza,
assombro em cada gesto do vento.
A noite toda passei lendo amarguras.
Rito de passagem pelo inferno zodiacal.

RECORDAÇÃO DE Creta

Falou-me à alma o horto canoro

e as águas que clamam no silêncio.
A laguna na perspectiva,
com gradações de pedra.
Ilha de ágata.
O vento entoando um sopro onírico nos metais.
Um festival de silvos onde o mar se precipitava.
O encanto daquela mística névoa.
Beijei o sal das areias, bebi ânforas de mel.
Ficou-me o emblema das esfinges,
como em Homero as vinhas de Ítaca.
A emoção dos pássaros embevecidos,
o diadema dos ciprestes.
Estradas serpenteando abismos.
Sobre as amuradas inalei o mijo de Minerva
no perfume das espumas.
Vi Kourna, gota do Egeu,
lágrima de esmeralda no céu das venerações.
Nuvem lânguida no rosto do dia.
Deitado no leito de um rochedo,
em Preveli, sonhei com o sussurro das palmeiras,
inebriado de orvalho crepuscular.
A laguna jorrava cristais.
Surgiam musas entre clamores verdes,
voando na ventania, girando etéreas visões.
Relâmpagos ardiam do firmamento.

SETE PERGUNTAS A TINTORETTO

Será a glória definitiva
a vertiginosa escala aos orbes da luz?
Quando é que se repetirá esse dia
na celestial história?
Quando seremos arrebatados da humana pobreza
e veremos tal consagração?
Flutuaremos assim venturosos
ante os portais abertos do paraíso?
Voaremos, em jogos esféricos,
num pélago de nuvens incandescetes e anjos músicos?
Mereceremos a comunhão das imortais hierarquias?
Quando é que nos alçaremos a essas rosas auras de eternidade?

OS TÚMULOS DE NIZZAMUDIN E AMIR KUSH

No fundo do labiríntico bazar,
ao redor dos dois túmulos,
a multidão reza, os olhos portos nas mãos abertas,
como a ler um livro.
Oferendas de flores transbordam
nas imediações dos quiosques.
Na entrada, pedintes e sacerdotes mendigam.
As mulheres, proscritas dos recintos,
murmuram nas adjacências, chorando,
com olhos fixos nas frestas
e as cabeças recostadas ao muro.

DELHI

No mistério das velhas pedras,
o eco dos abandonados minaretes.
Nos bosques arejados sob o tórrido torpor,
cada degrau narra historias recônditas.
Florescem tumbas no esplendor da decrepitude.
Torres, cúpulas e pedras com arabescos.
Palimsestos sedimentados nos portais.
Os jardins do imperador
cingidos de arcos, vértices e porões
com pássaros sob as escuras cúpulas.
Pórticos octogonais à sombra dos pardacentos blocos.
Quem foi grande merece um palácio por túmulo.
Os imortais na morte repousem sob lápides
e os mitos sobrevivam ao trabalho dos ventos!

BOMBAIM

À sombra das grandes árvores,
deitam-se os que não tem casa.
No meio da indigência geral uma cítara ressoa.
No meio da fuligem e da lama,
o sândalo exala.
A multidão faz estrídulo
diante do Gateway, no pedestal de Vivekananda.
Um santo estende a mão
entre monturos de lixo e esgotos

e uma benção de misericórdia ilumina os rostos.
Vem de algum lugar um sonho que incendeia a tarde.
Talvez do pardieiro, ao redor do velho tanque,
que Rama fez brotar com sua flecha ígnea,
porque Sita sentira sede na sagrada viagem.
Nas águas verdes, patos, meninos e velhos tomam banho
e as lavadeiras esfregam roupas.
Alegam-se no calor da tarde,
entre pagodas e pátios de mendicância.
Há quietude apenas no jardim de canteiros circulares,
que os corvos sobrevoam.

PLENITUDE VISIONÁRIA

Água Lustral

DO ELEVADOR DE SANTA JUSTA

Tenho nas retinas alpendres amontoados,
gradações ao pé dos miradouros.
Tenho a alma impregnada de luminosidade.
Flutua-me na memória um labirinto de telhados,
um rio azul que oscila em declínio.
Concha em que o tempo acende telhados esmerilados.
Visionárias torres sobre o veludo da Avenida.
No extremo das águas a névoa das colinas.
Cores nas janelas lavadas de vento.
Barcos que evocam grandezas antigas.
No périplo azul, pináculos de fluido lenitivo:
o casario na outra margem.
Ilhas avultam nos etéreos confins.
Adivinham-se horizontes para fundar mundos.
Onde nos leva o rastro das espumas?
Quem conhece o destino do vento?

PERORAÇÃO SOBRE O PARQUE

Um parque, longe da estação penitencial,
é um lugar onde os pensamentos
são como o sol sobre a relva.
Um lugar pra quem, como o Guerra Junqueiro,
não esbofeteia o vencido com as mãos do vencedor.
Um lugar pra se dizer, sem a hesitação do Rui Belo,
que os pássaros emanam das árvores.
Num parque é que se sabe
o que vale cada musa do Heriberto Helder.
Num parque é que se sabe que um termo equivocado
equivale a um bufão sórdido em qualquer âmbito.
Num parque é que se pensa no nome de Florbela Espanca,
por exemplo, para o lugar de onde se vê o Tejo

e para além dele.
Ficaria bem a homenagem
à rainha de aquém e de além dor.
Why not? É nativa, é nacional,
sem nada a opor à República nem à Democracia!

RUA DAS PORTAS DE SANTO ANTÃO

Toda paramentada de balcões,
invadida por turistas e mesas,
a rua das Portas de Santo Antão.
É a rua do Coliseu e da Sociedade de Geografia.
É um corredor em que o vento deflui,
lavando a face dos comensais,
clareando a antiguidade das paredes.
Nela prevalece, mais que nacionalidade, vida.
E os transeuntes, na certeza dos bons tempos,
nem se recordam (quem diria)
que Camões foi preso por aqui,
na Cadeia Municipal do Tronco
(a 16 de junho de 1552, diz a inscrição no azulejo).
Nove meses padeceu cativeiro
por ferir de espada um rufião do Paço.
Depois partiu, desterrado, para a India.
Viva Camões, o gênio hostilizado.
O que não levava desaforo pra casa!

O ELÉTRICO 28

Caracoleando relíquias, num zigzag estonteante,
o elétrico serpenteia as alvuras do estuário.
Cortando a estreita escada das esquinas,
roçando a cara das vivendas,
ladeira acima, ladeira abaixo,
o elétrico é uma nave de luz sobre as varandas.
Das alturas da Graça,
se vê a jangada de pedra.
É Lisboa, medida na dimensão vertical.

Vai apinhado o artifício ambulante:
«chega um b'cadinho atrás»!
A tabuleta indica «cuidado com os carteiristas».
Uma velhota alerta os passageiros com um gesto de mão.
Outra, gordota, pede o acento a uma rapariga
e mostra o joelho estropeado.
«Não precisa nem mostrar».
Depois, ordena aos gritos:
«saiam daí! Vão patrás!»
O elétrico, sobre a nervura do Tejo,
como um caixote em movimento,
é um arquétipo da condição humana.

NOTURNO DO TEJO

Esta noite em que não durmo
e tenho diante de mim as luzes do cais.
Enfeitiçado pela lua,
como se escutasse ao longe um alaúde,
uma obsessão de viajar me altera num delírio.
O Tejo, cingido de clarões evasivos,
cintila dissonâncias como nostalgias.
Lisboa é um claustro soturno,
um monastério de insônia.
Noite acesa
do Cais do Sodré às luzes de Almada.
Noite com faróis na água e o rumor dos motores.
A lua cheia, álgido castiçal,
acende na ponte uma coroa de brilhantes.
Um colar diamantino espelhando miríades.
Das casas dormidas do outeiro
as longínquas tochas luzem.
A ponte é um luzeiro ardente.

LAPA

Um magnetismo estranho me atrai
à esquina da poética rua Sacramento à Lapa
com a não-tão-poética rua do Pau da Bandeira.
Seria a fachada dos velhos casarões
o que me recorda qualquer coisa da infância?
Seria o declive da perspectiva,
em que se projetam telhados
e o prodígio da dispersão azulada?
Horizonte que se alonga ao extremo da serra,
a ribeira translúcida além das torres
e o vento a brincar nos últimos quintais.
Sonho com a idéia
de que outros poetas deambularam nestas ruas,
onde tudo são imagens de outrora:
um palacete ornado de jardins,
reminiscências como estigmas nas paredes.

AS TRÊS ESTÁTUAS

Como em vida enxoovalhado,
mas ofuscando os mediocres com o seu talento,
cercado pelos cronistas e cagado pelos pombos,
Camões comanda a Praça.
Pior estorvo sofreu dos que o não reconheceram.
Na efígie, apolíneo, sublime,
o Poeta desdenha o desprezo e a própria glória.
Mais adiante, à boca do Metro,
o Chiado, dionisíaco, encurvado,
exibe um riso sarcástico na encruzilhada.
E diante dele, o Pessoa
reduzido a relações públicas de um restaurante,
parece convidar, com um gesto, os que transitam.
Era sina servir ao mercantilismo
quem sobreviveu de escrever cartas comerciais...
É um mercador, pensará algum desavisado.
Fernando Pessoa é a minha referência na Baixa.

Aqui o poeta conviveu com Mário de Sá Carneiro
e com Augusto Ferreira Gomes, meu ancestral.
Tolerou os falsos mendigos
e comeu dobrada à moda do Porto fria.
A presença dele, outrora, nestas ruas
dá sentido à minha ao passar por elas.

31 DE DEZEMBRO DE 2005

O último dia do ano deveria ser um dia
como outro qualquer.
Sem temores, sem sobressaltos.
Mas entristeci de pensar.
A canallha assavia, a sirene passa
e eu me deito sobre os meus 48 anos.
Da varanda vejo o Tejo,
a noite abriu-se como por encanto.
Há bulício nas casas e nas ruas.
Olofotes e estrelas anunciam
e eu desentristeço de expectativa.
Os barcos são candeias na fragrância das águas.
A meia noite acende os formidáveis fogos.
As auras fosfóreas produzem súbita aurora.
É já manhã na face lisa do Tejo.

DA ESTRELA À LAPA

50 minutos de ruas estreitas
que os motoristas atravancam.
Depois do enleio de carros e semáforos letárgicos,
o Rato aparece como um pátio,
uma estalagem de onde se divisa, sobre os telhados.
na torre heráldica, a cruz e a espada dos jesuítas:
a cúpula da Estrela sobre a floração das copas,
guardada por Pedro Álvares Cabral,
galhardamente alçado,
como se defendesse a fé e a natureza
diante das primícias do Jardim.

Na avenida cheia um psicopata buzina
pra que eu avance o sinal.
Impossível meditar sobre a Clepsidra do Camilo Pessanha!
Dobra-se a orelha do retrovisor lateral
e o resto é deslizar na ladeira esguía.
Três imagens emergem do tumultuado périplo:
o Rato, conventual e purpúreo,
a Estrela, ícone soberano
e o Cabral arrebatado, desfraldando a bandeirona,
como se desbravasse, em frente à Basílica,
o litoral do Brasil.

PERSPECTIVA DE LISBOA

Dom João I brandindo o cetro na Praça da Figueira.
Gentes d’África filosofando sob as colunas do Teatro.
Policromias de decadênciа nos azulejos.
Claustro de marfim aberto às varandas.
O Rossio florido de gotas irisadas,
São Jorge nas muralhas e a colina de ciprestes.
Calçadas longilíneas como afluentes da Praça do Comércio.
O dédalo de becos, as paredes estigmatizadas
e ao longe o rio aceso
entre reverberações de arquitetura.
Nas janelas oscilam panos,
enquanto um fado reclama da ventania.
Retábulos sobre os quais as gaivotas borbulham.
Os panos nas varandas são bandeiras de esperança.
Ondas turvas na raiz do vento.
Nuvens embalsamadas na parede do tempo.
A pantomima da cidade em seus andares que se alteiam
místicos, coloridos,
desponta vértices, poliedros coriáceos.
Pináculos em profusão geométrica.
A estética da liberdade
mostra que o espírito é o sujeito
e a matéria o objeto.

RECORDAÇÃO DOS CIGANOS DA BULGÁRIA *A Nara Vasconcelos*

Os ciganos solfejam romantismo
entre quiosques de livros ilegíveis.
O mais gordo remexe os ombros, sincopadamente,
num sorriso de mundos estranhos,
as mãos farfalhando o acordeón
como uma grande mariposa.
Mira o céu, além dos óculos escuros,
bebendo as harmonias do ar.
Na Praça Slaveikov os ciganos cegos entoam doridos tons,
com gestos faciais de ambrosia e néctar.
Do outro lado da Bulgária,
os meninos de Sozópol
recolhem lixo na praia do Mar Negro.
A mãe, maltrapilha, entrega a ponta de cigarro
à criança descalça e nua.
O bando apanha detritos na areia:
leva garrafas, papéis, caixas de manteiga,
espias de milho carcomidas...
Os que cruzam as aldeias indolentes
arrastam a montaria no amarelo fosco dos trigais ceifados.
Uma carga de porcos mortos aparece na estrada.
Há rebanhos devolutos entre girassóis.
Nas alas do arvoredo na Stara Planina,
a efígie da fertilidade em vindimas,
aldeias emergem do rés do chão.

RECORDAÇÃO DE CRETA

Falou-me à alma o horto canoro
e as águas que clamam no silêncio.
A laguna na perspectiva,
com gradações de pedra.
Ilha de ágata.
O vento entoando um sopro onírico nos metais.
Um festival de silvos onde o mar se precipitava.

O encanto daquela mística névoa.
Beijei o sal das areias, bebi ânforas de mel.
Ficou-me o emblema das esfinges,
como em Homero as vinhas de Ítaca.
A emoção dos pássaros embevecidos,
o diadema dos ciprestes.
Estradas serpenteando abismos.
Sobre as amuradas inalei o mijo de Minerva
no perfume das espumas.
Vi Kourna, gota do Egeu,
lágrima de esmeralda no céu das venerações.
Nuvem lânguida no rosto do dia.
Deitado no leito de um rochedo,
em Preveli, sonhei com o sussurro das palmeiras,
inebriado de orvalho crepuscular.
A laguna jorrava cristais.
Surgiam musas entre clamores verdes,
voando na ventania, girando etéreas visões.
Relâmpagos ardiam do firmamento.

SETE PERGUNTAS A TINTORETTO

Será a glória definitiva
a vertiginosa escala aos orbes da luz?
Quando é que se repetirá esse dia
na celestial história?
Quando seremos arrebatados da humana pobreza
e veremos tal consagração?
Flutuaremos assim venturosos
ante os portais abertos do paraíso?
Voaremos, em jogos esféricos,
num pélago de nuvens incandescetes e anjos músicos?
Mereceremos a comunhão das imortais hierarquias?
Quando é que nos alçaremos
a essas rosas auras de eternidade?

OS TÚMULOS DE NIZZAMUDIN E AMIR KUSH

No fundo do labiríntico bazar,
ao redor dos dois túmulos,
a multidão reza, os olhos portos nas mãos abertas,
como a ler um livro.
Oferendas de flores transbordam
nas imediações dos quiosques.
Na entrada, pedintes e sacerdotes mendigam.
As mulheres, proscritas dos recintos,
murmuram nas adjacências, chorando,
com olhos fixos nas frestas
e as cabeças recostadas ao muro.

DELHI

No mistério das velhas pedras,
o eco dos abandonados minaretes.
Nos bosques arejados sob o tórrido torpor,
cada degrau narra historias recônditas.
Florescem tumbas no esplendor da decrepitude.
Torres, cúpulas e pedras com arabescos.
Palimpsestos sedimentados nos portais.
Os jardins do imperador
cingidos de arcos, vértices e porões
com pássaros sob as escuras cúpulas.
Pórticos octogonais à sombra dos pardacentos blocos.
Quem foi grande merece um palácio por túmulo.
Os imortais na morte repousem sob lápides
e os mitos sobrevivam ao trabalho dos ventos!

BOMBAIM

À sombra das grandes árvores,
deitam-se os que não tem casa.
No meio da indigência geral uma cítara ressoa.
No meio da fuligem e da lama,
o sândalo exala.

A multidão faz estrídulo
diante do Gateway, no pedestal de Vivekananda.
Um santo estende a mão
entre monturos de lixo e esgotos
e uma benção de misericórdia ilumina os rostos.
Vem de algum lugar um sonho que incendeia a tarde.
Talvez do pardieiro, ao redor do velho tanque,
que Rama fez brotar com sua flecha ígnea,
porque Sita sentira sede na sagrada viagem.
Nas águas verdes, patos, meninos e velhos tomam banho
e as lavadeiras esfregam roupas.
Alegram-se no calor da tarde,
entre pagodas e pátios de mendicância.
Há quietude apenas no jardim de canteiros circulares,
que os corvos sobrevoam.

PAISAGEM HIBERNAL

A Maria Edileuza Fontenelle Reis

O branco de um dia celeste deitou-se sobre as coisas,
espraiando um chão caidado de alvíssimos grânulos.
Quem semeia brumas de nata em concretos campos?
Florece algodão em toda planta
e a poeira glacial suavemente se recama
na clara noite do asfalto.
As ruas têm languidez de talco
na tarde de aromas líquidos.
Além da cara mercantil das vitrines,
sobre contornos levíssimos de espuma,
nuvens diluídas cintilam.
A pirâmide álgida do Mont Blanc reluz espectral:
argêntea salina de pântanos encanecidos.
O Salèle escorre o cortejo azulado
e na frialdade agônica os passarinhos trinam.
Genebra, 19 de fevereiro de 1996
23 Plenitude Visionária

Engenho Urbano

O RIO DIONISÍACO

A Ricardo Alfaya

O Rio lúdico dos bares de Copacabana.

O Rio compatível com o meu romantismo.

Onde há cantores que falam de arco-íris
na noite de vitrines e lanchonetes.

O Rio onde sou poeta no meio do tumulto,
o barulho dos ônibus forjando o desregramento dos
sentidos.

É ver belas mulheres e o que há sensual em tudo.

É estar de férias e percorrer Ipanema:
a favela como um caleidoscópio,
o calçadão lavado de brisa.

É encantar-se com a vertente da noite:
as sombras dos coqueiros,

o tremular das palhas que o vento beija.

Caminhar dentro do ar translúcido,
praia de deleitáveis alvíssaras.

Cidade que o mar bendiz, apesar das aberrações.

Rua Ataulfo de Paiva:

nas manchetes as notícias de causar dó.

O Rio paroxismo do paradoxo:

Leblon de quietude monástica.

Indigentes que nem cadáveres nos recantos sombrios.

Não quero mais ver gente com medo de gente.

Porque tenho a alma fervilhando música.

TANUSSI CARDOSO, REI DE COPACABANA

Tanussi é um poeta iluminado.

Não há nisso nenhuma pretensão,
mas a condição de viver envolto em música.

Tanussi ri pra o mundo e chora pra si,
atormentado pela própria lucidez.

Sabe que sorrir é uma forma de escrever a humanidade

E ouve o silêncio do mar.
Sabe que gostar de gente não é perigoso.
Em Copa, sua jurisdição é o trono da ternura.
Carrega a bandeira do sonho.
A poesia, consagração da graça,
é o perfume do ar e o sabor da vida.
Néctar da pele das auroras.
Degusta-a com prazer palatável.
Boca maldita, espanta os galos de prontidão.
Oráculo do êxtase e da dor.
Doador de luz para que encontremos a saída dos becos.
Tanussi é um grão de poeira
plasmado pelo sopro lexical.
Olhos postos na fronteira dos arcanos,
cidadão da república dos poetas.
Deus nos guarde, Tanussi,
a bem-aventurança é um lugar à luz do sentimento.

PERFIL LÍRICO DE AFFONSO ROMANO DE SANT' ANNA

Um poeta avesso à santidade protocolada,
rebelde a toda repressão,
perplexo ante a morte coletiva.
Um poeta que vê constelações no corpo das mulheres
e cultiva o vício da beleza.
Um poeta que sente a luz que há dentro da pele
e repugna ver batalhas em plena rua.
Um poeta que rechaça o veneno onipresente.
Que não sabe sorver a vida indiferente.
Infenso às ameaças, iluminado pelo prisma das catedrais,
transtornado pelo desencontro das almas.
Um poeta que é o revés de Rilke:
em vez de inspirar-se em castelos,
assusta-se com tiroteios.
Em vez de contemplar cisnes,
recolhe o mote das notícias de assalto e guerra.
Pleno de expectativas, escreve como se lhe ardesse o ser.

A um tempo íntimo das estrelas e expectante do cotidiano,
escreve espantado com a singularidade das coisas.

DIA DE SÃO JORGE

Exorcizei 500 demônios.
Tenho a alma como pluma.
Deglui iguarias na casa de Thereza Motta,
na companhia do Tanussi, rei de Copacabana,
da Elaine, a que dialoga com os anjos,
e do Ricardo, o que com riso espontâneo
domina as entidades espirituais.
Vislumbramos a cidade além dos quintais de Santa Teresa,
vimos os portentos rutilantes.
Tive um dia de equilíbrio lúcido,
Conversei com poetas.
Sou digno da inveja dos estadistas.
Não posso negar minha bem-aventurança.
Convivo com a estirpe mais evoluída do planeta.
Venho da rua Aprazível
e tenho a avenida Atlântica toda pra caminhar.

AFINIDADE DEFINITIVA COM MARCO LUCCHESI

Depois de quarto décadas semvê-lo,
Marco Lucchesi me dedica desvelo generoso
e recordo que nos vimos desde sempre.
No túnel das percepções que se ampliam
entre a Biblioteca e a Universidade,
vejo-o agora como se na Itália, na Síria, na Suméria.
No dia luminoso, de claridade interna,
o relevo nos propicia visões quiméricas.
Reconheço-lhe a fisionomia:
é o escriba da Ágora nos portais da hora.
Na latitude afetiva, percorremos cidades extintas,
vimos o demiurgo erguer metrópoles
delineadas nos contornos do mar.
Cruzamos fronteiras de outras dimensões,

contemplamos horizontes
de que o olhar preserva vestígios.
Bebemos das águas lustrais do Arno,
entre paisagens indeléveis.
Haja comércio entre nós, digo qual o Pound,
imaginando, na leitura de “Sphera”,
o círculo util da lua refulgente.
O não ser nada que se torna o ser tudo.
Imerso nos veios da noite,
meditando, intertextualmente,
na chama do Astro e na “dissonância universal”,
busco, à sua maneira, em cidades imemoriais,
o bálsamo da redenção.
Dos caminhos não desiste o peregrino.
Somos plantas de uma raiz única,
rios de sinuosos meandros,
cuja a correnteza flui à predestinada confluência.

CONJECTURAS SOBRE O MAR DE IPANEMA

Valeu a pena caminhar entre a avalanche e a fumaça
até desfrutar dessa perspectiva:
há ilhas aquém e além da perfeição alada.
Ipanema translúcida, raio coruscante do mar,
não obstante, do outro lado, a agonia da competição
e os mendigos, hóspedes das calçadas.
Nas alturas do oceano o ritual sonoro,
a franja branca lavando a praia.
Horizonte aberto entre rochedos,
Ipanema areia de seda feminina.
Sereia que as águas beijam de púrpura,
no teu remanso a tarde é suave como as ilhas.
Ipanema, estância abrasada de volúpia,
quem não conhece em mim o monge tântrico?
O derviche na música das tuas ondas?
O idólatra dos deleites sensoriais,
tocando com os sentidos a delicadeza dos teus contornos?
Substância angelical do meu kama sutra de expectativas!

Peripécia existencial do meu absoluto!
Invento vocábulos para cortejar-te o mar:
magnanímico, protomagnético, lumifacético.
Termógeno voligerante! Mirábilis clarestesia!
Os três reinos no leque polícromo dos edifícios,
na teia vidente da serra emoldurada pela bruma.
No declive pontilhado,
o dorso da montanha divide os irreconciláveis.
A humanidade em facções aquarteladas.
A desigualdade refletida na urbanização.

CONVITE À CONTEMPLAÇÃO DO MAR DE COPACABANA

Vamos ver o horizonte lânguido,
ver o mar com suas malhas translúcidas,
sua sonoridade inebriante,
o céu com suas cores melancólicas.
Vamos fluir na transmutação do tempo,
respirar o alento álgido das espumas.
Vê como a natureza é fraterna!
Vamos contemplar o domingo:
a praia é nossa dádiva.
O litoral nas acaricia com o vento vespertino,
iguala todos os homens na visão e na leveza do ar.
Copacabana é de todos,
na praia não se distingue raça ou classe
e perto da natureza o homem fica menos feroz.
Vamos celebrar a paz da brisa marinha,
a beleza da cidade de montanha e floresta.
Quantos esplendores na face das águas borbulhantes.
O rastro iluminado da onda,
os reflexos iridescentes no dorso da maré.
Os poetasvidentes
enxergam diamantes diluídos no espelho flutuante.
Sou dos que idolatram o mar.
Tenho venturas no olhar e aventuras na alma.

MADRUGADA DE MARÇO

Do Recreio dos Bandeirantes,
vejo a rutilância do litoral da Barra.
Na noite iluminada percorro a Avenida Niemeyer
e vejo o ponteio dos faróis em alto mar.
Palmilhando a costa escarpada,
fluindo entre o paredão e o precipício,
contemplo as peripécias do Atlântico,
Alta maré, as ondas rebentam indômitas,
o mar celebra o seu rito de consagração.
Parece que vai transbordar até à calçada.
Atravesso Ipanema intramuros,
pela rua Joana Angélica,
até o corte do Cantagalo
e já me encontro na rua Bolívar.
Chego ao apartamento carregado de estribilhos.
Da janela vislumbro as constelações geométricas,
o Cruzeiro do Sul, hialino, impávido,
álgado colosso de hidrogênio
e a madrugada cingida pelos sortilégios de março.

A GÁVEA DO POETA

Tomo o ônibus até à Gávea
e pela rua das Acácias
passo em frente à casa, onde há 23 anos,
visitei Dona Laetitia, irmã de Vinícius de Moraes.
A rua arborizada, ao pé da serra,
o bangalô de portão e janelas azuis,
esse bucolismo idílico,
tudo me lembra o Poeta que viveu de encantos.
Imagino-o subindo a ladeira,
até a esquina da rua dos Oitis,
de onde emergem grandes edifícios.
Vejo-o enfeitiçado pelos quebrantos do amor.
Depois, pela rua Major Rubens Vaz
de árvores portentosas,

a atmosfera romântica me diz que o tempo passa,
mas a poesia não passa.
Haverá poetas enquanto houver sentimento.
Outros Vinícius chegarão,
cantando o amor e a cidade do Rio de Janeiro.
Eu, por exemplo, sou um deles.

25 DE ABRIL COM POETAS

A Elaine Pauvolid

Todos os dias são dominicais na companhia dos amigos.
O tempo deixa de ser nosso adversário.
Torna-se ocasião rara
o encontro na esquina do cotidiano.
Se os sobreviventes, angustiados, nos interpelam,
permanecemos táticos.
Diante da tragédia humana, não perdemos a esperança.
E cultivamos a conversa lúdica.
A poesia é saúde,
respiração que ressuscita o espírito cada instante.
Com esse postulado lírico,
que eu não precise dizer “ai de mim”.
Que eu continue assim,
sem me afetar com a sordidez urbana.
Que eu prossiga alentado pela leveza litorânea.
Fora daqui a expectativa negativa!
Caminhemos, recônditos na multidão,
transidos pelo encanto da palavra.

OS RECITAIS

A Laura Esteves

Os recitais, da UFRJ, do Teatro Glauce Gil,
de Copacabana à Pedra de Guaratiba,
são idílios que transbordam melodia.
Das auras clarividentes emana o apreço.

Nem tudo está perdido.
Ainda existe educação pelo sentimento.
Fala-se do acordo entre o sonho e o violino,
o silêncio e a palavra, o ser e as coisas
e esse reconhecimento é que justifica o ser gente.
É isso a composição da vida!
No processo de interação com o outro,
os poetas pensamos vida.
A poesia, remate de males,
suscita assonâncias
na ascese em que nos alçamos
da inglória condição de marginais
à consagradora categoria de ídolos.
Cada poeta se eleva na verve do outro
como coisa própria,
na arte de plantar e recolher ritmos,
jardineiros regando lúdicas flores.

PASSEIO NA BARRA DA TIJUCA COM GILBERTO MENDONÇA TELES

Gilberto Mendonça Teles, timoneiro do método,
escande o ritmo dos rios.
Inventa o mar de Goiás na fronteira do imaginário.
Com a isca etimológica
pesca metáforas no ribeirão do vento.
Na rede fica a lenda das espumas.
Na miragem o oceano é uma lagoa,
uma campina, horto de corolas místicas.
Imagino os outros litorais no além.
Nuvens plurais, sem alardes para os sentidos,
“no fulgor da sombra alada”.
Beleza que vem num rumor de prece,
luz intransitiva para além do osso da rotina,
onde o poeta cava, como o rio, o seu mistério.
No afã de transpor a margem do horizonte,
recolho encantos na vertigem do tempo.
A Barra tem a leveza das brumas de domingo.

Flauta e harpa nas antífonas da tarde.
Longe, a canoa de Caronte.
Pastoral de luz.
A vida flui azul nos sortilégios da praia,
périplo vortivo, pródiga comunhão.
Bebemos música na taça dos eflúvios.
Brotam medoldias nas cores das folhagens.

SARAU NA CASA DE ANDRÉ SEFFRIN

“Eu vi os grandes homens na taberna”
Alexei Bueno

Na casa do André Seffrin,
Alexei Bueno recita tangos, enquanto Lia, a anfitriã,
nos brinda com o violão de Baden Powel.
Alexei beijaria os pés do Guimarães Rosa.
Eu, os de Mário de Andrade.
O culto dos oráculos é a nossa utopia.
Antônio Carlos Villaça perdeu cem quilos em seis meses,
atesta o Seffrin.
Deprimiu-se tanto que definhou.
Esqueçamos a vicissitude triste, penso eu.
É preciso rir da vida antes que ela ria de nós,
mas o melhor momento é o da leitura,
quando se chega à casa e se escolhe o livro favorito,
quando ninguém toca o telefone ou a campainha.
Cantar serenata é hábito de poetas, diz o André,
ao atestar que Ruy Espinheira o faz com voz à Cartola
(de quem escutamos “deixem-me ir, preciso andar”,
em letra do Candeia).
Alexei, tenor, canta Vicente Celestino, aos brados,
como a dizer: viva a desordem!
Recita dez estrofes de Camões.
Vive atirando socos contra americanos.
Por conta disso já quebrou duas costelas.
(E vá a verdade ao inferno,
pois é preciso encher as horas

para fugir da sentença delas).
A noite avança como um navio no horizonte.
Ricardo Lima e Renato Rezende saíram cedo.
E eu também fujo da madrugada e do sarau.
O Rio não dorme:
na noite cheia de lendas e bandidos,
um táxi me conduz à rua Bolívar, 38.

PERFIL ECLÓGICO DE RENATO REZENDE

Um Passeio mais que lazer:
meditação sobre paisagem humano-geográfica.
Eis o poeta ecologista,
preocupado com o mundo e sua transcendência.
O poeta que dialoga com os animais e as plantas,
um vidente que escreve como quem vive o instante
e perscruta o porvir.
O que se enleva na ânsia de voltar a ser o que foi
e de perpetuar o agora.
Essa utopia de identificar-se com o outro
e celebrar a cidade voraz.
Adivinhar “Prenúncios de Gaivotas”,
e sentir a condição de ficar de joelhos dentro de si.
Ficar perplexo diante do tempo,
ser aprendiz de mendigo.
E quando a dor o toca fundo, no gélido caminho,
o poeta, vazio, se despede do espelho.
Entre sombras, ímpar.

O LAVRADIO DE REINALDO VALINHO ÁLVAREZ

Num tempo de verdugos e mercados de guerra,
a lavra do medo brota nas calçadas.
Noite de mortos e urubus no precipício.
Caminhar é garimpar espanto.
Há contratos para forjar esquálidos.
Hominídeos que a cidade guarda em sua caixa de horrores.

Tumbas anunciadas, adagas e estilhaços.
Num tempo de ruinas empestadas de agonia,
cães ruminam sacos rotos,
estrangulados pelo carrasco de prontidão.
Escarneados pela ferida da fome,
jazem cadávares perfurados,
amortalhados, bocas na sarjeta.
Os anseios se esmagam na sordidez das ruas.
O medo pasta, sombra de calafrio.
Coleção de ascos, paranóias lavradas,
imundícies semeadas.
Em que territórios se minera a esperança?
Debruçado sobre a janela da perplexidade,
onde buscar o nome do destino?

MOMENTO ILUMINADO

A Rosa Born

O clima nunca esteve tão afável.
Envolto nos fluidos cálidos da tarde,
diviso a eclosão cromática.
As garotas nunca foram tão belas.
Jamais cidade existiu tão esplêndida.
O Rio é um templo de pedras cintilantes.
Pedras cercadas de água e céu.
Copacabana ungida de espumas.
Céu de vertigem clarividente.
Só Paris e Madri têm prédios tão charmosos
e o vento, de tão bondoso,
derrama flores de abril pelo calçadão.
Apesar das grades na entrada dos edifícios,
Apesar da última notícia de homicídio,
reina harmonia entre vida e máquina
e o mar domina a visão com sua grandiloquência.

37 Plenitude Visionária

O Rio é uma efusão de estrídulos que terminam no mar.
É um jardim interceptado por vidraças e casebres.
Declaro-me suspeito pra falar da capital da beleza:

Apesar de todos os pesares,
nela vivo em estado de graça.

VISTA DO CORCOVADO II

Imensa perspectiva:
A expansão pontilhada de ilhas.
A Lagoa noturna, circundada pela muralha cromática,
a vegetação que escorre das escarpas,
o colosso de granito plantado nos píncaros.
Exuberância da visão na miríade sedutora,
Íris diamantina além da floração lapidar.
Viver: essa viagem de êxtase.
Vida: essa flutuação transitória do olhar.

PAISAGEM VISTA DA BARCA RIO-NITERÓI

Um cenário enternecedor se descortina:
a Ilha Fiscal com seu castelinho verde,
famoso pelo último baile do império.
No aeroporto um anfíbio de metal sobe
perpendicular ao Pão de Açúcar,
até sumir na imensidade.
Sobre as águas magnéticas voa rasante uma gaivota.
De um lado Niterói, com quadriláteros imóveis.
Do outro o Rio, com fachadas de vidraça,
os pórticos da Candelária, entre colinas,
a cúpula emoldurada entre edifícios e a Serra do Mar.
Os barcos deixam rastros de espuma
na planície borbulhante.
O arco da ponte, arcabouço cingido de bruma,
portal das ilhas, convida ao devaneio.
A harmonia das velas, em arranjo místico,
flutua no jardim azul.
Venturoso périplo nas carícias do vento.
Na chegada a Niterói,
uma garça encantada ergue o pescoço
como um elfo branco.

Signo de bom augúrio nos aromas da tarde.

A LIVRARIA

Adentro os umbrais do edifício Marquês do Herval,
o rito de passagem conduz à dimensões lúdicas.

Desço a espiral de um subterrâneo de luzes,
giram percepções de cristal:
o olhar desvenda iluminuras,
códices de preciosa indústria.

Anticaverna do tempo, flui o rio da memória,
núcleo de referência do mundo.

Nem toda livraria é im portico da galáxia,
insígnia da vida.

Mas se Leonardo é o patrono,
um gênio conversa com o espírito dos livros
e o acervo suscita viagens insólitas.

Nem toda livraria exalta inexorável fortuna.

Mas se a vitrine é aquarela mística, ignição do estro,
motor geracional da história,
saio pela galeria conduzindo um artefato de plástico,
repleto da prosódia universal.

Se o patrono é Leonardo,
a livraria é ponto cardeal de insônia e êxtase.

Arcádia! Ágora! Acrópole!
No frontispício está escrito:
«Livraria Leonardo Da Vinci».

Estância Cearense

NOITE ETÉREA EM FORTALEZA

Noite etérea em Fortaleza,
ex-cidade dos meus encantos,
hoje recanto dos meus sonhos nostálgicos.

Cadê o rapaz que se apaixonava nos bares da beira-mar?
Sou eu esse que lamenta o existido,
o que se engana com a perspectiva do tempo.

Sou o que só no passado vê plenitude.
A hora presente é a ficção do segredo.
Só no futuro existe vida?
Imagen de esperança, visão martirizada pelo mistério.
Noite etérea que conheces o axioma cósmico,
o diálogo contigo é monólogo,
é o reflexo do meu enlevo angustiado.

A RUA DA MINHA INFÂNCIA

Aconteça o que acontecer
a rua da minha infância será sempre minha.
Cesse toda música que não há melodia
como a dos passarinhos daquela rua.
Mandem interromper todo ritmo,
mandem pacificar o mundo.
Há um luar estremecido entre as nuvens
e eu me morro de melancolia
ao reviver a emoção antiga.
Silêncio! Estou ouvindo os pássaros da minha rua.
Estou hipnotizado pela ressonância do mar.
Mandem prender os marginais e acabem com a guerra
que o tempo é de extase!
Só sentindo a natureza o homem se redime.
Os moinhos giram, a agua escorre,
mas ando perplexo diante das casas arruinadas.
Restam os passarinhos da rua da minha infância.
São eles os meus deuses redentores.

FIM DE NOITE NA BEIRA-MAR

Outrora não havia esses mendigos de cada esquina.
Nem os canalhas que passam fazendo barulho.
Só o mar ainda é o mesmo. Será mesmo?
Há cheiro de esgoto e lixo ao longo da avenida,
Passam os turistas,
indiferentes ao tamanho do problema Brasil.
Passa a burguesia, desfilando pernas e roupas.

Passa o povão inebriado pelo ópio da brisa noturna.
A noite termina
quando estalam os ferros das barracas
que os proletários carregam nas carroças.
Para as moças notívagas ainda é cedo
e são promissoras as perspectivas comerciais.
Para mim – andarilho das noites enluaradas,
a cidade é outra, mas ainda vive
e dá origem a belíssimas criaturas.
Que diria Alencar de tantas Iracemas?
Saberia que as indias já não se apaixonam
por guerreiros brancos,
mas ainda contribuem para o prodígio étnico.
Ao menos essa mística se preserva.
Quanto a mim, o sentimental,
tomo nota desses fenômenos,
na ilusão de que a história os reconheça.

DE REGRESSO AO CEARÁ

A emoção transboda no marejar dos olhos,
a proa já vai cortando os ventos nordestinos.
Coração iluminado de expectativas,
encontrarei meu pai e minha mãe,
já velhinhos, à espera do filho pródigo,
viajante de longa peregrinação.
Um ano sem ver o Ceará
e esse cortejo de ânsias e alegrias.
Ansia de rever os diletos amigos,
alegria de tê-los tão íntimos na memória.
Tanto tempo à sombra da solidão!
Setembro de novo: parece que foi ontem.
Quem abraçarei primeiro,
quando meus pés tocarem o bendito chão cearense?
É uma dádiva ter pai e mãe vivos,
quando se avança na perspectiva clarividente.
Da janela, entre nuvens, diviso o espelho das lagunas.
Surgem, como tesouros translúcidos,

telhados entre quadrângulos esverdeados.
Viva Fortaleza de quintais de esmeralda!

FUTURO

No lugar sereno dos meus pensamentos,
ver uma pessoa e lembrar de tê-la visto há 20 anos.
Sentir num perfume o antigo momento.
Respirar a brisa que o mar nos dá de graça.
Na calma imprescindível dos quintais marinhos,
horizonte musical, vida sem pressa.
O mar é todo encanto.
É uma cristalinidade fluida.
Semeio poesia num janeiro de azulações,
chamo o vento de amigo
por suas manifestações de ternura
e aceno aos navios com olhar de aventura.
Nestes recantos de êxtase, praia dos amores meus,
não permitas que eu sofra longos exílios!
As gaivotas me dizem que a cidade é feliz.
Textura cromática da tarde brasileira,
entonteio-me de encanto.
Descubro fascinações e apoteoses,
brandos pomares, quintais de aromas.
Fortaleza, adorável nome dos meus idílios!
A visão de tudo é o mar.
A miragem do infinito é o mar.
Futuro é o mar.

REFLEXÃO

Morrer deve ser triste se não se puder mais ouvir música.
Se morrer é estar longe de uma varanda em Fortaleza,
se morrer é não ter passado nem presente nem futuro,
então a morte deve ser algo temível.
Porque preencho a vida de melodias,
viver é muito mais que um lento envelhecer.
Escrever um poema, por exemplo,

é o mais perfeito ato de justificação da vida.
É um momento de vitória sobre a morte.
Que me importa se da cristalina fonte não bebam todos.
Eu tive uma infância e a recordo com ternura.
E tenho saudade e me deleito na hora presente.
Ah, só isso vale a lira dos cinquenta anos!
Viajo no pensamento a lugares de outrora.
Reencontro amigos que o tempo distanciou.
Permito-me um instante de lirismo
e ninguém pode me proibir de ser romântico,
de meditar sobre a vida a sua circunstancia
e recolher, emocionado, as rosas de fogo dessa reflexão.

LEVAREI COMIGO A ALMA CEARENSE

A Beatriz Alcântara

*«Ó grande flor atlântica
plantada mais em nós que no chão»*

Artur Eduardo Benevides

Cajueiros de um verde imaginário,
chuva sentimental nos sertões,
canários encantando a vida.
Por onde en andar,
levarei comigo a alma cearense.
A tristeza do vento.
As verdes águas do mistério,
os portais do Altântico na memória.
Por onde eu andar,
levarei comigo a alma cearense.
O Ceará de minhas paixões de poeta hereditário.
O sol das manhãs mais no coração do que nas cores.
Vida nas noites de alegria.
Por onde eu andar,
levarei comigo a alma cearense.
Aprendi que os corpos são sombras.
Vi festas de ouro, incenso e mirra,
vivi horas de aconchego e pão.
- vida feita de dizer: eu era feliz!

Por onde eu andar,
levarei comigo a alma cearense.

A UM CASARÃO DEMOLIDO

Restou um muro entre o nada e a insânia dos carros.
Onde o vulto altaneiro, teu arquétipo?
Castelo de sonho, mansão estirpada de um vergel,
contigo implodiu o logradouro onde as ilusões.
Esmagou-te bárbara turbamulta,
Hiroxima de bestial tropel.
Relíquia pisoteada, as alegrias inventavam manhãs...
Pena ver-te dejeto, receptáculo do córrego de imundícies,
campo de lixo da outrora nobreza.
Rua Francisco Sá, venturoso rincão,
Jacarecanga, até quando as vilas e os casarões seculares?
Quem conhece o sentido da infância?
Quem te esmagou neste abandono,
monturo te sonhou jamais, se antes vitrais e jardins?
Rasgaram os teares da fantasia.
Mas um poeta ainda tece, num manto de memória,
o que dos arejados alpendres sevê: o mar.
E se condói do abandono teu
o habitante de para além-terrás de ninguém.

O Evangelho da Iluminação

OS MILAGRES DO DIVINO MESTRE

I

Jesus, ao caminhar por Samaria,
clamores escutou de dez leprosos
que acreditavam que Ele os livraria
de seus duros estigmas tenebrosos.
Com pena, então, o Filho de Maria
mandou-lhes procurar os virtuosos
sacerdotes da lei, e nesse dia,
ficaram todos limpos, venturosos.
Mas regressou apenas um dos dez,
a dar-lhe graças e beijar-lhe os pés.
O Mestre viu que era um samaritano,
estrangeiro nas glebas de Moisés.
E ao constatar a fé do ser humano,
mostrou como são poucos os fiéis.

II

Quando Jesus chegava a Jericó,
a multidão parou para saudá-lo.
Um cego meditava triste e só,
mas ao ouvir do povo aquele abalo,
marchou, convicto e firme, como Jó
para louvar Jesus e abraçá-lo
e suplicar misericórdia e dó.
Diante das súplicas do seu vassalo,
humilde e tão sincero entre os judeus,
que ansiava por mirar-lhe o rosto santo,
o Mestre desvendou-lhe os olhos seus,
abrindo-lhe a visão como se um manto
saísse-lhe da fronte, e ele, com espanto,
dava louvores ao bondoso Deus!

III

Jairo chamou Jesus a toda pressa
para que lhe salvasse a filha única,
que à mingua perecia, e sem conversa,
partiu a Onipotência mediúnica.

Aflita, uma mulher toca-lhe a túnica
na multidão carente que o procura.
Quem pede ajuda? Indaga a seus discípulos.
Cai-lhe a devota aos pés, e tem a cura.
Já na casa de Jairo viu jazer
uma jovem exangue sobre o leito
e o seu desígnio decretou, perfeito.
Legando ao mundo o místico preceito,
mostrou Jesus amor, glória e poder
fazendo a moça morta renascer.

IV

A multidão com pedras ameaçava
a contrita mulher, que em seu quebranto,
as fraquezas humanas lamentava,
chorando cabisbaixa num recanto.
A cólera do povo era qual lava
que a ela provocava medo e espanto.
Assim, de atroz justiça, feita escrava,
Jesus a viu em convulsivo pranto.
“Na vida, quem jamais tenha pecado,
jogue a primeira pedra” – o Mestre ordena
à turba que partia em debandada.
Jesus falou então a Madalena:
“segue o teu rumo e leva vida honrada,
o meu juízo a ti não te condena”.

V

Navegava Jesus com os pescadores
de uma margem à outra no alto mar,
os turbilhões do vento, com furores,
o barco sacudiam sem parar.
Em noite de tormentas e temores,
repousa o Mestre, quase a cochilar.
Transidos e assaltados de pavores
suplicam-lhe os discípulos pra os salvar.
Jesus ordena o vento serenar
e às aguas determina mansuetude.
Grande calma reinou, grande quietude.
Perplexos Pedro e João como a chorar,

louvavam-lhe os poderes e a virtude
de dominar os temporais do mar.

VI

Meditava Jesus, junto a um recanto,
com alguns dos seus discípulos fiéis,
quando num súbito rumor de canto,
sentaram-se as crianças a seus pés.
E ao abraçá-las, com formoso encanto,
perguntou-lhes os nomes – eram dez
ou mais e elas sorriam tanto e tanto!
“Estes infantes são puros vergéis”.
o Mestre afirma — “são vergéis do céu!
da perfeita seara da Beleza.
Deixai que me procurem estas crianças.
De salvar-vos mantei as esperanças,
pois se tiverdes delas a pureza,
desvendareis do paraíso o véu!”

VII

Na aldeia dos gadarenos havia
um homem possuído por demônios,
pelos ermos a errar, sem companhia,
com os olhos desvairados e tristonhos.
Por que no seu delírio proferia
clamores tais, estranhos e medonhos?
Era um mistério, ninguém o sabia...
Ao ver o Mestre, despertou dos sonhos
da horrenda possessão que o estrangulava
e dos mil diabos com que se envolia.
A legião imunda se rendia,
precipitada, qual ardente lava,
nos porcos atirados pelo abismo,
naquele formidável exorcismo.

VIII

Já Lázaro era morto no seu leito
e todos viam que morto jazia.
Jesus foi despertá-lo, e de tal jeito,
que o certo é que ninguém duvidaria
que embora morto já, no quarto dia,

seria erguido do sepulcro estreito.
Era Marta fiel ao Mestre, e o via
de Deus filho, imortal e sem defeito.
E ao vê-lo, a moça logo se apressura,
o rosto em pranto e a voz toda amargura,
e o seu poder, convicta, então proclama:
“Ó meu divino amigo!” – ao Mestre exclama.
Jesus, que amava Lázaro, então o chama,
e ele obedece, e sai da sepultura!

IX

Junto ao sepulcro inda Maria chorava,
sem encontrar o corpo de Jesus.
Dois anjos avistou, de branca luz
e apenas um lençol que alí restava.
E ouviu alguém que súbito falava:
Era o Senhor, de pé, vivo e sem cruz.
Ó maravilha que se apresentava
na figura do Mestre em Verbo e Luz!
Apareceu depois, no seu encanto,
aos discípulos, onde se escondiam
da vil perseguição dos fariseus.
De paz abençoou os filhos seus,
que arrebatados de grandioso espanto,
receberam do Mestre o Espírito Santo.

ORAÇÕES

I

Eu sei, Senhor, que grande é o meu delito.
No entanto é bem maior vossa bondade.
Assim, se louvo o vosso amor bendito,
salvo estou, na periculosidade
dos breus da noite desse mundo aflito.
Depositando em vossa santidade
toda confiança, lúcido e contrito,
faço de vossa luz minha verdade.
E segurança, e no jugo sereno
de vossa paz repleta de leveza,
que me acalma, no desvão da incerteza,

ando encantado e de esperança pleno.
Com o pão do vosso augúrio sobre a mesa,
o efeito dos meus erros torno ameno.

II

Ó Deus que personificais bondade,
sois a grandeza que sustenta o mundo,
espírito de amor, minha verdade,
confiança minha, mistério profundo.
Para louvar-vos, com que claridade
o farei, se careço do fecundo
talento e da firmeza da humildade?
Se não sou mais que um tonto, um vagabundo
que nada sabe dos vossos enigmas?
Se recebi algum entendimento
para expressar-vos o meu sentimento,
devo ao sagrado e generoso alento
com que me destes da palavra o estigma
e a graça de um milagroso alimento.

III

Divino Mestre Jesus Salvador,
dai-nos saúde, paz, serenidade,
acolhei-nos nas mãos do vosso amor,
sob o manto da vossa potestade.
Guardai-nos, dadivoso e bom pastor!
Que prevaleça o bem na humanidade!
Do mal livrai-nos por graça e favor,
o pão da vida e da perenidade
concedeui-nos da fonte do infinito.
Com a força do perdão e da certeza,
guiai-nos pela senda da pureza.
Só pelo vosso desígnio bendido
nos livraremos do momento aflito,
nos braços da divina natureza.

IV

Mestre Jesus, que tens deste universo
o poder e o domínio em toda parte,
por teu amor, o coração converso,
só me resta inteiramente entregar-te.

Na fé uniste quem andou disperso,
guardando-o dos perigos del tal arte,
que pra dizê-lo não encontro um verso
e tartamudo estou todo, destarte.
A quem tem fé dedicas um prodígio.
Pois esperamos merecer prestígio
pra desfrutar de repouso e quietude.
Num tempo calmo, sem ânsia ou litígio,
com a divina presença da virtude,
dá-nos, Senhor, a paz e a plenitude.

V

Pastor que este rebanho apascentais
com equilíbrio e reta direção,
vos suplicamos segurança e paz,
em prece ao vosso manso coração.
Sob a luz do divino olhar que traz
exemplo de harmonia e perfeição,
de um homem-Deus, em si puro e veraz,
ao porto conduzi-me, salvo e são.
O afeto e a ternura como lemas
e a estima de vossas bençãos supremas,
lições do vosso bem que nos redime,
que vossa estrela sempre nos anime,
vossa humildade e amor, nossos emblemas,
sejam a luz que nos guarneça e arrime.

ESCRITO COM TEMOR E TREMOR

Contrito com Deus, busco meu ponto de equilíbrio.
Lanço-me sobre as névoas, com o norte da sua palavra.
Submisso a seus juízos,
sem outra ambição que ver os dias se sucederem.
Contrito com Deus, na expectativa de sua benção,
inclino a testa para receber a benevolência do seu perdão.
Ciente das culpas que me pesam,
atravesso os páramos de seus sacramentos.
Não por mim, que peco ao respirar,
mas pelo sustentáculo da verdade,

enfrentei os perigos da noite.
Tenho um guia que me conduz aos vales da confiança.

CANÇÃO DE NATAL

Clareou-se o firmamento.
Nasceu o menino Salvador,
venerado por três reis benditos.
Sua luz, que existia antes do princípio,
brilha por todos os lugares,
consolando quem sofre, amenizando as dores,
ensinando a vida de fraternidade.
Da janela vejo a noite clara,
a alvorada com seu manto azul
nos envolve num suave enlevo,
a pureza acende os esplendores.
Os jardins estão plenos de neve,
mas o coração exala amor.
Do tempo sem espaço,
já se anuncia um novo dia:
vejam quanta luz no altar de Deus!

Rosas de Fogo

RITO DE PASSAGEM

Estou entre o ônibus e a parede do túnel,
numa conjunção desfavorável dos astros.
Estou entre lixo e fumaça.
Em cada esquina há um templo de luz,
mas em mim prevalece a conspiração dos deuses.
O mar parece a extensão das minhas lágrimas.
Estou entre o abismo e a montanha iluminada.
Meu constrangimento, lição de labirinto,
é uma má-formação congênita.
Coroa de espinhos no horizonte,
ácido que corrói a cartilagem dos prazeres.
Hoje que nenhuma música me arrebata,

minha herança, abismo de tristeza,
assombro em cada gesto do vento.
A noite toda passei lendo amarguras.
Rito de passagem pelo inferno zodiacal.

ARTE POÉTICA

A poesia, a mais libertina das artes,
dá cambalhota, dança no trapézio,
veste andrajos nos salões.
Só tem por limite o ilimitado.
Não tem arestas nem se prende à circularidade.
Salta sobre as muralhas do jardim de Apolo.
A Dionísio faz curvar-se, ceremonioso.
Tem de narciso o inatacável riso.
O lampejo fluido da música
e a concretude da iconografia.
Alimenta-se de experiência
e quanto toca em si transforma.
Bebe a luz do nada e vibra nas cordas da essência,
em ressonâncias de nervos e neurônios.

ORIGENS

A Ruy Fabiano

Desembarcamos da Arca.
Do Ararat nasceu Babel,
onde ergueu-se a Casa de Abraão.
Jacó gerou descendência,
Moisés sobreviveu à corrente,
o mar se abriu e o maná prodigou vida.
O Sinai propiciou a lei.
Josué recebeu o prêmio da Quaresma.
Jesus se entregou ao sacrifício da Páscoa.
Em Sagres desvendamos o mar
e abraçamos a cruz.
Num cenáculo de tristeza,
esperamos a ceia do nosso Pentecostes.

SONETO ROMÂNTICO

A formosura desta praia anil,
as carícias de um vento tão amigo,
todas as alegrias do Brasil,
só têm sentido quando estás comigo.
A música fluindo tão sutil,
belezas que expressar sequer consigo,
me maltratando estão de angústia vil
e de saudades tuas – meu abrigo!
Meu porto e meu viajar no mar da vida!
A tua presença me ilumina e guia,
dando ao meu mundo norte e companhia.
Ah como a vida se me fez sombria!
O momento infeliz da tua partida
deixou-me assim, sem rumo e sem guarida.

UM VERSO

Se me fosse dado escolher um verso apenas,
seria o «tudo vale a pena se a alma não é pequena».
Não se trata de «os fins justificam os meios»,
que soa inescrupuloso.
É muito mais que «ama e faz o que queres».
Por amor nem sempre se faz o mais digno.
Mas, se a alma não é pequena,
não pode haver proposta indecorosa.
Se a alma não é pequena, toda afronta é irrelevante
e todo sonho é lúcido.

EGBERTO E A MÚSICA

Egberto dialoga o violão num ponteio vertiginoso.
Egberto e o violão brincam juntos de vibrar cordas e mãos.
Riem, choram, cantam,
gargalham numa dialética de ludismo visceral.
Egberto hipnotiza os sons.
As mãos tecem a sincronia dos fios invisíveis.

A música e o instrumentista se transformam um no outro.
Egberto, o violão e a própria música se diluem num delírio.
O músico, prestidigitador de harmonias.
O instrumento, cachoeira de acordes.
A música, chuvas de pétalas.
De repente, do piano emana suave alumbramento,
um cromatismo de enlevo.
Tudo repousa à sombra do jardim imaginário.
Súbito, um malabarismo acende as teclas,
vento acariciante no idílio matinal.
Vem a flauta com sorrisos infantis.
Não é uma flauta?
É um tubo de plástico que agita o imprompto serelepe?
Egberto volta ao piano
e dele retira as mais puras expressões de ternura.
Fazer pilhória com o nobre instrumento
que se revela gracioso e nada solene.
O piano e ele, arrebatados em êxtase,
dão cabriola, sonhando ao revés.
Artífice do inebriante amavío,
Egberto Gismonti, altissonante, enternecedor!

POR QUE NÃO UM POETA?

Jornalista:
Mestre Jorge,
o Gilberto Gil quer ser Prefeito de Salvador.
Que o Sr. acha disso?
Jorge Amado (com um sorriso):
se um engenheiro, um médico
ou um advogado podem,
por que não um poeta?
Um poeta:
Gilberto Gil, o Ministério não prejudica a sua obra
musical?
Gilberto Gil:
O Ministério também é música.
O narrador:

Mestre Jorge continua sorrindo, onde quer que esteja.
Há um poeta no Ministério da Cultura.

LICENÇA POÉTICA

Perplexo estou no rumor da hora,
espreitando os caprichos do tempo.
Vislumbro o tumulto suburbano:
é a expressão do meu canto humaníssimo.
Mergulho profundamente em mim
e comprehendo a dimensão da vida.
A arte de viver em plenitude.
Minha ânsia é ver todos os espíritos em luz,
todos os viventes com o direito à felicidade,
conscientes da necessidade de viver em paz
e entender o mistério e decifrar as dádivas do vento.
Pertenço a todas as criaturas,
a todos os minerais e vegetais.
Sou um fruto sazonado em sentimento,
sou a energia e o artefato da natureza.
Alegria de ver a vida fluindo
nos meninos que jogam futebol no quintal,
nas aves canoras, na música que vibra na casa,
no clarão solar que acende o chão.
Permito-me a glória deste momento,
ciente da verdade que ele ensina.
Ser o milagre – ânima semovente e andar em confiança.
Transformar-me sempre na experiência vindoura
e manter-me aliado de mim.
Servir com a certeza do objetivo superior.
Compreender-me e compreeender o semelhante
como a planta comprehende o céu,
como a nuvem comprehende os rios.
Este é o meu conforto e minha causa:
permanecer calmo ante o enigma,
saber que o destino engendra sempre o bem
e tudo resultará em serenidade.
Este momento único,

a exuberância nectárea desta consciência,
esta translúcida realidade:
aceitação de mim mesmo,
imersão em reveladora magnitude.

VINDICTA

Onde está o que sorri
com olhos de maximizar prendas do destino?
Quem me conhece sabe que ando sofrendo.
Os caminhos por onde vou...
Onde o príncipe, soberano inatácavel?
61 Plenitude Visionária
Vê a minha indigência!
Imploro augúrios ao empíreo,
aflito nos ínvios enleios da expectativa.
Espero o milagre de que me alimento
e sempre a espera se renova.
Mas quem recordará comigo a dor dos pavorosos dias,
depois que o tempo crivar cicatrizes sobre estas chagas?
Depois de tanta luta insana, quem estará comigo
quando eu abraçar o galardão dos vitoriosos?
Sofri bastante para ser lembrado entre os poetas.
Vinde, vinde, fiéis amigos,
é tempo de vislumbrar um horizonte de justiça!

DUENDES

Os demônios de Rimbaud me estremecem os nervos,
me roubam o sono – estou possesso
e transpiro a perfídia de sua peçonha!
Caminho pelo quarto e a obsessão me persegue:
quero expurgar de mim estes venenos, exorcizá-los.
Se eu pudese sair pelas ruas...
Mas é tarde, a madrugada está povoada de fantasmas.
Quero rezar, eles me confundem a fé.
Por que fui dialogar com Rimbaud na noite sobrenatural?
São três da madrugada...

Tocado pelos possessos, quero fugir pra Somália
(solidão atroz).
Se eu chamasse a morte de irmã...
Ressoam clamores, espasmos de tédio, horrores místicos.
Assaltam-me terrores tristes, querop trégua!
Arcanjo maldito, que querem de mim esses teus duendes?
Por que me tentam teus companheiros íncubos?

ITINERÂNCIA

Regozijo-me na cálida noite do hemisfério.
Amanhã partirei.
Há de ser de pão e luz o meu trabalho.
Vento no arvoredo da serra tropical.
Torpor da brisa de novembro.
Partirei com o signo da esperança:
O brasão noturno do Cruzeiro celestial.
Terra dos meus enlevos,
Que saiba cultivar as bençãos
e dividir as dávivas.
Não haverá exílio
se eu preservar a chama deste alento.
Rumor de folhas estivais.
O fulgor da hora.
A força do vento festeja minha viagem,
refúgio itinerante nos celeiros de mim.
Sombras rútilas do amanhecer de minha ventura.

No Chão do Destino

UM DIA MÍSTICO *A Rumen Stoyanov*

Refutando antigas desventuras,
saio à rua com a certeza de que a vida não é um problema,
mas uma solução.
Além das paredes dos prédios,
o horizonte em fogo me aquece os nervos.

Vejo imagens antropomórficas nas nuvens,
como no dia em que, olhos fechados,
vislumbrei a fonte dos Avatares
e configurou-se a face de Zeus Oromasdes.
Choveu e o ar se impregnou de perfumes.
Em cada poça d'água vejo o céu refletido.
Pensarão que ando doido
se me ponho a mirar poças de água?
Se me ponho a olhar o céu em plena rua?
É que ninguém percebe o tempo propício,
ninguém vê o dia magnânimo.
Que importa a cidade cheia de sujeitos mal intencionados?
Há lixo e matagais no asfalto esburacado,
mas em dias assim a vida é um ato de fé,
uma viagem mediterrânea,
um interlúdio floral.
Mesmo a confusão do trânsito se reveste de virtude solar.
Mesmo as coisas mais prosaicas,
o matagal nas calçadas esburacadas,
a fumaça dos ônibus enferrujados,
tudo se sublima na grandeza do dia.
Andar no espaço banhado de luz,
alumbrado de visões prismáticas.
A cidade é um objetivo em si, um Vesúvio sonoro,
com preeminências florais
(no corpo de algumas mulheres,
nos seus olhos multicoloridos),
Transporto-me aos cimos de um novo enlevo,
em ondas de mais alta freqüência,
as nuvens esboçam mágicas formas,
caminhos transversais,
meu segredo é decifrar a semântica de suas metamorfoses.

O CONHECIMENTO DA NOITE (VARIAÇÕES SOBRE UM TEMA DE OLAVO BILAC)

Andarilho da noite do mundo,
aspiro ‘a festa das estrelas,
à verdadeira vida que só é possível
no domínio das estrelas.

No degredo das ruas, quem vive como se não vivesse,
quisera ser capaz de ouvir e de entender estrelas.

Nas trevas em que me perco,
se não fito os lumes do silêncio.

No tédio em que me exilo,
se o vento do desengano
não reduz a distância de mim ao âmbito celeste,
quisera ser capaz de ouvir e de entender estrelas.

No tempo que mata o gosto da vida
e no desencanto noturno de sobreviver,
nauta de minha solidão, notívago dos meus sonhares,
procuro os meus guias no cardume fosfórico,
além dos escombros da terra.

Púrpura na tela do infinito,
tenho a esperança de um dia reduzir a distância
entre o meu pensar e o meu pesar,
viajando entre as nuvens,
com destino a um lugar
onde poderei ouvir e entender as estrelas.

No estado melancólico em que vivo,
quisera ser capaz de entender o espetáculo da noite,
a Via Láctea como um pálio aberto...

Mas as estrelas estão altas e distantes
e se ocultam no nevoeiro.

Não lhes interessa as coisas pequenas deste mundo.

As atitudes tacanhas
e os pensamentos mesquinhos da humanidade.

Num domínio superior,
inacessível a quem vive cá embaixo
exposto à desordem, à pândega e ao estradalhaço,
as constelações flutuam...

Noutro reino, que imagino de bem-aventurança,
tão diverso do pardieiro que se conflagra nas imediações,
quisera ser capaz de ouvir e de entender estrelas.

ASPIRAÇÃO HUMANA

Haverá gente contra a qual é preciso erguer muralhas?
Tinha razão o imperador Che Houang-ti?
Defender a dinastia da tranquilidade,
evitar a pilhagem dos tesouros íntimos,
sedimentar torres no pensamento,
guardando o silêncio em guaritas,
a sentinelas do ideal mirando o relevo das alturas.
Na reportagem da vida
os ídolos de barro tombaram aos meus pés
e as imagens definitivas fixaram-se.
Minha sensibilidade demanda ambientes
onde não se sufoque a energia de viver.
Minha intuição se configura em altos pavilhões:
os cimos do coração.
Ando perplexo diante de tudo,
pasmo de ver em cada setor o sábio, o sensato, o prudente,
mas também o cretino, o patife, o imbecil.
Ando carente de coisas simples
como um parque sem lixo,
ruas sem fumaça,
restaurantes em cujo cardápio
não figurem animais mortos.
Haverá quem desfrute o sabor do ar?
Quem ouça música sem barulho e ponha alma no que faz?
Quem pense na vida além das necessidades fisiológicas?

PENSAMENTOS NO BOSQUE

Aqui nenhum carro nos agredirá contaminando a vida.
Ao invés do barulho dos motores,
sou recebido com música.
Melhor que a recepção dos estadistas,

homenageados com tiros de canhão,
os rouxinóis me oferecem uma fábula de trinos.
Convidado de honra, declaro-lhes o meu júbilo
e celebramos um acordo auspicioso,
mais solene que as cartas credenciais
e as mensagens dos chefes de governo.
Que não surja humana figura com triste aspecto.
Apenas o chão de pétalas e o perfume.
Apenas a placidez das ramagens.
Atmosfera serena gotejando bálsamos.
A sombra reconforta as árvores
refletidas nas dançantes águas.
Sobre as pedras um passarinho bailarino
toma banho de areia.
A tarde lembra um quintal perdido da infância.
Celebro a vida com os pássaros,
frágeis e ágeis, aterrissando, saltitando e fugindo,
velozes como o tempo.
Aqui não sufocamos o olfato com gases venenosos.
As árvores meditam ao embalo do vento,
lânguidas e permissivas.
Não venha humana figura...
O industrial destrói um reino enquanto acende o charuto.
Outro patife qualquer estragaria o ar
e assustaria os pássaros.
Prefiro a companhia dos gnomos e elfos.

ENTRE O CONJUNTO NACIONAL E O CONIC

Pasce o gado humano entre o Conjunto Nacional e o Conic.
Passa gente de todo espectro: mendigos, operários,
burocratas tangidos pelo ruído agoniado dos carros.
Toda sorte de gente a passar na passarela,
no impasse ou na parcialidade
em que a vida se transforma,
vida: matéria-prima do tempo, pasto de transitoriedade.
Nunca mais as mesmas pessoas passarão
e os que passam deixam rastros de nada.

Restam imagens, vultos,
espectros entre dois mundos, os polos da cidade.
No desvão entre o Conjunto Nacional e o Conic,
os que vão sob a redoma celeste passam,
passageiros do instante.

Passam deixando-me na retina o retrato do Brasil:
o sanfoneiro cego, a mulher de peitos balouçantes,
o Aleijadinho desengonçado que se desvia dos transeuntes,
os vendedores de miudezas oferecendo mangas,
bonecos de pano, discos piratas.

O sujeito do boné tatuando a coxa de uma cabrocha.
O outro que lambe um picolé.

As miríades de coisas ínfimas espalhadas na calçada.

Tudo ao preço de um real.

“Melhore a sua imagem”,
diz o que oferece antenas de televisão.

E outras vozes: “12 linhas, 13 agulhas,
refresco de catuaba, milho verde,
pastel, churrasquinho, calcinha, camisinha”, etc.

De repente, um grito... Olha o rapa!
a negrada arruma a trouxa e se desabala
no rumo da Rodoviária.

O policial esgalgo urubuserva tudo,
especialmente as mulatas,
(as brasileiras partes tingidas de sol).

De Ceilândia, de Taguatinga, de Samambaia,
desfila um brasil de passo inconsciente,
que passivamente expõe etnias e castas
neste elo que conecta os extremos de Brasília.

Diante de mim os obeliscos do Legislativo,
a seqüência dos Ministérios simetricamente perfilados.

Diante de mim, em um minuto
passam as duas mil caras do Brasil,
da casa grande à sensala, da favela ao shoping,
do latifúndio à sarjeta,
a cor morena denunciando as proezas do avô lusitano.

“Dá uma esmola fi-da-mãe-de-Deus”,
pede a mulher com o pequenino ao colo...

Com ar solene, a legião distribui minúsculos papéis
como se revelasse mistérios.

A TRIBULAÇÃO DAS VICISSITUDES

Não pude ser melhor do que sou.
Fui apenas o que pude ser.
Não aprendi além do que pude aprender,
mas não perambulo pelo muro das lamentações.
Estabeleço-me no meio do tempo e não tenho pressa.
A vida tem sua própria velocidade
e o horizonte se alonga
até onde minha vista não pode alcançar.
As flores nascem, brilham e depois feneçem.
Também há um tempo de nascer
e renascer no momento presente.
O que passou já não tem jeito.
Um dia aprenderei a definitiva lição de paz,
mas agora apenas raia o fogo da madrugada em mim.
Alguém meteu-se onde não devia e ouviu o que não queria.
Fui responsável pelo dito.
(Reservei meus gestos nobres a quem os mereça).
Não encontrei a correta palavra
para repudiar o atrevimento.
Se eu fosse menos feroz teria evitado a desavença,
mas fui apenas o que sou capaz de ser.
Que ao menos eu tenha aprendido algo,
depois do acontecido.
O que passou já não tem jeito.
Ou haverá ainda um tempo em que se regenere a vida
e se conciliem todas as incompatibilidades?

EXPECTATIVA DE VIAGEM

Hoje que o incenso da tarde desceu sobre a montanha,
meu ser respira perplexidade.
Viajarei com os encantos.
Louvado seja quem me concedeu este conforto.

A névoa do poente tolda o pavilhão das alturas,
mas o meu pensamento permanece translúcido.
Viajarei com o símbolo da plenitude,
flutuarei num céu de pétalas,
com destino ao coração dos meus.
Será de luz o meu itinerário.
Como é bom imergir nos braços da noite e confiar!
Viajarei sob a seda do luar,
imantado de serenos fluidos.
Louvado seja quem me concedeu esta primícia.

Sintaxe do Tempo

O MONSTRO

Que ventre produziu tão feio parto?

Augusto dos Anjos

Que estranho laboratório infernal
forjou tal monstro insólito, vezântico,
um fantoche de caudilho imperial,
híbrida aberracão de horror tirântico?
Que mórbido projeto colossal
engendrará tal promotor de pânico,
governador da província global,
um juiz de guerra, com furor satânico,
que infringe códigos de “a” a “z”?
A humanidade não sabe porquê
nem onde vai levada pela mão
do demente energúmeno que vê
ajoelhar-se a seus pés a multidão.

FUGA NECESSÁRIA

Como fazer para que não percebam
que conheço a psicose deles?
Como suportá-los, sem que eu me torne um deles?
Como não me confundir com a doidice deles?
Como não revelar as nossas diferenças indiscretamente?

Como adaptar-me à pontualidade absoluta?
À subserviência da arte de dizer sempre sim?
À hipocrisia ridente em nome de interesses espúrios?

CONDIÇÕES

Se o que vale é a violência, a patifaria e o cinismo,
é que gatunos, descarados e assassinos
estão governando o mundo.

Não cabe eufemismo.

Se exércitos mercenários atacam, pilham, depredam,
fazem de tudo um curral, uma curra geral,
é que o importante é fabricar vítimas,
produzir cadáveres.

Não cabe outro álibe.

Se a agressão forja miséria,
engorda as burras dos ladrões internacionais.

Se o óbolo da infâmia recompensa o homicida,
é que a extorsão é intrínseca ao sistema econômico.

Não cabe fantasia.

Se a fraternidade é palavra proscrita,
e o que vale é a vingança,
o culto da morte com declarações de boas intenções,
é que querem tornar o homicídio um ato heróico.

Querem, enfim, que exista
uma ética da covardia e do crime.

Não há sofisma.

Para incremento do delírio, mais dinheiro e mais armas,
proclama o incendiário.

Cada tiro gera uma enxurrada de pânico.

O medo faz parte do programa de governo.

Nos labirintos da psicose alarmada,
os territórios ocupados valem esses disparos,
essas detonações e esse medo.

Não cabe outro axioma.

FOTOGRAFIA

O jornal mostra o menino ferido.
Tem nove anos e a perna decepada,
curativos no nariz e nos braços.
Uma venda manchada de sangue nas costas,
Balas encravadas na cintura e um catéter no peito
para evitar que se colapsem os pulmões.
Cercado de uma mulher vestida de negro
e um homem de branco, rostos contritos,
paralizados de horror, medo e sofrimento no olhar.
Há centenas de meninos assim,
estropiados, amortalhados, crivados de metralha,
o sangue jorrando entre mercenários bêbados de sadismo.

CIRCO

Que prodígio! Que fenômeno!
Venham assisitr ao idiota inteligente.
Venham ver o oráculo demente,
o mágico que, travestido de morto, saboreia o coveiro.
O manhoso palhaço mutreteiro,
bufão que se crê preponderante.
Venham ver o tropel de especialistas
em desobedecer à natureza!
Venham ver a oligarquia de aduladores.
O nepotismo disfraçado de vezo aristocrático.
A intriga como empuxo ascensional.

ESTIGMA

Por mais que te desdobre em controles,
inspeções, suspeitas, ameaças, espiões,
não poderás apagar o estigma.
Por mais que exerças arbítrio sobre os excluídos,
submetidos, algemados,
não poderás apagar o estigma.
Por mais que argumentes com estratégias,

calcomanias, supremacias, invulnerabilidades,
agressões, transgressões e desvarios,
não poderás apagar o estigma.
Por mais que espanques, abuses, violentes, esfoles,
que apliques choques elétricos,
que arranques unhas e olhos,
que globalizes a intolerância e a hemorragia,
não poderás apagar o estigma.
Por mais que proliferes feras, pragas, dragões,
por mais que multipliques espadas de fogo,
tentáculos, abominações, garras de fúria e mentiras
nunca poderás apagar o estigma.

INCITAÇÃO AO NÃO-COMBATE

Sabes tu, soldado néscio,
que essa metralhadora te tornará um homicida?
Sabes o que colherás por matares os teus próprios irmãos?
Sabes tu, soldado néscio,
que com cada tiros que disparas
assumes a condição de assassino?
Sabes que foste treinado para cometer crimes,
para infringir códigos penais
e serás réu perante as leis humanas e divinas?
Não te envergonha
carregar essa metralhadora com que privarás de viver
um semelhante teu?
Que a morte da tua vítima pode ser a morte de órfãos
que padecerão fome e desespero?
Que pagarás por todo sofrimento causado
às famílias enlutadas,
cuja dor com igual intensidade sentirás um dia?
Não te impressiona o choro convulsivo das viúvas e mães
por causa de teus disparos?
Não desconfias de que o teu gesto produzirá
miséria e doença
e que és responsável pelos cadáveres que forjares,
pela infâmia que semearás com tuas tristes mãos,

essas mesmas mãos que deram pão e vida a teus filhos,
à tua mulher, aos teus irmãos?

Não te comove a expectativa de que te matem
e seja tua família relegada ao abandono e à pobreza?
Ó insensato imbecil!

Acaso não tens sentimento, és uma máquina,
uma máquina de matar?

Mas se tens a mínima consciência
de que produzes a tua própria desgraça,
de que é uma tragédia partires do teu lar
rumo a uma terra ensanguentada,
em obediência a monstros odientes,
e se te reconheces um pária louco,
manipulado por megalômanos idiotas,
submisso a esses enganadores,
livra-te dessa escravidão maldita,
permite a ti mesmo a trégua definitiva,
volta-te a teu próprio juízo,
pára de proceder imbecilmente!

Verás quanto alívio em despojar-te de tão miserável fardo!

Verás que o teu maior triunfo é a deserção!

Teu mais inteligente ato, recusar a violência!

Teu único heroísmo, abominar as armas!

Só com a vitoriosa coragem de deixar viver
Vencerás verdadeiramente.

Cuidarás das feridas que provocaste,
consolarás os que alfigiste
e te perdoarás pelos crimes perpetrados.

Depois, regressarás a teu país,
recordando a terra inóspita
onde a tua consciência abominou a violência.
E já não serás um soldado néscio.

A SÍNDROME DE CAIM

Vê como nós compramos a ouro
essa carnificina de alhures!

(A televisão mostra um homem encharcado de sangue,
que rola no chão e grita,
enquanto explode um fogo ao redor de uma Igreja).

Mataram índios, massacraram negros,
aniquilam corpos e almas.

E aqui se macaqueia a psicose facínora.
Assimilemos a paranóia deles,
o sado-masoquismo.

Querem que o mundo aprecie a horripilante cena?

Querem que nos imbecilizemos,
que nos destrocemos uns aos outros
em guerras fomentadas pela loucura deles.

Milhões de criaturas assassinadas.

Um mar de sangue jorra nos confins da terra.

Eles financiam o fraticídio:
perigosíssimos débeis mentais,
enfermos que estão
de que doença?
Da síndrome de Caim?

CAUSA E CONSEQÜÊNCIA

Eis um conceito bizarro de democracia:
substituir um governo opositor
a custa de milhares de homicídios.
O ódio nascerá desses atos infames.
Com as migalhas, a sordidez.

Bombardear outros países, derrubar os seus governos:
a revolta germinará das agressões.

Com os aduladores, a autoflagelação.

Com as bombas, o Natal.

Com o petróleo – os disparos.

Uma voz no aeroporto:

“Favor evitar problemas de segurança,

não deixando bagagem desacompanhada”.
Com a cobiça, o metabolismos dos sapos.
Com Dionísio, os pênis arrancados dos altares.
Eis a forma mais cínica de autodefesa:
vincular a força bruta aos valores espirituais,
Devastar o mundo para melhorá-lo.
Outras vozes ecoam no mundo:
“Favor evitar problemas de segurança,
eximindo-se de bombardear o território de outros países!”

PRAGMATISMO E TÂNATOS

Isso é que é ser pragmático:
se morre alguém, esquece!
O dia borbulha tarefas na caldeira da repartição.
Projetos, compromissos, vantagens a maximizar.
Que importa o morto?
Urge a coisa dos vivos – vivíssimos.
O falecido teve o seu momento e está nos jornais,
na forma de fotografia e editorial.
“Deixou obra digna de antologias,
 pena que seres de sua bonomia
Interrompam sua contribuição à decência.
Paz a seus restos”.

Isso é que é ser pragmático.
Morreu? Era parte de nós?
A nossa parte está intacta
E circula no corredor com nossas ambições.
Importa o que somos. Não quem foi.
E somos esse afolivo de emergências,
Esses objetivos funcionais,
Papéis imediatos, obsessões, etc.
Quanto à destreza expositiva do morto,
Quanto à família do morto,
Quanto à...
Deixemos disso, não há perdas irreparáveis
e há autoridades em perspectiva,
há documentos por despachar,

não como se despacha um féretro.
Vamos, sejamos pragmáticos,
declara-me, menos com palavras que com gestos,
o executivo que trabalha na sala ao lado.
É verdade, a morte não tem sentido prático
(nem a vida).
Mas para mim era um poeta
e mesmo que fosse outro difunto
Significaria sempre o mistério.
Era um poeta
- e a poesia não é útil aos planos do interesseiro.
Mas uma imagem me manteve o dia melancólico.
É a recordação do poeta Enriquillo Sánchez,
que teve apenas o que deixou por escrito.
Não é preciso ser pragmático, definitivamente.

CIDADE SODOMITA

Não mereceu do mar um grão de areia
a cidade sodomita.
Os mosquitos e a companhia de eletricidade
fizeram um pacto
com os vendedores de doce e os dentistas,
e os petroleros do West com os fabricantes de armas.
Os provedores de combustível
regam plantas nos jardins da crise,
e o governo negocia com Maquiavel.
Os pintores de garatujas dialogam com os turistas
e até a ardente claridade mercadeia com os ventiladores.
Tudo é comércio nas ruas de luxo e lixo.
Até o ar-condicionado,
para o acesso ao artifício do paraíso,
sob a liberdade celestial do frescor,
nos impõe velhacos e indolentes técnicos.
Os guardiões concordam com a escuridão e o desemprego.
A lixeira celebra o seu convênio com os ratos e a carniça.
As clínicas se harmonizam com os buracos das calçadas.
O engarrafamento com os postos de gasolina,

os furacões com a arquitetura e o calor.
Tudo é concordância, até a escolta presidencial
se entende bem com os semáforos apagados.
Até os bancos parecem feitos para o FMI
e os soldados para o conflito multinacional.
Até os revólveres e as camionetas
celebram bodas com o dinheiro fácil.
Dinheiro desinfetado com detergente narco-cabrão.
Tudo é entendimento: cem anos luz de concórdia.

SURDO AOS CREDORES

O velhaco é inacessível como a bunda de uma monja.
Arisco como os motoristas espertalhões,
Cruel como os play-boys de metralhadora.
É um felino (pra não dizer gatuno)
- está sempre onde não se espera,
nunca onde é esperado.
Reza o “perdoai as nossas dívidas”,
E ainda que não rezasse, não as pagaria e as apagaria.
E as não paga. Asnão é quem não as apaga.
Que as pague o diabo – príncipe da usura,
ou a concumbina do cura – que de fundos não descura,
ou o próprio vigário que retirou a frase do sacrário.
Pague-as o penitente blasfemo
ou o puritano incauto.
O velhaco é antes de tudo um hedonista:
«culpa é passatempo de indolentes».
Levar vantagem, competir, agressividade,
isso sim é vocabulário de executivos.
Que sentido terá para o figurão a palavra ética?
Supostamente conhece o termo.
Julgará que é coisa de filósofos arcaicos.
O velhaco é agil – um pé no pedágio,
outro no ágio e outro no acelerador.
É tão sagaz que – dizem – nem cheira o próprio gás.
Realista: os quatro pés sempre no chão.
Não é nenhum tonto,

no país em que se tem direito a tudo:
da mendicância à degradação da natureza.
Tem mil razões o velhaco
para arrematar: pagar dívidas é coisa de otário!

CAUTELA

Cuidado com as mordidinhas do Butatã.
Cuidado com a cobra que devora os seus próprios filhos.
Cuidado com a sombra do fantasma fictício
e com a asfixia do pseudo-salva vidas.
Cuidado com a cunha da cunhã
e com o cunho do cunhado.
Cuidado com a má (conha) e com a boa conha.
Cuidado com o cão canhestro, com o decano acanhado,
com o cânone acanalhado.
Com o biscoito depois do coito.
Com a carótida do Caronte,
com o cérebro de Cérbero e outros cuidados.
Cuidado com o lobo do homem,
com os urubus, os carcarás, os cardos, as urtigas, os répteis
e outras feras da selva repugnante.
Cuidado com o marca-passo da vigilância.
Com o puxa saco que se dá bem nos cus-de-mundo.
Com o bandido Asmodeu disfarçado de Serafim.
Com o Preboste de palidez marmórea
e esgares indulgentes.
Com o riso bonachão do sinistro debochado.
Com os estigmas indolentes do ansioso.
Com métodos de maximização do abjeto.
Com a boca torta do indecoroso.
Com a síncope no abdômen do vampiro.
Com a sensação de sufoco que transmite o maroto.
Com as caretas do tremebundo que de tudo tira proveito.
Com a dúvida risadinha do mesquinho.
Com aquela ladainha hipócrita da figura eminente.

AVISOS FÚNEBRES

Não posso continuar assim,
tendo uma casa assombrada na alma.
Clarões de lua nos espelhos, nos vãos sombrios de escada,
nos porões silenciosos.
Há mulheres armadas para o martírio,
fragmentos de gente pelos ares.
Por trás das colunas e paredes escuras,
os fantasmas de apoderam dos gatos
que gemem danadamente sob o influxo lunar.
Os refugiados afogam-se num charco de sangue
Os homicidas traficam à ponta de pistola,
Os agentes de segurança cobraram para não assaltar.
O cartel bélico tem sequazes confiáveis.
Horrores espetaculares
transitam ao redor do matadouro
Governos delinqüentes estampam ícones de altivez.
O transbordo das armas atômicas,
pedras contra tanques, gritos contra mísseis.
O soldado que dispara contra o medo.
Noite de velório sobre o mundo.
Quem pode continuar assim?

DA ZOOPROTEÇÃO

É残酷dade maltratar os animais.
Há que erradicar o crime contra esses pobres seres.
Toda a Europa reprime esse delito
e os Estados Unidos impõem a cominação
e a punição dos delinqüentes
que matem qualquer tipo de animal,
(exceto os de inteligência superior).

NO TEMPO FUTURO

Quem viu no tempo futuro
que o mundo seria mais puro?
Na nova era irrigúria,
veio turbamulta inglória,
as consciências apodrecem,
chavelos do cão cresceram
e os escrotos dos esgotos,
gángeters e amigos da onça,
vão tocando a jeringonça.
Heróis da guerra das raças,
da destruição das massas.
Cadê o milênio? Gorou.
Quem foi que profetizou
a vida estrada florida?
Veio o inferno vaporoso,
simulacro do mafioso
e da diáspora mental.
Pobre profeta banal
que sonhou tudo ao revés!
Meteu aos mãos pelos pés,
viu os sorrisos de Deus,
inflorescências nos breus,
e paz nos jardins da Terra.
Viu quimeras nessas feras.
O desdém dos libertinos
rouba o milênio de vez.
E o deboche dos cretinos,
assaltou a sensatez.
E o mago da sensatez
em seu cândido delírio
esqueceu-se do colírio?
E em seu idílio inda sonha
com jardins na Babilônia,
o profeta sacripanta
que bebe mijo de anta.

RECEITUÁRIO

Para que cesse essa algazarra do demônio
e a cidade não seja um manicômio.
Para aplacar de vez esses possessos
e exorcizar a fúria dos perversos,
corja que ri de tudo quanto é sério.
Haja sarcasmo, blasfêmia e vitupério!
Para infundir juízo a essa ralé,
mais selvagem que a onça e o jacaré,
esses pulhas infames, desalmados,
esses sacripantas degenerados,
cuja conduta suscita espanto e pasmo,
haja blasfêmia, vitupério e sarcasmo,
Para domar o instinto nauseabundo
da malta capaz de extorcionar o mundo,
matilha que envergonha a humana raça,
escória que ri da própria desgraça,
malvados marmanjos com voz de fêmea,
haja sarcasmo, vitupério e blasfêmia!
Para regenerar o pardieiro
e livrar-se do golpe trambiqueiro,
ardil que se disfarça de estultícia,
pior que a banda podre da polícia,
turba venal que não dá trégua ou refrigério,
haja sarcasmo, blasfêmia e vitupério.

FAUNA INSÓLITA

Esse pavão não é mais do que um peru,
esse leão não passa de um macaco,
águia que degenera em urubu.
Que colibri? Morcego de buraco!
São rebentos bastardos do rei Baco
e de Hetaíra, caprinos-batráquios?
Crápulas híbridos, de minotauros simulacros.
cavalgaduras de funesto espetáculo.
Unicórnios de bico, bucho e papo.

Cães infernais, filhos de cobra e sapo.
É peixe-boi, é boto e baiacú,
é mescla de piranha de cururú.
Patões-chacais de boca no cu.
Simiesco corujão de estranho agouro,
Raposa que deleite e abutre, que decoro!
Cachorros de quilate e escabroso rabicho.
Que estorvo colossal, que atroz capricho!
Certas transformações de gente em bicho
e a tal espécie de animal demente
aberraçao da fauna repelente

CÓDIGO URBANO

A todo cidadão se assegura o direito de dormir nas ruas.
Sujo, fedendo, doente de miséria.
A todo cidadão se assegura o direito a se degradar,
cair no chão em qualquer esquina,
na pedra no frio na lama,
até que a morte o conduza a algum espaço mais baixo.
Dormir na calçada é um direito humano,
mas vender muamba em frente às lojas é delito.
A Prefeitura leva tudo
e baixa a porrada em quem vier pela frente.

CONTRA O OMINOSO HOMEM

Qual gota de lama num copo d'água,
um elemento nocivo contamina o ambiente.
Um sujeito prepotente, salafrário,
deve ser demitido, por demente.
Em nome do bem-estar geral,
fora com esse espantalho infeliz!
Um indivíduo indevido é infernal,
é deprimente, dá asco e alergia.
Dá comichão, provoca náusea
e é motivo de toda aleivosia.
Contra todos os tiranos do mundo

vai esta moção de repugnância.
Esta imprecação, esse repúdio rotundo.
O energúmeno, em última instância,
suscita-me horror a sua fuça.
E quem quiser que vista a carapuça.

REFLEXÃO

Deveria eu escrever esses libelos que ora escrevo
contra gente ignara,
gente que ascendeu de súbito
da barbárie à burguesia
e que não tem culpa de própria ignorância?
Mas, se tanto escrevo, é que me moveu
legítimo impulso irrefreável.
Não sei como isentar os insensatos.
Gente que injeta chumbo na alma,
sem consciência do próprio mal.
Seria possível ensinar-lhes a ser menos idiotas?
Estariam eles dispostos a aprender algo?
O silêncio conspira contra o sono.
À noite toda refleti sobre esse dilema..
Dormi dois minutos, talvez.
Gritos, alarmes e lambretas
despertam a cidade miserável.
Amanhece na zona do barulho.

UM ESTRANHO NO NINHO
«A vida só é gloriosa pra quem vive como eu vivo»
Eurípides

Se sou tratado de forma energúmena,
é de inveja, porque vivo abrigado à sombra das estrelas.
Porque não ando curvado no âmbito do rebanho,
nem sou dos delinqüentes autoritários
que apregoam a guerra eterna.
Eis-me tábua rasa dos abusos.
Mas não me queiram com a cabeça coberta de cinzas,

carregando a bandeira do engodo.
Não sei viver no aviltamento.
Espreita-me o esbirro,
porque me compadeço do sangue derramado.
Inveja-me o medíocre, incapaz de viver como eu vivo.
Meu ar de plenitude os desmascara.
Desesperem-se os mesquinhos!
Não lhes apedrejarei o mausoléu.
O mau exemplo não me contagia.
Afinal, a predição cumpriu-se:
o escárnio deles me engrandeceu.
A vida só é gloriosa pra quem vive como eu vivo.

RONDÓ PURGATIVO

Que merece essa gentalha feia
que abusa da paciência alheia?
Cadeia.
Que prêmio é justo para a insensata
e malfeitora turba canalhocrata?
Chibata.
E a canalha invererada de topete
que ostenta pose de suspensório e colete?
Cacete.
Aos crápulas que fazem barulho de noite.
Que Satanás os acoite.
Açoite.
E os primatas dos tempos da cova,
por essa algazarra merecem que prova?
Sova.
Que remédio cura a palhaçada,
a pândega dessa corja safada?
Porrada.
Cadeia, chibata e cacete
é pouco pra esse cacoete.
Açoite, sova e porrada
para essa esculhambação não é nada.

O DISSI(MULA)DO

Se faz de bobo mas é astuto,
pousa de simples mas é pernóstico,
é moralista mas dissoluto,
tem ar de crente mas é agnóstico.
Se diz abstêmio mas bebe cana,
fala qual macho mas e usa batón.
Se faz de humilde mas é sacana.
Parece limpo mas é bafon.
Tem mão de seda e unha de gato,
é solidário mas é tribal,
é dispersivo mas carrapato,
pinta de ovelha mas é chacal.
É circunspecto sendo gaiato,
é libertino e quer ser sisudo,
tartamudeia com espalhafato,
quer ser discreto e é linguarudo.
Um puritano que anda em bordel,
vive sorrindo só de ansiedade.
Faz o jejum com sarapatel,
um franciscano todo vaidade.
Um orgulhoso que sempre adula,
sem interesse mas na esperteza.
Um ilibado que manipula,
um perdulário todo avareza.
Se faz de amigo mas é raposa.
Tem convicção e ouve fofoca.
Um atrevido que nunca ousa,
inteligente mas é boboca.
Super ativo mas preguiçoso.
De tão banal chega a ser ladino.
Se diz ingênuo mas, de manhoso,
guarda segredo em boca de sino.

Incendiário de Mitos

ACREDITE SE QUISER

Não é roubo,
é evasão de divisas.

Não é proteger ladrão,
é acobertar figuras de histórico polêmico.

Não é corrupção, é só conduta irregular.

Não é desonestidade, é legítima defesa do bolso.

Não é bandidagem,
é relação assentada em pressupostos pragmáticos.

Não há ladrões, é a ocasião que se aproveita deles.

Não há suborno, o que existe é contribuição voluntária.

Não há trapaça, há promissórias da leniência.

Não há falcatrua, há concupiscência atiçada.

Não há catastrofismo tribal,
há falha na litigância cidadã.

PARTILHA

Na partilha de direitos e deveres,
a polícia tem o dever de não massacrar o indigente
e este tem o direito de dormir nos bancos de cimento,
sem ser incomodado.

O marginal não se perturba com os barulhos da noite
e o burguês não precisa temer o inofensivo vagabundo.
Eis o pacto social.

Até o momento em que algum insatisfeito o rompe:
a violência como argumento.

PARASITAS EMPLUMADOS

Parasitas emplumados cuidam do descaso,
da enxurrada das vantagens.

A favor do desmando exercem mandato,
funcionam no balcão das artimanhas.

São psicopatas

cuja falcatrua é aplaudida em comícios.
Tem-se o verdadeiramente abominável:
no superfaturamento, especialistas em fraudar.
Nas denúncias, o engavetamento.
Armagedom nas execuções sumaríssimas.
Lobistas da máfa na custódia do ouro.
Na prevaricação de ofício, juízes de prostíbulo.
Há mendigos de sangue azul com rolex paraguaios?
Impera a polícia do terror?
A livre iniciativa arruma o salão dos desonrados.

CULTURA DE MASSA

O comércio anuncia viagra no dia dos namorados.
Procura-se crianças para comerciais de TV.
O biguebroder expõe novos viados.
Há exibicionismo de currais irrigatórios.
Eu só vejo a «grobo», diz o segurança.
O novo autor não cabe nas estantes.
O burguês dilata as vísceras e atrofia o cérebro.
A multidão carrega os féretros gritando.
A ajuda humanitária vem em seguida.
Qualquer idiota é considerado um grande artista.
Qualquer mentecapto é uma eminência no picadeiro.
Pode pedir esmola quem quiser.
Todo mundo é gênio na casa de Satã.

HINO À PAZ

Triste é ver da guerra o rancor sangrento.
Irmãos matando irmãos nos conflitos da miséria humana.
Um dia seremos todos verdadeiramente pacíficos,
todos amigos pelo coração,
vivendo a igualdade espiritual
e o reconhecimento da verdade superior,
a lei que nos ensina harmonia.
Duro é viver em desavença!
Que a concórdia se estabeleça na personalidade humana,

que todas as virtudes nos defendam
e que um ideal estético seja o nosso pavilhão.
Um dia as nações se visitarão em irmandades,
sem armas e sem orgulho
e não teremos mais a tristeza dos confrontos.
A guerra será uma recordação triste
e o comércio terá como objetivo único
a subsistência confortável de todos.
Há de haver trabalho bem remunerado
e oportunidade e instrução para todos.
Eu canto o advento do novo mundo e da nova vida.
Havemos de reconhecer juntos esta lei maior:
a vida só tem sentido se caminhamos juntos.
A paz é uma ordem da consciência.

SALVO CONDUTO

Na exploração de que somos o produto da violência.
Cérebros computadores que multiplicam o ódio.
Preço que apregoam pra o penhor.
Pecúnia paga à torpeza.
Fraude e a farsa que se forjou...
Na fuga de que pressentimos a perseguição
como sombras esparsas pela urbe,
como bombas de nêutrons
- trevas que passeiam sobre túmulos...
No terror de que vivemos a repressão:
o ventre rasgado de metralhadora,
o peito dilacerado a punhal.
No tédio da vida como do cárcere,
No medo do amor como da tortura,
resta-nos cantar o poema do desencanto.
Obscuro é o tempo da nossa descrença.

REPRESÁLIA

Até quando serviremos ao tirano
humilhados pelo sarcasmo do vilipêndio?

Até quando dançaremos ao látego dos verdugos,
curvados ao estalar das vergastas e das palmatórias?
Ante o furor das mãos opressoras,
estrangulados, tombaremos enfim?
Depois de tanto sangue, tanto massacre,
submissos, quedaremos enfim?
Depois da masmorra, da infâmia e da farsa,
quem, dentre os condenados, arrancará a máscara do
carrasco?
Castigaremos o tirano com denodo.
Vingaremos a ignomínia do torcionário.
Mas não mancharemos de opróbrio a dignidade do gesto.
A reconciliação que apaga o rancor
não redime a vergonha dos pusilânimis,
esses proscritos do amor.
Puniremos os algozes sem ressentimento:
só não lhe perdoaremos a covardia.

A Quintessência do Enigma

ITINERÁRIO SENTIMENTAL

I

Pelo encanto, todo pena e êxtase,
que sinto desde que te reencontrei.
E por esse enlevo de sonhar desesperado,
só quero saber de quem sabe o que é apaixonar-se.
Tua voz preencheu a noite de folguedos.
Teus olhos deram lume aos soturnos umbrais.
Não há néctar como a polpa dos teus lábios.
Querer-te é como ser criança.
E é uma insensatez a que me recuso renunciar.
Dizes que há perigo nesse meu pensar tanto em ti.
Mas como não descansar da tristeza
à sombra do teu sorriso?
Como fugir dessa emoção que me transtorna?
Como não ser mais frágil,
quando recordo que nos vimos ontem
e é como se em nenhum momento estivesses ausente?

Teu rosto fixou-se no meu sentimento
e parece que só é bom viver porque te vi.
Só quero saber de quem fica como eu,
ouvindo música, perplexo,
na multidão, sonhando com uma só pessoa.
Será proibido querer a companhia de alguém,
quando não há luar no céu,
quando se está só e vencido pela saudade?
Só sei que sofro a madrugada
num pranto de solidão.
E sinto o teu perfume no ar,
ando hipnotizado pelo teu carinho.
Foi que estive no paraíso
e hoje é um loucura querer-te minha,
dizer que fui teu, em remotos tempos,
em algum país do Oriente.
Ando rindo e chorando, desde ontem,
num delírio de pensar em ti
como se pensa num tesouro perdido.
Feito um derviche que sonha com o seu desvario.
Desventurado, arrebatado num transe de penúria.
Absorto na contemplação desse amor incongruente!

II

São as canções do rádio que me estão perturbando o juízo.
Por que não dizes “o amado meu é meu e eu sou sua”,
como no Cântico dos Cânticos?
Por que não dizes que em nenhum tempo me deixarás?
Por que detenho o meu impetuoso afeto?
Por que não tomamos o remédio
para os que desmaiaram de amor?
Nem o canto do bem-te-vi já me alegra,
desde que o teu olhar me instilou esse veneno.
E é a tua imagem que vejo em todos os espelhos,
ferido de languidez alucinante.
Que faz na noite um coração sem regozijo?

III

Levo comigo o gosto do teu beijo,
fica contigo a flor do meu carinho:

ternura, afeto e um puro desejo
compartilhamos como pão e vinho.
Na cama da paixão, naquele ensejo
em que eu deixei de vez de ser sozinho,
foi tanto encanto, tanto ardor sem pejo,
que transborda alegria em meu caminho.
Tu te entregaste tão sincera e mansa
e tão travessa – mulher e criança –
que foste musa, amiga, amante e irmã.
E mesmo sem consolo ou esperança,
eu te levo comigo na lembrança
e fico em teu amor qual talismã.

IV

Sofrer de amor é sonhar a todo instante,
como eu sonho com teus gestos e sorrisos.
Devaneio imaginando o teu semblante
e ouço no vento os auspiciosos avisos
da tua presença, embora estejas distante.
O tempo diz o quanto eu de ti preciso.
Quero ser teu namorado e teu amante
e fazer do teu abraço um paraíso.
Nunca me negues o teu beijo, menina.
Teu nome está gravado na minha sina.
Sem ti não tem sentido andar na cidade.
Afortunado de dor e de saudade,
a natureza parece que me ensina
a te querer com maior intensidade.

V

Noite alta, eu penso em nós,
taciturno, meditando:
amor, generoso algoz
que me mantém miserando...
Sombra sem porquê nem quando
que me assola quando, a sós,
ando perplexo, sonhando:
amor, tirano feroz!
Por ti, moça, ando apressado,
coração sobressaltado,

sinto prazer e aflição.
Pelos astros alterado,
vivo um rito alucinado
de sedutora paixão!

VI

Delícias do vento bebendo contigo,
êxtase na praia.
O fugitivo momento eterno
é quando não nos inquietamos com o depois.
Aprendamos a lição das ondas.
Elas fluem sem pensar no tempo.
E o nosso tempo é agora.
E seja o nosso dia sem mistério
como a perspectiva do horizonte.
O verde mar flutua sob o céu.
A espuma transitória e permanentemente.
As nuvens voando no encanto da paisagem.
Musa, haverá sempre um recanto luminoso
para os que se acariciam?

CIÊNCIA

Cantarei aos povos do mundo inteiro,
beijarei a face da eternidade,
cantarei meu poema verdadeiro
quando eu for a luz pura da verdade.
Quando eu for pra mim mesmo um justiceiro,
quando em mim o amor for todo humildade,
só então eu serei um mensageiro
da doutrina que une a humanidade.
Quando tudo em meu ser for só beleza,
quando a paz de Deus refetir em mim,
nascerão tantas flores no jardim
que eu serei jadineiro da pureza,
eu serei uma parte da grandeza
da perfeita união que não tem fim.

INTERLÚDIO DELIRANTE

A Carlos Emílio Correa Lima

Enfrento as fúrias e só me resta o desperdício. Ansia de superar-me, saber-me carente se o tempo do infortúnio avança esses itinerários, essa vociferação irresignada na calma crepuscular.

Confesso que vivo em perigo, andarilho do país interior.

Só tenho essa inquietude para oferecer.

Padeço a viagem do suplício e quero que o silêncio permaneça com a presença divina.

Só a percepção íntima é alentadora satisfação, momento sem conflitos,

só me resta atingir o nirvana e seja inspiração a noite deserta.

Seguirei o vôo das idéias sem tristezas.

A plenitude calma perdure nestas meditações.

Oceano, recolherei a imagem das vagarosas procelas, só me resta o desespero de tudo que não é amor, a urgência do que ainda não vivi.

Ladeiras da pacificação, entre perplexidades dinâmicas me evado por corredores, corro em busca da alegria.

Prefiro andar à procura dos espelhos, fazer de cada instante o meu altar.

Que a vida seja o tempo da procura do ser imortal, imaterial. O espírito – síntese da amplitude cósmica.

A paciência é a ladeira do silêncio.

O caminhante medita em peregrinações, anula as dúvidas e, sem ânsia, sonha a vida livre da eternidade.

A cidade irradia a aura ancestral dos pensamentos e das vozes que ressoaram no tempo.

O corvo não devora o que pertence aos anjos.

Emoções da vida incessante.

Revejo o momento abstrato,

minha esperança supera o desencontro,
prossigo por esta alameda,
perplexo ante os casarões úmidos.
Permanece ancorado o navio
que me levará à grande viagem.
O vento está bravio, lança Deus um óbolo
pelas janelas do vácuo,
as estradas do mar são infinitas,
é noite e me predestino.
Sinto a respiração planetária e mergulho no silêncio.
(Para ser recitado ao
som da Ária na Corda Sol, de J. S. Bach)

Não há prazer em caminhar solitário pela madrugada,
reter o amargo transe na voracidade.
Pelas calçadas, à beira-mar,
Quando os bares são oásis no deserto da noite,
o vento leva as canções,
brinca na pele o frio desolador,
balança os coqueiros,
um gato fareja o cheiro do ar,
espreita sombras alhures, marginal,
pressagiando opróbrios e deleites.
Nas venturosa superfícies do mar,
Linhos angulares pulsam vórtices,
lâmpadas de júbilo.
Não há prazer em caminhar sem rumo, pela calçada
mirando a solidão iluminada dos navios,
o céu ardendo cristais – estuário glacial.
Só os perdidos remanescem, crivados de insônia.
Os prédios silentes, obscuros,
dormem nas intermitências.
Adeja o deslumbramento, o desdobramento das ondas.
O mar murmurando ondula a planície
do templo brilhante,
o orbe noturno suaviza os vértices do tempo.
Luzem poliedros, ó temerária premonição!
Os ritos do mistério

resvalam na pluma das águas,
no vôo martirizante à procura da manhã.
Estar vivo é alçar o sonho sobre o abismo
e perpetuar o alento cativo da lua.
Cidade malsã, turbulentâ infusão.
Caverna onde a alma se conjuga em sons,
a noite tarda inexoravelmente lúgubre.
Por tudo há soturnas ressonâncias,
vertedouros de vazão diluída.
Sopra o vento em tranqüila convulsão.
A frieza lava de suavidade minha face.
Amanhã os pássaros cantarão.
O entusiasmo governará meu destino,
inquebrantável fortaleza vencerá o vazio angustiante,
límpido amanhecer transparecerá.
Não há prazer em caminhar
estigmatizado e incompreendido, monge errante,
indiferente ao riso dos boêmios.
Amanhã experimentarei a alquimia insólita,
queimando o ser na doçura apaixonante.
(Para ser recitado ao som da “Pequena
Suíte”, de J. S. Bach).

O passado mergulha em fusão com o presente.
Viver me anima de súbito:
eu precisava sentir o caos que me conduz -
holocausto de silêncio! Mergulho na introspecção,
pressinto a ventura da descoberta.
Que signo superior marcará meu anseio?
Qualquer espaço me permite andar.
Se ainda não há perigos estou calmo.
Ondas aéreas, o diálogo dos antepassados,
destino, aventura, o interlúdio delirante!
Caminho no pensamento.
Sei que vem quem traz esperança e amor,
o querer dinâmico
– lembrança dos tédios é não ser infância.
A estação do estio é desolação.

O roteiro da certeza agora ferve.
Quero a firmeza dos mais convictos!
Sinto a irrisão de ouvir o estrépito da rua,
a ladeira mais alta é ser constante.
De repente me assusta a solidão de uma cidade.
Caminho sem destino
carregando o peso da vida.
Não tenho pra onde ir e nenhuma companhia
satisfaz esta certeza inevitável.
Nada anseio, nada suplico
além da preservação deste momento.
Minha missão é ficar à parte do universo
e reunir-me ao todo, indivisível.
À sombra dos ciprestes,
só o caos e este silêncio querem me confundir.
(Para ser recitado ao
som de “Fuga Tripla – três vozes”, de J. S. Bach).

Serenizado dos meus desesperos,
vou bebendo alento nos teus rumores,
galáxia gravitante, hinos de harmonia.
Idílios imagino, jorram jardins de júbilo.
Reconforto-me nos teus bramidos,
belezas brandas em brisas embaladas.
Aliviando a desventura, suavizando
em teus bálsamos a chaga do desgosto,
fujo nestas embarcações,
nestes embarcadouros e diviso a transfusa lactescência.
Torrente de sobressaltos.
Alegre amplitude.
Absorto no refúgio sinto a pujança das ondas frementes,
lancinante luz, leveza de prados fulgorantes,
transparências evanescendo flores,
precipitações de sonoridades.
Na soberba dimensão das latitudes
prorrompe a evasão das mágicas superfícies,
fremem vagas, florescimentos vertem do vale da ventania,
vejo o sereno archote, candelabro dos astros.

Deliram deleites na névoa dos nascedouros.
Marulha a estância da solidão: noturno de sonhos!
Oceano, redime o pranto dos martírios
com tua canção misteriosa,
voeja claridade no roteiro das brisas!
Arena de sensações,
lume de clareira solar, tudo é infinito.
Prosternado ante os teus encantos soberanos,
vejo a imensidão irradiando o fascínio das águas,
vibra o vôo veloz dos veludosos véus,
labareda líquida, fluxo magnético.
Retenho a longitude – agudo túnel de tenebras
por onde miro a glândula pineal.
O vento vibra com o temor extravazando acalantos.
Apascentado do tédio,
um medo melancólico vou bebendo no arrebol.
Salvo pela luz, sinto um sorriso na face gelada do vento.
(Para ser recitado ao som do Prelúdio em Mi Maior, de J. S. Bach).

O SIGILO

“Que faço eu sonhando no sobrado vazio em que me vou?”
Alphonsuns de Guimaraens Filho

As árvores ficam diluídas no estuário dos campos
enquanto sonhamos os bens ausentes
e o abismo lacera vertigem de sentimento
que transluz em pureza.
A noite tece ruínas sobre o frio.
Os ventos estão aflitos, em labaredas errantes,
a candeia abismal dos reposteiros
sonambula tedioso lume:
é preciso fugir para a fonte dos mirantes de brisa,
à sombra da desesperança,
no tropel da chama do tempo.
A carícia da alma é poesia.
Sobreparam idéias em voragem,
brota êxtase de alacridade no entardecer.

Em mineral silêncio clama a insônia dos túmulos.
Acesa a lâmpada do abandono,
ressoa o clarim do inexorável susto,
enquanto soluça a rosa da alegria.
Recendem jasmins e a alma dos vilarejos dorme.
Nesta hora atormentada em que vencemos o tédio,
os gênios do ar resvalam melodias
e adormecemos na fuga aos pomares turvos,
infensos à chuva das agonias:
lívido espanto é o pranto dos penhascos na neblina.
Este paraíso ressoa na cordilheira
e a noite se recolhe no latejar dos porões
– prenúncios da fremente euforia.
Retengo o destino nas tardes de jardins etéreos,
hora da impressentida prece, soturna súplica.
O lamento do ermo estua incorporado à paz.
Em demanda do invisível
meu barco de insônia busca a vertente,
vislumbro incorpóreas visões
e me retiro na incerteza tranqüila,
intranqüila certeza das coisas que vibram nos caminhos.
Pressinto a nostalgia,
fui predestinado a seguir a verdade do enigma,
fremir ausências, assombrado pelo espanto dos milênios.
Vejo o céu que desliza além, o céu de dádivas.
O cais denota o mundo que se espraia,
mundo de miséria onde descubro
um sopro de suavidade.

EPIGRAMAS CÁUSTICOS

Quando dizer-me escuto a razão – Márcio,
tem complacência e cessa a lavra espúria –
cogito e falo: julgais vós ser fácil
tolerar perversões de vã luxúria?
Fenece a derradeira flor do Lácio,
contra os devassos não conclamo a cúria.
Flagrar valete e dama “em afelácio”

será desfeita grande ou vil injúria?
Tal é a força da paixão humana
que não censuro o instinto depravado
do bardo crasso e da musa cigana.
No entanto, o verbo manifesto irado
quando um sujeito metido a bacana
assume a condição de um transviado.

Sarcasmo do destino impenitente,
eu vi a bela ninfa na piscina
beijando um chimpanzé (ou será gente
ou cangurú ou ave de rapina?).
Ver esta moça e seu novo nubente
- como é safada essa burlesca sina!
Grotesca cena, estranha e deprimente:
mulher e bicho às vezes não combina.
Já vi na vida muita assombração:
já vi vampiro, caipora e dragão,
marmota assim, contudo, jamais vi.
A coisa amorfa, a tal aberração,
lobisomem, curupira ou saci,
osculava a menina em frenesi.

O burocrata, esse vilão nefando,
com trejeito de singular coveiro,
a medieva túnica trajando,
é um lobo disfarçado de cordeiro.
Lembra um plebeu mendigo miserando,
tem qualquer coisa de um asno matreiro,
de um corvo cego pela treva errando
- galináceo pousando no poleiro.
Esquálido vampiro apavorante,
com ar de circunspecto santarrão,
esse urubú faminto e rastejante
na forma de um caveira ambulante,
parece um ponto de interrogação
curvado entre os arquivos sobre a estante.

Ceifados pelos rompantes da sorte,
os patifes são uns predestinados.
Suas asneiras ancestrais são de morte
e a banalidade é fatal – coitados!
Sede piedosos com esses imbecis,
pois tais medíocres, de tanta ignorância,
no inferno hão de carpir, perto dos vis,
recolhidos à insignificância.
Árvore genealógica raquítica,
rebentos da beócia e da demência,
as suas mentes pétreas e graníticas
desilam na morbidez da excrescência
o veneno das alviltantes críticas,
abusando da divina paciência!

INVENTÁRIO

“Em minha alma o amor tange um alaúde crepuscular”
Francisco Alvim

Enquanto o dia tremula nas varandas,
nenhum passeio descuidado, só o tempo fluindo entre
vidraças,
o pêndulo dos relógios, o olho dos relógios
e o corredor que espreita a fuga das horas.
Os cães amestrados farejam o dia dos mortos,
dia composto de pesadelos nas retinas
e arfares extenuantes sob a pilastra do cadafalso.
Aridez, movimentos agônicos, manhã sem horizontes,
desassossego, corredores sem cores,
gestos gastos pela aparência dos objetos ásperos:
catálogos, fichas, máquinas de escrever, exaustores
e os mortos errantes entre as paredes do perigo.
As mãos funcionais vagam entre combates e refúgios,
o carcereiro uiva dentro do túnel
e pelo labirinto seguem os sobreviventes,
turvos olhos, vida armada, gestos frios.
Resta o verde que não se apagará, resta o retiro do coração,
o jardim do desterro e o pomar das tardes estivais.

Resta o mergulho nas cores do vento,
o tempo verde, para além dos corredores,
as fontes do estuário além do subterrâneo dos sonâmbulos.

Purificações

POEMA ESTÓICO

Querem te tornar um rato, um trapo, um bagaço,
um palhaço, um sapo, a sombra de um traço.
Um maluco pacato, caçar-te no mato, prender-te num laço,
lançar-te em pedaços nos espaços.
Querem te reduzir a pó, estrangular-te com um nó,
com uma pedra no pescoço te jogar num poço,
roto no alvoroco, te deixar só osso,
calado no calabouço.
Tirar teu couro, te fustigar feito um touro,
te esmagar feito um besouro,
arrancar teu casco, te escarrar com asco,
entregar-te ao carrasco.
Querem tornar-te um fiapo, farrapo, cobaia da Gestapo,
num buraco te entregar ao bando nefando,
te deixar miserando como um troço,
destroço, refugo de um verdugo,
ao jugo de torcionários,
saqueado por falsários, gemendo em calvários.
Te deitar num esquife,
te retalhar que nem bife no prato de um patife,
te cortar de navalha, trucidar-te na batalha,
palha em fogo de archote, sob o chicote,
em masmorras querem que morras
currado em Gomorras,
furado pelo furor de algozes ferozes,
querem que bebas doses atrozes.
Mas quanto mais te humilham cretinos,
carontes, devassos, fascistas,
mais te brilham horizontes, destinos, fontes.
Trilham teus passos novas conquistas, pistas, pontes,

hinos divinos cantas, e avanças
e não cansas das andanças em que te lanças,
erguida a fronte em que conduzes
as cruzes das esperanças,
nas urzes, nas mansas luzes, entoas acalantos santos.
Quanto mais preso, mais aceso o fulgor do teu amor.
Mais senhor de ti mesmo, mais voas,
mais te doas ao esplendor, mais coeso despertas
e te libertas das armadilhas do opressor.
Te maravilhas nas ilhas em que brilhas,
ciente da claridade,
segues em frente, na realidade transcendente,
suavemente ao sol que propicia a serenidade
que nasce cada dia.

Farol de liberdade, passe de magia
em que a bondade acaricia a face da eternidade.
E viajas em naves de harmonia, ave de alegria,
tua chave de alquimia abre as portas da verdade.
Se te conspurcam farsas e violentam-te desgraças;
se a infâmia do escárnio ameaça-te,
se te atormentam com insolências os tiranos
e se freme o suplício do ódio a ferver,
pelo sacrifício da paciência, com gestos humanos,
conquista-lhes o poder.

Se o feitor de chicote na mão esbraveja opressão
e se diante do cadafalso,
no teu encalço investe com furor o inquisidor,
mostra-lhes o que é a virtude,
conserva a serenidade,
prova-lhes que nada te ilude, derrota a vaidade,
aproxima-te da verdade.

Que a segurança não te faleça e cada agressão te fortaleça.
Se rosnam cachorros furiosos,
se te perseguem os invejosos,
estalando chicotes e armando botes,
se te apontam aguilhões, ganindo vociferações,
permanece com a tranquilidade
de quem conhece a eternidade!

ASPIRAÇÃO

A matéria se dissolve em poeira,
a vida renasce em novos corpos.

— Eu quero o imutável.

A folha tomba crestada de outonos,
os animais envelhecemos.

— Eu quero o imperecível.

Até o vento se altera na fúria das tempestades.

Até o mar se rebela em hórridas convulsões.

— Eu quero o imperturbável.

REVOLUÇÃO

Hoje que o direito é subtraído e a justiça escandalizada
e a vaidade forja arrogância, discriminações
e a miséria se alastrá em favelas.

Hoje que há fome, torturas,
assassinatos pelo mundo inteiro
e as bocas caladas a ferro e estilhaços
já não clamam ante o pânico e a iminência do holocausto,
chegou a hora do socialismo espiritual.

A hora de redimir os explorados, injustiçados, os mendigos
e torturados dos manicômios
e todas as vítimas da força bruta dos tiranos.

Chegou a hora de libertar os massacrados,
exterminar o barbarismo e a violência,
libertar os humilhados pelos grilhões da infâmia,
os espancados nos covis da perversidade.

Agora que os lavradores estão sem terra,
que a vida foi comprada
e que foram fechadas as portas do protesto.

Agora que o pânico dos reatores ameaça a paz das noites,
que a hecatombe incita o medo
e o banho de sangue explode com as armas do morticínio.

Agora que os donos do mundo
vergastam ferozmente os indefesos,
ante a iminência da catástrofe,

chegou a hora de libertar
os degraçados do antro de mentiras,
chegou a hora de salvar os perdidos,
traídos pela segregação das raças,
desesperados pelo rancor,
hostilizados em classes inimigas,
chegou a hora do socialismo espiritual.
Hoje que os fascínoras se despedaçam
contra o aço do ódio,
resvalando em podridões de autoritarismo,
hoje que as crianças imploram migalhas
e os marginais se lançam dos abismos
e as armas estão engatilhadas,
chegou a hora do palavra certa,
do pensamento certo, da atitude certa.
É a hora do socialismo espiritual.

BEM-TE-VI

Bem-te-vi, diz que me viu bem,
pra ver se vem o bem.
Passarim de augúrio, irmão dos anjos,
rubi esvoaçante da coroa de Deus!
Consolo dos padecimentos meus.
Bem-te-vi, diz que a manhã não tarda,
anjo da guarda,
diz que nasceu a esperança,
ave em forma de criança!
Bem-te-vi, canta de madrugada,
canta na hora sagrada.
Vê que eu esteja sempre bem
e os arcangels digam amén.

Sortilégio Marítimo

GALOPE A BEIRA-MAR

O mar tem silêncios, estradas sombrias,
profundos mistérios que são fantasias,
imagens do tempo do mar das origens.
Na calma das horas que gera vertigens,
os amplos idílios que derramam brilhos
na vida dos seres, fonte de prazeres,
sonoros encantos, são flores das águas,
brotando da espuma, quais anjos de bruma,
são hostes do céu que provêm das alturas,
descendo às planuras da beira do mar.

A noite cintila os seus puros cristais
e em sonhos espreito os fulgores astrais
dos templos de Deus onde os olhos deleito,
perplexo e desperto, mirando o infinito.

Nas altas planuras, rezando medito,
lembrando da infância que jaz nos passeios
que faço nas praias onde ando a cismar,
nas cores que vejo nos meus devaneios,
viajando sem pressa, feliz andarilho,
e ouvindo as sereias na beira do mar.

O sal é a vida do corpo dos seres.
Das águas se pesca alimento sagrado.
Milagre dos peixes é dom de Jesus.
Acima das ondas, no azul que reluz,
se espraiam as luzes sagradas do mar.

Meu trigo e meu leite retiro das fontes
que brotam das nuvens sobre os horizontes.
E às horas serenas que o mar atravesso,
nos meus devaneios ao vento confesso:
é Deus quem me que guia na beira do mar.

Meu sonho e meu dia, no campo ou na serra,
eu vivo tranqüílo nos tempos de guerra.
E escuto as canções dos celestes cristais,
ao som das orquestras dos ventos astrais

que têm a cadênciados vastos espaços
que Deus projetou com sidéreos compassos,
criando a beleza do mundo infinito,
dos fundos infernos do caos inefável,
em tudo imprimindo com gesto indomável,
sublimes encantos na beira do mar.

E quando pervago nas horas vazias,
encontro sossego e me deixo viajar
no azul do horizonte, mirando a paisagem,
sentido os aromas das brandas aragens,
sonhando sereno, sentado silente,
contemplando as águas vitais evidentes,
com belos amigos que alegram meus dias,
eu vejo o esplendor da sublime beleza
do vento e das ondas sentindo a pureza,
nas suaves areias da beira do mar.

O mar tem mistérios, histórias perdidas.

Ulisses nas ilhas buscava jazidas
e os velhos fenícios, mirando dragões,
sofriam tormentos, procelas, tufões,
por feros piratas, cruéis e arrogantes,
eram perseguidos nos mares distantes.

Carpindo as agruras de exílios terríveis,
expostos às vagas de forças temíveis,
horrendos pavores do vento a bradar,
pensando na calma da beira do mar.

Os bravos marujos, em sustos e assombros,
encontram seu rumo, nas noites escuras,
no norte seguro da estrela polar.

Ansiosos do porto, da pátria e do lar,
por sobre as cavernas incertas do mar,
vislumbram nos sonhos os portos de sombras,
os amplos espaços, campinas e alfombras,
navios de névoa, cidades perdidas,
errantes destinos e trágicas vidas,
vividias na espera da beira do mar.

No espaço infinito dos raios de sol,
resplendem os fachos do rubro arrebol.

Os campos sidéreos do reino divino,
a eterna morada do nosso destino.
Em formas de névoa de seres alados,
rutila o fulgor de eternais candelabros
e os puros arcangels, faróis estelares
que vivem na estância dos rútilos ares,
são um anjos que brincam no azul a vagar,
voando e planando na beira do mar.
Nos altos domínios das claras esferas,
repousam dos mundos as vastas quimeras.
E as almas perfeitas que escondem o segredo
dos puros confins, onde livres do medo,
voaremos na luz da infinita verdade,
alçados nas asas da perenidade,
buscando as planícies de etéreas alturas,
quando nossas vidas aladas e puras,
lançadas nos ventos das ondas do ar,
alcancem os domínios da beira do mar.

CELEBRAÇÃO DO MAR

Oceano soturno,
grande grande aplacador de toda angústia,
antídoto da minha saudade sobrenatural,
curandeiro do sofrimento hereditário,
venho beber o sal da solidão no rumor do teu quebranto.
Venho chorar meu desalento nos portais da noite.
No teu desespero universal venho consolar-me.
Temos a lua como custódia.
És a imensa lágrima que lava o martírio dos homens,
sou o tradutor da tristeza humana.
Oceano, entendo a agonia das tuas ondas arrebatadas,
a tua voz é semelhante à minha:
há pranto e êxtase no teu crepitar das espumas litúrgicas.
Sou o intérprete do teu subimado lamento.
Lua no céu, quebrantos ecoando em mim,
inspiro-me na contemplação dos altos páramos.
As estrelas são pétalas de um jardim

onde deambulo a esmo.
O farol lunar nos guia na treva das formas transitórias.
O teu estrépito luzente me ensina a sorrir.
Teu bulício fervoroso me ajuda a suspirar.
Caminho perplexo ante os abismos:
são meus os enigmas das profundezas.
Estremeço ante a tēmpora indômita
dos golfos de amplidão.
Assombram-me segredos como precipícios.
À flor da torrente, cantemos em uníssono.
Sob a vastidão crivada de estrelas,
pérolas emergem no limo dos ermos,
dissolvendo os dissabores.
O mar é um milagre.

O Encantador de Estrelas

MEMÓRIA DA NOITE SIDERAL

Noite de arrebóis diluídos em sombras,
elfos, salamandras e rios de cinza líquida,
com hidras e duendes-leviatãs.
Noite em que os gigantes se rebelaram
nos vácuos tremulantes de espectros.
Noite em que Plutão escavou no mundo
as entranhas dos precipícios e reinou o invisível
e Hórus se transformou no gato
que devorou serpentes, hipocamos e sereias.
Campo de várzeas vazias
onde redemoinham vapores e estrelas,
nas janelas do firmamento,
povoando a terra de charcos e vultos
que as árvores gesticulam
aos sons dispersos das cavernas das ruas.
Grande corpo dissoluto de moneras
e rostos de antepassados,
em cada reflexo murmurando soturnas águas.
Rainha das profundidades de peixes voadores,

o rastro do vento é teu espírito,
deslizando objetos inanimados
com a emoção de mortos habitantes de casas antigas,
numa conflagração de névoa
que invade os pântanos de sonoridade.
Cisterna de miragem, cratera zodiacal de polifonias,
gnomos uivantes no silêncio.
Cães que sonham com nacos de carne sangrenta
e sonâmbulos nos corredores de treva.

MEDITAÇÃO

Fui eremita, hirofante,
habitei as ilhas de Lemúria,
naveguei até o império do Ganges.
Depois emigrei para Mênfis,
o núcleo esotérico dos conhecimentos sumérios.
Hoje tenho a fortuna do maná,
chove nos canteiros dos meus sonhos
e posso abraçar a imagem da perfeição.
A vida me concedeu a essência do ar,
a claridade dos pensamentos,
o ritmo da imortalidade.
Como eximir-me de louvar as leis infinitas?
O destino humano é viajar em si mesmo,
nas correntes de libertação.
Mas estamos entorpecidos
e precisamos ser como os pássaros
que não pensam em sua fragilidade.
Desprezei prerrogativas e abjurei a indigência espiritual.
Só a consciência há de nortear o itinerário do meu destino.
Fui insensato, mas hoje adoro as forças da natureza
mais que os celtas e os povos levantinos
e sei cantar como as aves do amanhecer.

REPUGNÂNCIAS

Para Fávio Sarlo

Hostilizado nos porões da angústia,
vociferei de alma devassada
onde a matilha despeja cizânia.

Deliravam no caos do desgosto os lacerados.

Arremecado contra os enxovalhos de abjetas harpias,
tropecei no covil de tarântulas,
perseguido por látegos de empáfias,
bebendo aflição nos cataclismos em que resvalei,
amargando abominações,
vilipêndios e sarcasmos agressivos.

A fronte macerada de lamentações,
busquei refúgio nas regiões do terror,
minha esperança rastejou crivada de aflições.

Armaram-se enxovias e cutelos
contra os meus pensamentos.

Um temporal de estigmas
choveu sobre os escombros do que fui.

Espectros de ódio nas falanges amotinadas
massacravam os réprobos nos escombros da violência.

Fui vencido, vendado, vendido e vexado.

Mas na dissolução dos despojos
recuperei até as miragens do impossível.

FERNANDO PESSOA

Cavaleiro monge a cismar no mar,
navegante irmão do assombro e do êxtase,
alma atlântica exilada nos campos
bebendo angústias na taça do poente.

O incêndio do cataclismo da ânsia,
vozes do mar nas ilhas, sensações
nas tardes calmas de desassossego
e o fado conheceste em plagas ermas,
perdido nos pícaros do segredo
do teu pórtico partido em delírios.

Visionário do vazio e do tédio,
adoraste as sombras imperecíveis,
íntimo vigilante dos abismos,
eleito pelo mal da desventura.

Navio Espacial

PLANO PARA A MORTE DA TRISTEZA

Nessa hora tardia em que a tristeza vem,
o coração já crivado de ânsias, escuros
são os silêncios secretos que me detêm.
Os olhos da noite são glaciais e maduros.
Que do bem-estar o destino não me prive.
Que a tranqüilidade suavize a mente humana.
Tanta lucidez assim jamais tive:
quero dizer: in corpore sano, mens sana.
Ah, tristeza, quero que morras, estranho vício,
flor do mal, hás de fenecer em sacrifício
aos deuses da lucidez. Eu quero estar só.
Não buscarei amigos. Não sairei aos bares.
Eu quero subir à gloria dos altares.
Nunca estive tão louco, tão puro, tão só.

VIAGEM

Vem, vento leve, velar o vazio da vida.
Vem, viração veloz, leva a voragem que vem vindo voando.
Vem voear, veleiro vacilante.
Vem valsar, vadio vendaval.
Vem, volúpia vã, verve varonil.
Vai, vertigem, erva vidente,
me leva leviana ilusão,
leveza ligeira, livre levitação.
Tarda, tempo das trevas da tormenta,
abranda-te, brasa brutal arrebatadora!
Afasta-te, fantasma feroz que esfacela,
esfrangalha e fere a fibra do fado!

Foge, fera que fervilha a fúria.
Fica, felicidade efêmera!

CONSCIENTIZAÇÃO DA MORTE

Morrerrei quando cessar em mim
o contato vital da termodinâmica,
quando arrefecer a efervescência dos elétrons
e, num transporte gravitacional, subir a aura do cérebro,
estancadas as vibrações dos átomos sensíveis.
Num plasma inorgânico, de cada molécula do corpo
se desprender a fonte natural.
Morrerrei quando a força sincrônica
se transfizer em energia volatizada
e, em espirais, o espírito ressoar no espaço
o raio da minha voz nas ondulações etéreas,
Morrerrei quando morrer em mim
a inquietação oscilatória da matéria viva.
Quando estremecer o núcleo das células
em freqüências astrais.

POSOLOGIA OU RECEITA PARA HIPOCONDRIACOS

Há noites em que miramos a estrela absinto
que amargou as águas oceânicas
e de manhã o samovar aquece as coisas cristalinas.
O láudano, a papoula das cordilheiras febris
andarilha como o guaraná reconfortante.
Não esquecemos o álcool hilariante
nem o ácido ascórbico
que aumenta o poder fagocitário dos leucócitos.
Ao meio-dia o sol é árido
e clama por um cauim de sabedoria,
o que é suave bálsamo como o aroma do sassafrás,
a mescalina que conduz a sensações inóspitas
e o hidromel delirante das pupilas do peiote.
O córtex cerebral ativado pela energização dos neurónios.

O alvorecer das sombras requer o sulfato de berberina,
de ação sedativa no setor oftálmico.

Depois o ergocalciferol
e a niacinamida nos sintomas de profilaxia
e as avelãs que Apolo degluti
nos peitos das deusas calipígias.

O archote sublime clareia a sala soturna,
evolando fumos de resinas purificadoras
da aura, do éter e do astral.

Ave Natura

PARCO DEL VALENTINO

Adagiato sulle sponde del Po,
tra archi palatini e cupole esferiche,
stanza delle magnificenze,
giardino roccioso affacciato sul fiume
che ne lambisce il litorale.

Mio castello abitato da rondini,
sacra sentinella che il fogliame orna.

Altri borghi accedono al boschi:
elevati candelabri.

Bordi verdeggianti risalgono lo specchio scivolante.

L'azzurro si attarda sopra i colli ombrosi.

Passeggio al largo della corrente.

Fioritura subalpina di colorati aromi.

Eremi in estasi per viaggiare in acqua erbosa.

Il marlo si delizia di profumi floreali.

Mi bagno le palpebre nella cascata immaginaria,

Ipnotizzato dai petali selvatici.

Il pomeriggio dorme nell'inquietudine delle ondulazioni,

Rami bevono il chiarore sotto gli auspici fluviali.

Costeggio la passerella del destino,

Mia fantasia nell' abbandono delle cose illimitate.

Il crepuscolo mi inebria .

Ombre avvolgono orti trasparenti,

miraggi imploranti.

Mi esillo nell' esaltazione del vento.
Emano balsami le fioriture che ho in me..

Torino, 12-07-97

COM VIVALDI A VENEZIA

Si scopre il mantello di interminabile ampiezza,
gli sorvolano le filigrane,
facendo fluttuare i passiri ignoti
e sonore cascate di soavità.
Gondole di mitraggi fluiscono giubili
- la fantasia dei velieri tessono un miracoloso velo,
ucerna di candori che piove unguenti
per inebriare il cuore: odoroso miele
che le imbarcazione floreali elevano in anfore votive.
Ed un guardar la fortuna, oltre i confini dell' istmo,
si svela il chiaro di luna di allegorie.
Risuscitando l' animo di vivere,
la primavera fioresce i passeri,
ispirando gli aurugi dell' ideale glorificante:
allegri in danza pastorale.
E un ritmi assolati il giorno innalza questo uccello de
speranza
che mi trasporta ai giardini della serenità.
Venezia, 29-6-96

FIRENZE FIORITA IN PIETRA

Essere vivo è deambulare nelle vie di libertà,
riconciliarsi con se stesso tra reliquiari ed ostensori
in Via Corso, perseguitato dalla bellezza,

oppure in Piazza Cimatori,
di fronte al rifugio di un guerriero contemplativo.
Firenze esilieresti ancora chi sognava
nella Torre della Castagna?
a chi ti ha difeso nella Rocca di Caprona?
Firenze — amorevole nave, volando spaesatta dietro il
mare.

Mi inebria il dolce canto del tuo allegro giorno,
balli nell'effusione che si innalza nei misteri.
Come i passeri si abbandonano nel giardino,
l'anima che tengo è quella intima dei riclusi
e trova la lira in un segno di memorabile affetto.
Firenze splendida, dall'insegnamento esaudisca il tuo voto.
Mia lira profana e sacra
al crecere ritmico della vita,
città di tabernacolo e navata,
di Duomo e Torri di Giotto,
cornici di sottili ricami di minuzie.
Firenze topazio di fioriture,
alba di seta nel senno di Giove.
Onora le campane di San Lorenzo.
Alloro sugli angeli che soffiano conchiglie
nel trionfo di Galatea.
Oltre i monti di roveto ardente,
maggior fortuna è il bagno delle ninfe
e la magnifica visione dei vetusti contorni di Fiesole.
Firenze dormindo tetti candidi sui chiarori delle valli
toscane.
Firenze apollineo angolo di mirabili marmi policromi,
dove riposano perenni simmetrie ed ondulati boschi.
Firenze, 6-7-96.

VIA DEI FORI IMPERIALI

L'acido millenario corrode le cantini,
erba che spunta nel mattone eroso.
Però lo sguardo della musa accende i giardini,
voluttà risplende nei pilastri mormoranti.
Mi innalzo ai fari del godimento,
sulle scalinate araldiche.
Il vento spoglia le ninfe.
Volano uccelli di sortilegio,
croce della cristianità nel Tempio di Vesta,
sereno vortice in attesa di nuovi altari.
Nell'intimità della sera piango l'agonia dei portici
abbandonati,
le rovine della estinta magnificienza.
Intorno agli obelischi,
incenso mago nei raggi solari.
Nelle fresche sorgenti Nettuno corteggiato dalle naiadi.
Roma, 18-6-96

À PARIS AVEC LES OISEAUX

Voilà le quai du Louvre, seuil de Paris
qui apaise la douce amertume.
Les charmilles ancrées dans l'île de la Cité,
le miroir de l'avenir sous les ombres des ormes.
Voilà la rosée des cieux sur le réseau des voitures,
le Jardin du Luxembourg et les fleurs musicales
survolant le cercle de l'eau.
Entre les feuillages, ornée de couleurs,
la cour du Palais,
avec la poussière qui rôde autour de la fontaine.
Le clair de mirage nous enivre,
parmi acanthes et glaïeuls.
Parce que les oiseaux sont meilleurs que les hommes,
127 Plenitude Visionária
j'en écoute les augures de bonheur

sur les ramures et sur les cruches.
Chantez, frères, chantez l'espoir des vagues,
voyagez vers les fleuves obscurs,
urvolez les marécages.
Je vous accompagne à travers le trafic des bateaux.
Ne nous arrêtons qu'au sommet des châteaux.
Fuyons les boulevards contaminés,
allons aux quartiers de banlieue.
Même Saint-Germain-des-Prés point ne m'attire.
Je n'ai aucune affection pour Montparnasse.
Suivons la Seine, loin des avenues qui rayonnent
depuis l'arc de Triomphe.
Voilà les marronniers du Jardin des Tuilleries,
où nous sommes restés quelques minutes.
Voilà le dôme de Notre-Dame,
la grande rosace est notre guide.
Survolons l'île Saint-Louis:
place, rues, passages et galeries,
la Place de la Concorde,
les losanges des tours coniques,
les spirales alchimiques
comme des stalactites rutilantes.
Depuis le Bois de Vincennes jusqu'au Bois de Boulogne,
j'admire les frêles roseaux dans l'air.
Au-delà de l'aquilon qui dresse sa silhouette aux alentours,
voyons les toits et les vallons bourdonnants,
partons le soir sur la plaine.
Je me range parmi vous dans les clairières,
dans les haies vives.
Qu'importe les arcs métalliques
et les reliefs anciens?
Les clôtures de marbre et les verrières couronnées?
Les balustrades et les émaux polychromes,
le passage du Carroussel et la forteresse du Louvre
ont peu de valeur,
car l'itinéraire vers le ciel c'est la fortune.
Voilà Paris — la Grande Odalisque,
Vénus de boudoir, courtisane et duchesse libertine,

guidant le peuple ailleurs.

Plus profond est notre envol sur les colonnes de statues,
dans les environs.

Plus précieux que l'obélisque de Louxor,
ce reliquaire de signes archaïques,
et plus majestueux que les portiques du carrefour,
les terrasses, les vitrines et les galeries,
voilà le rubis solaire qui se couche
dans la Grande Arche de la Défense.

Les carrefours urbains recèlent des prodiges,
mais le temps éternel on n'en jouit
que sous le soleil des jardins.

Et son bonheur est plus ancien que les bijoux du Pharaon,
plus étonnant que les colosses de pierre.

Vrai comme le cœur de Sainte Geneviève,
on l'apprend dans la théologie de Victor Hugo,
en écoutant la course de la Seine vers la mer.

Et la seule victoire
reste aux bosquets du Bois de Boulogne,
Nous l'avons trouvée auprès d'une cascade).
Paris, 3-8-96.

ACROPOLE

Quelle rêverie majestueuse avec la mer
que j' imagine au-delà de l'azur!

Collines de vertes mosaïques aux frontières de fascination.
Et ici, sur la rive ténue des choses invisibles,
les blancs édifices aux degrés rongés
de magiques fragments.

Je recueille des épaves que le temps amoncelle.

Théâtre millénaire sous les portiques de Zeus,
bosquets d'acanthes abritant des nymphes enchantées.

Tout est métamorphose.

Un attroupement de siècles a fracassé
les reliques du roi Cécrops.

Mais l'esprit d'Athéna veille les aires rectangulaires encadrées de collines,
les flûtes du vent dans les chlamydes des Cariatides,
impavides, soutenant la décrépitude de l'esplanade.
Du patio héraldique que la corrosion anéanti
les jardins des muses.

Au sommet d'un tertre la vision s'illumine.

Des nuances sonores laissent transparaître des gradations,
Sereine fluctuation.

Sous les piliers je célèbre:

La brise porte l'encens des antiques rituels
et avec les caresses de tons suaves le pavillon s'éveille.

Les fraîcheurs de la plaine.

Je recompose, avec nostalgie, sous les escarpes,
le temple de Thésée immergé dans las agoras d'autrefois.

A PÉRFIDA PERFEIÇÃO

1º Canto

Viajei no péegaso dos anjos planetários, nas asas do zéfiro, e minha carne astral regressou manchada de cores. As águas irradiavam seus liames nas ondas bordadas de um relampejar cristalino. Itinerante no deserto, penetrei os meridianos das transmutação, as retas entrelaçadas na curvatura dos arcos – o eixo da terra inclinado desordena a geometria estelar, desequilibra os mundos setentrionais, as sete setas dos setes setores (os horizontes demarcadores do diâmetro polar). Conheço a vida pela correnteza dos rios – do movimento dos barcos à direção das águas – e ouço a emanação musical das esferas. Eis o enigma da primeira civilização nômade: pirâmides, obeliscos, mosteiros e a placidez do oásis nas serranias. Meu canto aflora a força motriz da natureza. A ribeira, os vales, os prados, molhados nos pântanos, nas vinhas do Crescente Fértil. Digo a vida conhecendo a correnteza do rio: vida que corre como rio, matéria de quietude que rebenta, leito de cachoeira, vazante, na vida vai calando a voz, na ida, na

lida, desagua na foz. Meu canto é vôo de pássaro por essas planícies de templos rupestres, pela quimera dos campos, o verde da hera, a trilha dos povos : abrir os braços na vastidão de ser livre. Se eu acordasse feliz nas manhãs da vida, se trezentas solidões acompanhasssem a minha partida... Noite em mim, quando o astro de prata resplandecia como um círculo de gelo – sidérea pedra que no pálio de fumaça descortina a espuma. Flameja um candelabro (a asa de um chacal) sob a neblina onde o lume argênteo veleja como um cisne de seda. Ah, quem me dera mendigar –te, hóstia de jasmim, lírio compacto germinado em abrolhos ritulantes. Ah, se eu morresse feliz como quem sonha... Gritos turbilhonam-me os ouvidos. Eu, o pérfido habitante das encruzilhadas, hierofante e anacoreta, conjuro a rebelião das esfinges neste planeta de quatrocentas luas. Que venham trasgos esgueirando-se pelas grutas de linhas vigorosas. Que a procela dos báratros altere os pólos do continente povoado de torpeza, flagelo, asco, infâmia e perjúrio. Sobrevivo numa atmosfera de espasmos doentios, véspera das ferrações, dos terremotos, dos temporais. O cataclismo ruge rasgando o ergástulo dos precipícios. Ó hedionda eclosão que drapejas flamíneos raios como punhais de pórfiro sobre os meus olhos! Arde um pesadelo de labirinto e alamedas nas galáxias estilhaçadas das minhas pupilas. Um veneno crava suas garras em meus brônquios crestados como a estepe que a labareda sufocou. Pestilento floco de podridão veio alojar-se no núcleo citoplasmático da minha epiglote. Floração tecida de ramagens, o halo zodiacal não se apieda de ti, o firmamento converge para a distância do meu delírio. A minha vida provém de uma calma diamante, deixa-me pouco consistente. Do tormentoso covil do meu tédio vageio pelas eternidades. Conheço pólos misteriosos e este céu é entardação sobre as trevas. Os traços tortos – os tédios tardios – braços e mãos dormentes. O amor, múmia de luz, anula o tempo nos páramos contaminados de ácido incandescente, e aí eu

fugi pra mim, porque, fio de vida, hoje que é profunda a noite, ocorre uma ilusão: o homem – flor dos cereais – o pulha, a pilha, uma foice, uma chaga onde os Alpes respiram. E há conceitos equivocados. A noite absorveu as caldeiras do sol. Nasceu o devaneio no hemisfério. Quatro espíritos malignos a matéria conhece. Encarnamos no covil dos aguilhões. A obscuridade cresce o medo – faca afiada nos corpos, renúncia, de coragem busquei amor e sabedoria. Aldeia, eu falo pela voz dos mitos. Por que estarei sempre onde não fui? Quero ficar. Morrer, quando a vida se transforma? Quero viver, insônia, quantas vezes temi ser o nome do mal! Vem, dize-me que eras a morte. À noite, enfim, a visita inesperada. Hoje eu a conheci com suas pálpebras pesadas como rendeu-se o Fausto, pois quatro demônios a matéria conhece. Vi-os de perto e dominei-lhes a fúria. O vinho referveu nos odres da volúpia. Tântalo, o ofídio, furtou o obnóxio néctar e Plutão é frio e eu existo no periélio da superfície, projetado no espelho do Tempo. Não, eu não existo. A vida vive em mim. Vida que se nutre de aminoácidos voláteis – enzima do protoplasma que se evola na granulação genética. Vida que se gasta na ação abrasiva do vento, a obsoleta megera: Tempo recortado.

London Gardens and other Journeys

WESTMINSTER BRIDGE

“Nothing ever could break or harm the charm of London Town”.

Noel Coward

It's not about a common river crossing a city.
A prodigy is whirling
where Nature and mankind dwell together dizzily
in the spiral of meeting.

Westminster Bridge reconciles the antipodes:
waves in a spontaneous uproar.
Not a simple river,
but a spring adorned with signs of haughtiness,
representing the badge of poets,
the exactness of metaphor and the verticality of ideal.
Look at the gold that frames the big chronometer,
the irreproachable design of the rectangles
and the subtlety of the angular spikes.
Look at the river, recipient of all conversions,
winding peacefully amongst colours and shadows.
Listen: the Big Ben strikes the heartless gong
announcing the eternal fluency of life matters.

TRIBUTE TO THE CHILDREN OF GREEN PARK

In Green Park children find out
that water is far more noble
than the solemnity of traditions.
And the festival of the innocence shaded all patriotic pride.
Celebrating the wedding of the Earth and the Sky,
the children changed in toboggan
the slope of the Canadian memorial.
“As a mark of respect keep off the monument”,
recommends the stone inscription.
But children,
since they don’t worry about wars, nor about money,
discovered once again the usefulness of the monument.
Sliding in the water mirror,
they use the public thing for the benefit of life,
in sacrifice to the reason to live.
Light drains from smiles and gestures
and the impromptu to became the altar of Summer.
Granting functionality to a useless thing,
children, in harmony with the petals’ colours,
praise the water as who’s smiling.
What a lesson of joy
and so unlike the one that comes from perishable things,

do children give us playing.
They reveal the secret of water.
Water that gives us life.
Life that comes from water.
Blessed water, free of fear and sorrow.

AT THE DOORWAYS OF WINTER

The wet feet, avoiding the puddles,
the umbrellas bumping
and not just the moistened benches,
but the busy cabs, tiny drops damping everything,
(polyphony of rhythms in the wheels and the motors).
The downpour stopped in the morning,
but the icy fever burns the bones
of who, ex-bohemian
found himself in the uncertainty of wandering at the night.
The weather seems less hostile
when the city opens in bright avenues,
but if at 2 a.m. there's no one
to open the hotel door for him,
the night walker rushes to pick a cab,
surrounded by cars that roar with violence,
until someone, that God sent, appears
and guides him from the City of Westminster to Islington,
throughout the outlines of St. Pancras.
It was worth waiting under a flood take-off
and have just three hours of sleep
till seeing the daylight gilding walls and trees.

MEETING POETRY

Morning had drawn to a twilight before mid-day,
a magnetic rain in the hair of some women,
to see them means to watch the touch of sky in everything
and a touch of salt and sun in the Nature,
here, as in the South Atlantic Ocean.

A morning of night-falling at the theatre,
and later, at the meeting with the Irish muses,
Over St. Martin Lane, a magic slope to Trafalgar Square,
the National Opera of garnished balconies,
the sparkling globe on the dome.
The tower of St. Martin of the Fields, white mercury light
and the bridge where the poet Joseph Marinus
sharing out a book,
keeps speaking about the poetry of the heart,
under the blessings of the city lit all over.
On the way to Royal Festival Hall,
under the weary aura of the bright buildings,
I listen to the whisper of the Thames.
The roofs of Covent Garden are silver-plated by the moon,
November moon of London,
alive poetry in a brilliance of delight,
airing the columns of the Apple Market.

THE AIR OF THE PARKS

In the air of the park there are winged beings
whirling around the pond calm.
Source of silence wherfrom inspiration,
white bird,
teaches me that city poets became sclerotic
for they neither write along with the muses,
nor understand the joy of birds.
In the air of the park the flocks of birds in flight
unfold a festival of sounds.
The composed sliding of the swans, spiritual grace,
hugs in peace, the polychromatic grove.
The green hint vibrates in the alluring sight
and swans, purer white
than the gowns of the ladies of the court,
far more solemn than the ambassadors
in the reception halls,
such a nobility they wear in their complaisant walk!

The plants with their embroideries,
much more luxurious than glossy chandeliers
would make George the III envious.
And the sky, a primrose texture,
reminds the fable of the Lady, friend of all suffering,
who searched the world for simple people,
compassionate to any human pain.

PILGRIMAGE IN JANUARY

I wandered as a collector of solemn places
from the treeless streets around Paddington station
to the leafy regions of Bayswater.

I wandered along North Kensington, along Notting Hill,
as a collector of solemn places, pillars, gateways,
churchyards and labyrinthine strands of lakes
marked with the hand of antiquity.

I wandered along Marylebone Road, round Portland Place,
along Regent Street, along Fleet Street,
and there were ornamental buildings,
the Royal Academy of Music, the Saint Paul Cathedral,
among firetrees of advertisements.

But the monoxide and the noise frightened me away,
Yearning for the roses of Regent's Park,
I sought for a refuge in their clarity
A piece of bread was the reason
why thirty pigeons came by
and ate up my wheat provisions.

In turn, the squirrels refused bread and banana.

The playground of children
led me to a playful contemplation
and now, in front of the boughs of the trees,
the freshness of the grass spread all around,
the lake is a floating garden with petals flying over.
Far away from the fretful traffic, instead of pavements
I have the flavour of the groves
and I fancy that orchards are abroad in the air.
London's face and relic should be recalled forever:

The Charing Cross, the sun-set over the bridges,
but just here is where I share the company of nightingales
in the shelter of January.

The frost made me wayfarer
and even the roses left from Mary Queen's Garden
(to perfume stone-beds in some other hemisphere,
far away from the frost that damped the fields
and slimmed the trees).

Chin and hands already senseless,
I close myself within the windows of the snack bar
and I supplied myself with calories.

The roses will be back in the underground of April,
that's what Triton told me at his spring.
They will be back driven by the blow
of their hydraulic shell.

KEW GARDENS

Watching the green explosion that stands out
as a flood of ecstasy,
I hold within my heart the expansion of the harmony
that birds announce,

sensual balms and sonorous delight that seduce me.

I reach utterly exhausted, stateless pilgrim

and suddenly, cheerful once again,

I drink the promises of this flash of emerald,

a flourishing flood over Rock Garden,

the Woodland Garden

and between the Gallery and Palm House.

The luxurious cedar stretching out its hegemonic branches
is not far richer

than the weary tulip bent by the wind,

Neither the mirror pond in front of the mansion
has more splendour

(the wave-like blazing friezes)

than the magnolia breathing its lilac on the lawn.

The velvet road draws out in spell...

bringing to the feeble human life a minute of eternity.

The bunches of rosy prime fruit, chromatic solaces
cast from the sky,
how they delight both sight and heart,
acquainted with harshness, and the senses,
hostile to the austere services of life!
And what a bath of crystal health
for the soul is the air over here!
The source of most delightful scents
made all perfumery shops needless!
The prodigy of satisfaction whispers in the foliage,
the festival of life grows out of the monuments of leaves,
marvelously planted,
spreading a myriad of still shadows.

Madrid y otros idilios

PASEO INICIÁTICO

Es un placer exquisito irme por la calle Mayor
hacia el Palacio Real.
Noche de luna. Febrero. Sábado.
Aras de muchedumbre en la Plaza Mayor.
Los bares abiertos, iluminados.
Voces dispersas.
La Plazuela del Conde de Miranda,
un sitio olvidado del tiempo,
La estrecha calle de Puñonrostro.
De repente, la iglesia de San Miguel,
su fachada como una torre.
Una escalera más y la calle de Segovia.
Era al Palacio Real que yo iba y me perdí.
Subo por la Travesía del Nuncio.
Por los peldaños llego a la calle del Nuncio.
Hacia la derecha y aparece la iglesia de San Pedro el Viejo
(que fue lugar de la mezquita de la Morería).
Alfonso XI la edificó en recuerdo a la torre de Algeciras.
De esa época es la torre mudéjar).

Subiendo más, sin preguntar a nadie,
encuentro la casa de San Isidro
(donde su pozo milagroso).
La Real Iglesia de San Andrés, de primorosa cúpula.
La plaza de la Paja, primitiva,
como si todavía pasto de caballos.
Vuelvo por la dirección opuesta,
bajando por la Cava Baja.
Discurre la gente por el filo de las aceras,
entre los coches y las paredes,
por la vía angosta.
Pronto estoy en la calle de Toledo,
outra vez delante de la Plaza Mayor.
El laberinto me hizo girar 365 grados.
Tengo fuerza para caminar más.
las rodillas me están cada vez mejores.
No tarda la medianoche,
pero avanzo como un peregrino.
Cruzo puertas iniciáticas.
Calle de los Bordadores.
Tabernas, restaurantes, cafés,
balcones con sus rejas y ventanas.
San Ginés como un rojizo bloque.
La majestuosa torre que me ha encantado siempre.
Ahora sí, calle de Arenal,
aficción nocturna de caminar.
El invierno ofrece una tregua a los que pasean.
Teatro real, ahora sí.
Luna perfecta en la mirad del cielo.
Medianoche en Madrid.
Suena la campana de la Encarnación.
He llegado al huerto deseado.
Madrid, 11 de febrero de 2006.

PERSPECTIVA DE VALLADOLID

A Miguel Delibes

La Plaza Mayor, donde el Conde Ansúrez alza la adaga.
Donde fueron coronados doña Berenguela y Fernando III.
El Consistorio adornado con enseñas y doseles.

La calle de Santiago,
la torre como un hito a la memoria.
los retablos de Berruguete:
hojas doradas, columnas, escudos ceñidos de filigranas,
ángeles heraldos y el caballero fulgurante.

Zorrilla frente al parque,
a su lado, de la profusión del agua,
un arcoiris como ofrenda espiritual.

Bajo el revuelo místico de las aves,
los templos a raíz de las piedras.

Asimismo la fachada del monasterio de San Benito.
San Pablo con su estampa iconográfica.

El Colegio de San Gregorio de los doctos estudiantes.

Desde el astroso reino de Enrique IV
hasta la boda de los Reyes Católicos,
Valladolid desborda impronta.

De la muerte de Colón al nacimiento de Felipe II
(La mansión de los Pimentel,
convertida en Diputación Provincial);
desde el auto de fe contra el Doctor Cazalla
hasta el nacimiento de Felipe IV,
Valladolid es una quimera.

Calle de las Angustias con vestigios de la muralla.

La antigua cofradía penitencial.

El teatro inaugurado con «El Alcalde de Zalamea».

La catedral con leyenda de torre dañada,
el agua goteando después de la nevada,
el pináculo del Sagrado Corazón.

El vuelo misterioso de las cigüeñas...

?Que importa el ruido de las excavadoras?

No trae cuenta divisar escaparates ni edificios de aluminio.
Pero sí que me convienen los umbrales de Cervantes,
de Colón y de Zorrilla
y el Pisuerga discurriendo entre orillas bucólicas.

Es más: un paseo por el Campo Grande,

este regalo para los poetas, los niños y los enamorados.

PEQUEÑO INVENTARIO DE ZARAGOZA

El Pilar de geométricos techos colorados,
los caprichos de su capilla elíptica,
el retablo de alabastro del altar mayor.
Las esmaltadas grecas de la Seo,
arcos de filigranas, dorado artesonado,
las cúpulas de fina labra.
El arco del Deán sostenido entre dos monumentos,
El mirador de ventanales góticomudéjares.
La iglesia de La Magdalena:
torre almendrada con vidriado ábside,
campanario revestido de azulejos.
El teatro del emperador Augusto:
Un legado de polvo y ceniza.
Ebro de aguas verdes y orillas terciopelo
El Torreón de los gobernadores musulmanes.
Zaragoza vertebrada en perfil eclético.

EL PRADO: PEQUEÑO INVENTARIO

El Greco es el príncipe de las llamas.
La suavidad de Tiziano
en las Venus halagadas por el tacto de velludo».
La Danae preñada por un polvo aureo de Zeus.
El entierro de Cristo «entre una opulenta sinfonía de dolor».
De Velásquez, el Cristo «imbuido de majestad tranquila».
Dormido en la cruz, la sangre que gotea de sus pies.
La capilla luminosa donde «Las Meninas».
La bufona menos bella que el perro.
El Conde-Duque montado a caballo, La mirada arragante.
El halo luminosos de Apolo en «La fragua de Vulcano».
De Rubens, «Las tres Gracias» desnudas,
bailando en dulce sensualidad,

«La Adoración de los Reyes».
Fanfarría y apoteosis lujosa, cálida, triunfal.
Un frenesí de fiesta en la «Danza de aldeanos
y en «El jardín del amor».
De Joardens, “los Tres Músicos”, ébrios de armonía.
De Rembrandt, la Artemisia bebe su copa de cenizas,
la vaga aparición en el fondo.
El Parnaso de Poussin,
Apolo entre poetas ceñido por las musas,
bebendo el néctar.
Castalia desnuda ante la fuente de la inspiración.
Los amorcillos graciosos coadjuvantes.
De Murillo, “La sagrada Familia del pajarito”.
La ternura con que el niño, jugetón,
coge el pajarito en la mano,
el perro astuto que acecha.
“La Virgen en Ascensión” con la mirada dirigida al cielo.
Luz, nubes y ángeles en el espacio.
San Juan de Dios cargando al pobre, amparado por el
arcángel.
De Zurbarán, las visiones extáticas de San Pedro Nolasco.
San Pedro cabeza abajo, crucificado, envuelto en
misterioso fuego.
De Alonso Cano, San Bernardo devoto y la sagrada leche
y el Cristo blanco desmayado.
De Fransciso de Herrera, El Mozo, el flamante
Hermaenegildo.
De Ribera, El «rostro ardiente e inquieto» de Santiago.

VIAJE A MEDINA DEL CAMPO

A Chamartín temprano acudí sin saber
que de Atocha salía el tren a Zaragoza.
De pronto, me direccioneo a Valladolid.
El viaje improvisado por Castilla,
por las piedras verdes donde brotan las encinas
y los picos nevados de marfil.
En Simancas el castillo cerrado

y no hay taxi.
El autobús tarda más de una hora.
Ahora sí, en el transporte colectivo,
sigo ayunando a las tres de la tarde.
Un bocadillo de tortilla es un banquete
que disfruto en la estación.
Una bandada de gorriones conmemora
la primavera temprana.
Un sol de regocijo lustra el aire.
Destinación Medina del Campo:
tengo dos horas para el castillo y el palacio.
La torre asoma desde lejos.
De cerca es una eclosión.
Me imagino el obispo cierrando el paso a la reina Juana,
y el fugitivo descolgándose por las almenas.
A los lejos las águilas señeras y la inmensidad.
Después, la Plaza Mayor de la Hispanidad
y las estancias reales,
donde Isabel I dictó testamento y rindió el alma.

DE PONTEVEDRA A VIGO

Como el viento canta en la ola,
como el rastro de la espuma en el agua,
el alma bebe el reflejo luminoso
y se remansa al recordar el nombre de las flores.
Deslúmbraseme la planicie del mar.
Las verdes ensoñaciones embelleciendo la mirada,
las rías llenando el corazón.
La tarde me hechiza de aromas y perspectivas.
Con gaviotas, mástiles y playas,
se expanden las estaciones marítimas
hasta las orillas diamantinas.
Los resplandores discurren sus alas
en un jardín de mansedumbre.
La ciudad dormida en la cuesta,
sus blancos pilares como lámparas.
Los primores del aire azul.

El día derrama hermosura de oleaje florido.
Pinos, enebros y cipreses encendidos,
las hojas flotando sus esmaltes.
Lucida ventura de frescores.

CÁDIZ, TASITA DE PLATA

Palmeras como estandartes,
alegrias como certidumbres.
Brisa comunera en la tarde.
Gracia de cofraternizar que las campanas celebran.
Cádiz, tasita de plata.
La Plaza Mira como un bosque florido,
el Museo con ânforas, quemaperfumes,
Melquart en actitude hierática,
las callejuelas como pórticos de andariegos.
Gerânios en las rejas omnipresentes,
encrucijadas com aires venturosos.
Cádiz tasita de plata.
La blancura de las torres almidonadas,
ciudad alumbrada de albores, enmarcada de horizonte.
Techos abiertos a la inmensidad.
Cádiz, tasita de plata.
De la torre Tavira los navios flotando bajo la neblina.
Azules, los caminos del más allá,
recortan simetrias.
Ciudad plantada sobre los pilares de lo ignoto,
floracion de sal y brote de alacridad.
Las torres como cabezas levantadas,
como mástiles encantados,
ciudad que realza como un buque
transplantado a la eternidad.
Cádiz, tasita de plata.
Cádiz 13-08-06

TRUJILLO

Vergel de piedras labradas,

semillero de galerías porticadas,
una impronta de caballeros ecuestres.
Aquellos extremeños fieros forjaron su geometría
en senderos de roca y balcones de esquina.
Con soportales de arquería y capiteles platerescos.
Trujillo, crisol de heráldicas puertas,
donde las piedras cantan como campanas.
Entre fortificados arcos escarzanos,
formas que perpetúan hazañas y linajes.
Abrevadero conventual,
donde se alza Santa María La Mayor entre palacios.
La oscura pena de paredes y techos,
huellas del botín de ultramar.
Realengas arquitecturas talladas en monólitos.
Bajo las torres la dehesa, esparcida hacia los montes.
Y como un estigma, el dolorido temblor del campanario.

POSOLOGIA OU RECEITA PARA HIPOCONDRIACOS

Há noites em que miramos a estrela absinto
que amargou as águas oceânicas
e de manhã o samovar aquece as coisas cristalinas.
O láudano, a papoula das cordilheiras febris
andarilha como o guaraná reconfortante.
Não esquecemos o álcool hilariante
nem o ácido ascórbico
que aumenta o poder fagocitário dos leucócitos.
Ao meio-dia o sol é árido e clama por um cauim de sabedoria,
o que é suave bálsamo como um aroma do sassafrás,
a mescalina que conduz a sensações inóspitas
e o hidromel delirante das pupilas do peiote.
O córtex cerebral ativado pela energização dos neurónios.
O alvorecer das sombras requer o sulfato de berberina,
de ação sedativa no setor oftalmico.
Depois o ergocalciferol e a niacinamida nos sintomas de profilaxia
e as avelãs que Apolo deglutió nos peitos das deusas calipigias.
O archote sublime clareia a sala soturna,
evolando fumos de resinas purificadoras
da aura, do éter e do astral.

SERMÕES AO VENTO

ITINERÁRIO SENTIMENTAL

I

Pelo encanto, todo pena e êxtase,
que sinto desde que te reencontrei.
E por esse enlevo de sonhar desesperado,
só quero saber de quem sabe o que é apaixonar-se.
Tua voz preencheu a noite de folguedos.
Teus olhos deram lume aos soturnos umbrais.
Não há néctar como a polpa dos teus lábios.
Querer-te é como ser criança.
E é uma insensatez a que me recuso renunciar.
Dizes que há perigo nesse meu pensar tanto em ti.
Mas como não descansar da tristeza à sombra do teu sorriso?
Como fugir dessa emoção que me transtorna?
Como não ser mais frágil,
quando recordo que nos vimos ontem
e é como se em nenhum momento estivesses ausente?
Teu rosto fixou-se no meu sentimento
e parece que só é bom viver porque te vi.
Só quero saber de quem fica como eu,
ouvindo música, perplexo,
na multidão, sonhando com uma só pessoa.
Será proibido querer a companhia de alguém,
quando não há luar no céu,
quando se está só e vencido pela saudade?
Só sei que sofro a madrugada
num pranto de solidão.
E sinto o teu perfume no ar,
ando hipnotizado pelo teu carinho.
Foi ontem que estive no paraíso
e hoje é uma loucura querer-te minha,
dizer que fui teu, em remotos tempos,
em algum país do Oriente.
Ando rindo e chorando, desde ontem,
num delírio de pensar em ti
como se pensa num tesouro perdido.

Feito um derviche que sonha com o seu desvario.
Desventurado, arrebatado num transe de penúria.
Absorto na contemplação desse amor incongruente!

II

São as canções do rádio que me estão perturbando o juízo.
Por que não dizes “o amado meu é meu e eu sou sua”,
como no Cântico dos Cânticos?
Por que não dizes que em nenhum tempo me deixarás?
Por que detenho o meu impetuoso afeto?
Por que não tomamos o remédio para os que desmaiam de amor?
Nem o canto do bem-te-vi já me alegra,
desde que o teu olhar me instilou esse veneno.
E é a tua imagem que vejo em todos os espelhos,
ferido de languidez alucinante.
Que faz na noite um coração sem regozijo?

III

Levo comigo o gosto do teu beijo,
fica contigo a flor do meu carinho:
ternura, afeto e um puro desejo
compartilhamos como pão e vinho.
Na cama da paixão, naquele ensejo
em que eu deixei de vez de ser sozinho,
foi tanto encanto, tanto ardor sem pejo,
que transborda alegria em meu caminho.
Tu te entregaste tão sincera e mansa
e tão travessa – mulher e criança –
que foste musa, amiga, amante e irmã.
E mesmo sem consolo ou esperança,
eu te levo comigo na lembrança
e fico em teu amor qual talismã.

IV

Sofrer de amor é sonhar a todo instante,
como eu sonho com teus gestos e sorrisos.
Devaneio imaginando o teu semblante
e ouço no vento os auspiciosos avisos
da tua presença, embora estejas distante.

O tempo diz o quanto eu de ti preciso.
Quero ser teu namorado e teu amante
e fazer do teu abraço um paraíso.
Nunca me negues o teu beijo, menina.
Teu nome está gravado na minha sina.
Sem ti não tem sentido andar na cidade.
Afortunado de dor e de saudade,
a natureza parece que me ensina
a te querer com maior intensidade.

V

Delícias do vento bebendo contigo,
êxtase na praia.
O fugitivo momento eterno
é quando não nos inquietamos com o depois.
Aprendamos a lição das ondas.
Elas fluem sem pensar no tempo.
E o nosso tempo é agora.
E seja o nosso dia sem mistério
como a perspectiva do horizonte.
O verde mar flutua sob o céu.
A espuma transitória e permanente.
As nuvens voando no encanto da paisagem.
Musa, haverá sempre um recanto luminoso
para os que se acariciam?

VI

Noite alta, eu penso em nós,
taciturno, meditando:
amor, generoso algoz
que me mantém miserando...
Sombra sem porqué nem quando
que me assola quando, a sós,
ando perplexo, sonhando:
amor, tirano feroz!
Por ti, moça, ando apressado,
coração sobressaltado,
sinto prazer e aflição.
Pelos astros alterado,
vivo um rito alucinado
de sedutora paixão!

VII

A solidão é um navio perdido.
Ai de mim que só sei olhar o mar.
Meu idílio é um jardim fenecido
à sombra de um dolorido sonhar.
De doce melancolia curtido,
confesso meus segredos ao luar.
Os sentidos num só sentido,
transido de emoção, a suspirar.
Noite de contrição, ó tempo austero
de delícia e pesar em que medito
sobre o que devo querer e o que quero.
Esquecido de mim, nesse conflito,
como ser a mim mesmo sincero,
se vivo em êxtase de tão aflição?

VIII

Tua presença, ternura no vento
serenidade, bem-aventurança,
festa de luz, manhã de encantamento
e o teu sorriso porto de esperança.
Sem pensar no amanhã, só no momento
sem pensar na partida e na lembrança
só no prazer do dia, sem lamento,
O céu azul, no mar a onda mansa.
Contigo estar sem perguntar porquê,
eternizar o encanto que se vê,
seria a vida o mar da plenitude.
Seria o sonho o prazer que se crê
infinito a perfeição da virtude
E se não, a gente ao menos se ilude

IX

Não te percas na multidão da vida,
não te ausentes na escuridão do tédio,
vivo enfermo de amor - és o remédio,
na névoa fria da ilusão perdida.

Do desencanto sinto o triste assédio,
saudade da ventura compartida,
pranto de dor na hora da partida
e um silêncio abissal como intermédio.

Foram da vida os dias mais felizes...

cada minuto um êxtase, um oásis
que o deserto do mundo não conhece.

Tardes azuis que se tornaram grises...
Que farei, sem as carícias e as pazes,
que a gente sente e que jamais esquece?

X

Sinestesia das árvores na quietude translúcida.
Tarde clarividente.
Fora do parque, a cidade é triste
Ou sou eu que ando sem rumo?

XI (Messenger)

Do outro lado da linha,
alguém espera falar com alguém.
Eu, o abandonado.
Ela a esperada.
Eu, o que lamenta a solidão,
Ela, a que prefere o silêncio.
Messenger, mensageiro dos amantes, socorro!
Bombeiros não apagarão esse fogo,
o mundo já é cinzas
e tudo ao redor são ruínas ambulantes!

XII

Não reinventar o amor é matar a natureza.
Qualquer notícia tua é uma gota de mel
nesse oceano de amargura
em que mergulhou a minha vida.
Lágrimas de saudade que vêm do céu da lembrança.

Deliciosa dor que me tortura no cárcere da esperança em agonia.
Não me relegues a esta desventura,
não me lances ao silêncio atormentado.
Mulher que personificas a fascinação,
imagem sem a qual meu ser imerge em treva.
Dissolve essa geleira com a chama das tuas mãos
e deixa arder o fogo que nos aquece a alma!
Tenho sede! Deixa que a fonte transborde!
Abre a porta que sufoco,
que me afogo na intempérie do teu abandono:
«Eu sem você sou só desamor,
um barco sem mar, um campo sem flor».

XIII

Tua voz iluminou toda a cidade
e tuas palavras me aquceram o peito
como a asa do pássaro no ninho.
No frio da tristeza delirante,
saber de ti me fez andar feliz.
Deu meio-dia no abismo da noite,
desfez-se o turvo quebranto do céu.
Tuas palavras, bálsamo do enfermo que sou
desde o momento em que parti,
como se um anjo aparecesse,
amenizaram os meus padecimentos.
Pode alguém, ardendo em febre,
sobreviver por causa da voz de alguém?
Tua voz me fez sobrevoar um precipício
e repousar num vale de ondas serenas,
num remanso constelado de música.
Tua voz é brisa de harmonia no meu ser,
dança sensual, volúpia vertiginosa,
ária de encanto, aroma dos meus dias!

XIV

O amor cobriu-me a fronte de sombras
e desvendou-me os olhos de esplendor.
Coisa estranha e contraditória,
o amor, dolorido afago,
júbilo que me faz chorar,
que me acalma e desassossega num segundo.

Alado e preso ao chão,
o pensamento voa no vento
da escuridão do mundo às rútilas alturas,
coração e razão num embate em que me perco de mim.
Amor, é que me declaraste guerra?
Mas, se tuas armas são as flores que renascem de um recordar,
se vivo aturdido numa paz sem trégua,
que será de mim, que vejo e não vejo,
que voando me sinto acorrentado
e estou aqui e além,
desventurado agora, cantando a festa do passado,
morrendo e ressuscitando pela memória de alguém?

O PARADOXO FINAL

És tudo ou nada, eu sou talvez.
Es toda instinto, eu labirinto.
Eu tenho a pena, me dás a espada.
Eu nesse jogo não tenho vez.
Um tempo fez e outro desfez.
Um pé no encanto, outro na estrada.
Pois eu me rendo, pro que vier.
Eu faço agora o que você quer,
agora e sempre, e a qualquer hora,
eu sou escravo, você senhora.
Se é por amor que eu me sacrifico,
eu abro o cofre, eu dou e abdico.
Você decide - eu não uso escudo.
Diga o que for - eu salto no escuro!
Fica o passado, morre o futuro.
Eu renuncio, mesmo cativo,
Você garante que eu sobrevivo?

PERPLEXIDADE

Sou Lamartine comovido ante o Lago,
Sou o que implora ao tempo uma trégua.
Sou o que, perplexo, fita a perecibilidade.
Sou o que deplora o ladrão das horas.
Sou o que chora a ausência dos mortos.
Sou o que sonha com a estrela extinta.
Sou o que suporta o fatal sacrifício.

Sou o que beija a mão gelada do adeus.
Sou o que languidesce, a cabeça reclinada na noite indulgente.
Sou o que suspira no silêncio do crepúsculo.
Sou o que se oculta na alcova dos dias,
o que maldiz a vida com olhos de perdição,
o que vê o pássaro morto nas ondas do outono.
Sou o que escuta o murmúrio do deserto,
sou o que não esquece a flor da vida,
o que se curva diante do delírio,
o que grita na caverna do futuro,
o que se alumbra nos rumores da tarde.
Sou o que repousa na estação do ermo,
sou o afortunado, coroado de flores,
sou o que recolhe os abrolhos do ocaso,
sou o doador do tesouro púrpura,
sou a ruína do espanto,
sou o que se perpetua na manhã do sonho.
Sou o de mãos que resvalam nas sombras,
sou o obscuro, o histrião, o seduzido pela fantasia!
Não sou nada disso! Era tudo ilusão!

A DESPEDIDA DO AMOR CIGANO

Canta uma canção triste, no nevoeiro,
que eu quero lamentar o meu amor cigano.
Fala do desespero e da esperança morta.
Diz que o mundo está dominado por verdugos
e não há orvalho na relva.
Diz que a lua chora,
mas já não há o sentimento que a enaltece.
Diz que a Via Lactea é um estigma cruel,
diz que a ausência não dói
e que a verdade é mentira.
Diz que o amor não triunfará nunca,
que não existe horizonte,
que a noite habita o coração do dia
e não há vida, nem sonho, nem jasmim, nem rouxinol.
Que não é justo estar-se apaixonado.
Que não existe Madrid nem Manzanares,
nem madrigal, nem grito dos corpos em cruz.
Que no hay dulzura mañana en las aldeas.
Canta a mais triste das canções
pra despedida do meu amor cigano.

Diz que eu fui humilhado por mim mesmo,
que eu já não sei olhar o abismo da beleza.
Canta réquiem, canta missa fúnebre,
canta uma canção do inferno,
canta o infortúnio do forasteiro, a desdita de precito,
canta o sortilégio de agrura,
que eu quero emergir do calabouço.
Não há orgasmo de luz no ermo corpo
e não há mais carícias em noites românticas.
Cadê o lirismo da cidade azul?
Cadê a madrugada ao ritmo da melodia do mar?
Canta aquele vendaval de ternura,
canta a pena do que perdi, a derrota, o fracasso e o nunca mais,
que eu disse adeus ao meu amor cigano!

EU VOU CANTANDO SÓ

Eu vou cantando só, qual peregrino
na tarde perdulária da saudade.
Agora eu vivo só do que imagino,
agora é só uma sombra que me invade.

Houve um tempo em que eu me senti divino...
Foi miragem de amor, perplexidade.
A flor do meu idílio vespertino
evaporou – saber dela quem há-de?

Eu vou chorando solitário e mudo,
gemendo de aflição e de amargura
e me pergunto o que restou de tudo.

O gosto do seu beijo me tortura...
Não volta mais a perdida ventura?
Agora eu canto só, triste e sisudo.

NA DESVENTURA DE UM DESESPERAR

Quanta dolência de esperança finda,

ó pranto meu, de uns olhos sem alento,
por uns olhos por que entristeço ainda,
pois de adorá-los nunca estive isento!

No horto dos amores eras vinda
e entre as estrelas do meu sentimento,
te reclinavas tão cheirosa e linda...
Longe de ti padeço esse tormento.

Era um recanto, agora um recordar.
Era um mar de ternura a toda hora
e dois amantes como a navegar.

Maré de afagos madrugada afora.
Era um sorriso, agora um esperar
na desventura de um desesperar!

De Amor e de Amizade

Esqueço de mim, ao desamparo
do dorido sentir de uma saudade,
por um desejo caprichoso e raro
de transformar amor em amizade.

Eu tenho tudo e nada e me deparo
com tormento se busco liberdade.
E mais rendido estou, quando separo
razão de amor e paixão de amizade.

Ser teu amigo é prazer e martírio.
Perdoa se esquecer-te não consigo
e nem sei ser de ti simples amigo.

O recordar-te é como ardente círio
que me consome – feroz inimigo -
nas horas más em que não estás comigo.

AVE NATURA

PARCO DEL VALENTINO

Adagiato sulle sponde del Po,
Tra archi palatini e cupole emisferiche,
Stanza delle magnificenze,
Giardino roccioso affacciato sul fiume
Che ne lambisce il litorale.
Moi castello abitato da rondini,
Sacra sentinella che il fogliame orna.
Altri borghi accedono al boschi :
Elevati candelabri.
Bordi verdeggianti risalgono lo specchio scivolante.
L' azzurro si attarda sopra i colli ombrosi.
Passeggio al largo della corrente.
Fioritura subalpina di colorati aromi.
Eremi in estasi per viaggiare in acqua erbosa.
Il marlo si delizia di profumi floreali.
Mi bagno le palpebre nella cascata immaginaria,
Ipnotizzato dai petali selvatici.
Il pomeriggio dorme nell'inquitudine delle ondulazioni,
Rami bevono il chiarore Sotto gli auspici fluviali.
Costeggio la passerella del destino,
Mia fantasia nell' abbandono delle cose illimitate.
Il crepuscolo mi inebria .
Ombre avvolgono orti trasparenti,
Miraggi imploranti.
Mi esillo nell' esaltazione del vento.
Emano balsami le fioriture che ho in me..

Torino, 12-07-97

COM VIVALDI A VENEZIA

Si scopre il mantello di interminabile ampiezza,
Gli sorvolano le filigrane,
facendo fluttuare i passiri ignoti
e sonore cascate di soavità.
GFondole di mitraggi fluiscono giubili
- la fantasia dei velieri tessono un miracoloso velo,
Lucerna di candori che piove unguenti
Per inebriare i cuore: odoroso miele

Che le imbarcazione floreali elevano in anfore votive.
Ed un guardar ela fortuna, oltre i confini dell' istmo,
Si svela il chiaro di luna di allegorie.
Risuscitando l' animo di vivere,
La primavera fioresce i passeri,
Ispirando gli aurugi dell' ideale glorificante:
Allegri in danza pastorale.
E un ritmi assolati il giorno innalza questo uccello de speranza
che mi trasporta ai giardini della serenità.

Venezia, 29-6-96

FIRENZE FIORITA IN PIETRA

Essere vivo è deambulare nelle vie di libertà,
riconciliarsi con se stesso tra reliquiari ed ostensori
in Via Corso, perseguitato dalla bellezza,
oppure in Piazza Cimatori,
di fronte al rifugio di un guerriero contemplativo.
Firenze esilieresti ancora chi sognava
nella Torre della Castagna?
a chi ti ha difeso nella Rocca di Caprona?
Firenze -- amorevole nave, volando spaesatta dietro il mare.
Mi inebria il dolce canto del tuo allegro giorno,
balli nell'effusione che si innalza nei misteri.
Come i passeri si abbandonano nel giardino,
l'anima che tengo è quella intima dei riclusi
e trova la lira in un segno di memorabile affetto.
Firenze splendida, dall'insegnamento esaudisca il tuo voto.

Mia lira profana e sacra
al crescere ritmico della vita,
città di tabernacolo e navata,
di Duomo e Torri di Giotto,
cornici di sottili ricami di minuzie.
Firenze topazio di fioriture,
alba di seta nel senno di Giove.
Onora le campane di San Lorenzo.
Alloro sugli angeli che soffiano conchiglie
nel trionfo di Galatea.
Oltre i monti di roveto ardente,
maggior fortuna è il bagno delle ninfe
e la magnifica visione dei vetusti contorni di Fiesole.
Firenze dormindo tetti candidi sui chiarori delle valli toscane.

Firenze apollineo angolo di mirabili marmi policromi,
dove riposano perenni simmetrie ed ondulati boschi.

Firenze, 6-7-96.

VIA DEI FORI IMPERIALI

L'acido millenario corrode le cantini,
erba che spunta nel mattone erosivo.
Però lo sguardo della musa accende i giardini,
volutta risplende nei pilastri mormoranti.
Mi innalzo ai fari del godimento,
sulle scalinate araldiche.
Il vento spoglia le ninfe.
Volano uccelli di sortilegio,
croce della cristianità nel Tempio di Vesta,
sereno vortice in attesa di nuovi altari.
Nell'intimità della sera piango l'agonia dei portici abbandonati,
le rovine della estinta magnificienza.
Intorno agli obelischi,
incenso mago nei raggi solari.
Nelle fresche sorgenti Nettuno corteggiato dalle naiadi.

Roma, 18-6-96

À PARIS AVEC LES OISEAUX

Voilà le quai du Louvre, seuil de Paris
qui apaise la douce amertume.
Les charmilles ancrées dans l'île de la Cité,
le miroir de l'avenir sous les ombres des ormes.
Voilà la rosée des cieux sur le réseau des voitures,
le Jardin du Luxembourg et les fleurs musicales
survolant le cercle de l'eau.
Entre les feuillages, ornée de couleurs,

la cour du Palais,
avec la poussière qui rôde autour de la fontaine.
Le clair de mirage nous enivre,
parmi acanthes et glaëuls.
Parce que les oiseaux sont meilleurs que les hommes,
j'en écoute les augures de bonheur
sur les ramures et sur les cruches.
Chantez, frères, chantez l'espoir des vagues,
voyagez vers les fleuves obscurs,
urvolez les marécages.
Je vous accompagne à travers le trafic des bateaux.
Ne nous arrêtons qu'au sommet des châteaux.
Fuyons les boulevards contaminés,
allons aux quartiers de banlieue.
Même Saint-Germain-des-Prés point ne m'attire.
Je n'ai aucune affection pour Montparnasse.
Suivons la Seine, loin des avenues qui rayonnent
depuis l'arc de Triomphe.
Voilà les marronniers du Jardin des Tuileries,
où nous sommes restés quelques minutes.
Voilà le dôme de Notre-Dame,
la grande rosace est notre guide.
Survolons l'île Saint-Louis:
place, rues, passages et galeries,
la Place de la Concorde,
les losanges des tours coniques,
les spirales alchimiques
comme des stalactites rutilantes.
Depuis le Bois de Vincennes jusqu'au Bois de Boulogne,
j'admire les frêles roseaux dans l'air.
Au-delà de l'aquilon qui dresse sa silhouette aux alentours,
voyons les toits et les vallons bourdonnants,
partons le soir sur la plaine.
Je me range parmi vous dans les clairières,
dans les haies vives.
Qu'importe les arcs métalliques
et les reliefs anciens?
Les clôtures de marbre et les verrières couronnées?
Les balustrades et les émaux polychromes,
le passage du Carroussel et la forteresse du Louvre
ont peu de valeur,
car l'itinéraire vers le ciel c'est la fortune.
Voilà Paris --- la Grande Odalisque,

Vénus de boudoir, courtisane et duchesse libertine,
guidant le peuple ailleurs.
Plus profond est notre envol sur les colonnes de statues,
dans les environs.
Plus précieux que l'obélisque de Louxor,
ce reliquaire de signes archaïques,
et plus majestueux que les portiques du carrefour,
les terrasses, les vitrines et les galeries,
voilà le rubis solaire qui se couche
dans la Grande Arche de la Défense.
Les carrefours urbains recèlent des prodiges,
mais le temps éternel on n'en jouit que sous le soleil des jardins.
Et son bonheur est plus ancien que les bijoux du Pharaon,
plus étonnant que les colosses de pierre.
Vrai comme le cœur de Sainte Geneviève,
on l'apprend dans la théologie de Victor Hugo,
en écoutant la course de la Seine vers la mer.
Et la seule victoire
reste aux bosquets du Bois de Boulogne,
(Nous l'avons trouvée auprès d'une cascade).

Paris, 3-8-96.

A PÉRFIDA PERFEIÇÃO

1º Canto

Viajei no pégaso dos anjos planetários, nas asas do zéfiro, e minha carne astral regressou manchada de cores. As águas irradiavam seus liames nas ondas bordadas de um relampejar cristalino. Itinerante no deserto, penetrei os meridianos das transmutação, as retas entrelaçadas na curvatura dos arcos – o eixo da terra inclinado desordena a geometria estelar, desequilibra os mundos setentrionais, as sete setas dos setes setores (os horizontes demarcadores do diâmetro polar).

Conheço a vida pela correnteza dos rios – do movimento dos barcos à direção das águas – e ouço a emanação musical das

esferas. Eis o enigma da primeira civilização nômade: pirâmides, obeliscos, mosteiros e a placidez do oásis nas serranias. Meu canto aflora a força motriz da natureza. A ribeira, os vales, os prados, molhados nos pântanos, nas vinhas do Crescente Fértil. Digo a vida conhecendo a correnteza do rio: vida que corre como rio, matéria de quietude que rebenta, leito de cachoeira, vazante, na vida vai calando a voz, na ida, na lida, desagua na foz. Meu canto é vôo de pássaro por essas planícies de templos rupestres, pela quimera dos campos, o verde da hera, a trilha dos povos : abrir os braços na vastidão de ser livre. Se eu acordasse feliz nas manhãs da vida, se trezentas solidões acompanhasssem a minha partida... Noite em mim, quando o astro de prata resplandecia como um círculo de gelo – sidérea pedra que no pálio de fumaça descortina a espuma. Flameja um candelabro (a asa de um chacal) sob a neblina onde o lume argênteo veleja como um cisne de seda. Ah, quem me dera mendigar –te, hóstia de jasmim, lírio compacto germinado em abrolhos ritulantes. Ah, se eu morresse feliz como quem sonha...

Gritos turbilhonam-me os ouvidos. Eu, o pérfido habitante das encruzilhadas, hierofante e anacoreta, conjuro a rebelião das esfinges neste planeta de quatrocentas luas. Que venham trasgos esgueirando-se pelas grutas de linhas vigorosas. Que a procela dos báratros altere os pólos do continente povoados de torpeza, flagelo, asco, infâmia e perjúrio. Sobrevivo numa atmosfera de espasmos doentios, véspera das ferrações, dos terremotos, dos temporais. O cataclismo ruge rasgando o ergástulo dos precipícios. Ó hedionda eclosão que drapejas flamíneos raios como punhais de pórfiro sobre os meus olhos! Arde um pesadelo de labirinto e alamedas nas galáxias estilhaçadas das minhas pupilas. Um veneno crava suas garras em meus brônquios crestados como a estepe que a labareda sufocou. Pestilento floco de podridão veio alojar-se no núcleo citoplasmático da minha epiglote. Floração tecida de ramagens, o halo zodiacal não se apieda de ti, o firmamento converge para a distância do meu delírio. A minha vida provém de uma calma diamante, deixa-me pouco consistente. Do tormentoso covil do meu tédio vageio pelas eternidades. Conheço pólos misteriosos e este céu é entardação sobre as trevas. Os traços tortos – os tédios tardios – braços e mãos dormentes. O amor, múmia de luz, anula o tempo nos páramos contaminados de ácido incandescente, e aí eu fui pra mim, porque, fio de vida, hoje que é profunda a noite, ocorre uma ilusão: o homem – flor dos cereais – o pulha, a pilha, uma foice, uma chaga onde os Alpes respiram. E há conceitos equivocados. A noite absorveu as caldeiras do sol.

Nasceu o devaneio no hemisfério. Quatro espíritos malignos a matéria conhece. Encarnamos no covil dos aguilhões.

A obscuridade cresce o medo – faca afiada nos corpos, renúncia, de coragem busquei amor e sabedoria. Aldeia, eu falo pela voz dos mitos. Por que estarei sempre onde não fui? Quero ficar. Morrer, quando a vida se transforma? Quero viver, insônia, quantas vezes temi ser o nome do mal! Vem, dize-me que eras a morte. À noite, enfim, a visita inesperada. Hoje eu a conheci com suas pálpebras pesadas como rendeu-se o Fausto, pois quatro demônios a matéria conhece. Vi-os de perto e dominei-lhes a fúria.

O vinho referveu nos odres da volúpia. Tântalo, o ofídio, furtou o obnóxio néctar e Plutão é frio e eu existo no perílio da superfície, projetado no espelho do Tempo. Não, eu não existo. A vida vive em mim. Vida que se nutre de aminoácidos voláteis – enzima do protoplasma que se evola na granulação genética. Vida que se gasta na ação abrasiva do vento, a obsoleta megera: Tempo recortado.

LONDON GARDENS AND OTHER JOURNEYS

WESTMINSTER BRIDGE

“Nothing ever could break or harm the charm of London Town”.
Noel Coward

It's not about a common river crossing a city.
A prodigy is whirling
where Nature and mankind dwell together dizzily
in the spiral of meeting.
Westminster Bridge reconciles the antipodes:
waves in a spontaneous uproar.
Not a simple river,
but a spring adorned with signs of haughtiness,
representing the badge of poets,
the exactness of metaphor and the verticality of ideal.
Look at the gold that frames the big chronometer,
the irreproachable design of the rectangles
and the subtlety of the angular spikes.
Look at the river, recipient of all conversions,
winding peacefully amongst colours and shadows.
Listen: the Big Ben strikes the heartless gong

announcing the eternal fluency of life matters.

TRIBUTE TO THE CHILDREN OF GREEN PARK

In Green Park children find out that water is far more noble than the solemnity of traditions.

And the festival of the innocence shaded all patriotic pride. Celebrating the wedding of the Earth and the Sky, the children changed in toboggan the slope of the Canadian memorial. “As a mark of respect keep off the monument”, recommends the stone inscription.

But children, since they don’t worry about wars, nor about money, discovered once again the usefulness of the monument.

Sliding in the water mirror, they use the public thing for the benefit of life, in sacrifice to the reason to live.

Light drains from smiles and gestures and the impromptu toy became the altar of Summer.

Granting functionality to a useless thing, children, in harmony with the petals’ colours, praise the water as who’s smiling.

What a lesson of joy and so unlike the one that comes from perishable things, do children give us playing.

They reveal the secret of water.

Water that gives us life.

Life that comes from water.

Blessed water, free of fear and sorrow.

AT THE DOORWAYS OF WINTER

The wet feet, avoiding the puddles, the umbrellas bumping and not just the moistened benches, but the busy cabs, tiny drops damping everything, (polyphony of rhythms in the wheels and the motors).

The downpour stopped in the morning, but the icy fever burns the bones of who, ex-bohemian found himself in the uncertainty of wandering at the night.

The weather seems less hostile
when the city opens in bright avenues,
but if at 2 a.m. there's no one to open the hotel door for him,
the night walker rushes to pick a cab,
surrounded by cars that roar with violence,
until someone, that God sent, appears
and guides him from the City of Westminster to Islington,
throughout the outlines of St. Pancras.
It was worth waiting under a flood take-off
and have just three hours of sleep
till seeing the daylight gilding walls and trees.

MEETING POETRY

Morning had drawn to a twilight before mid-day,
a magnetic rain in the hair of some women,
to see them means to watch the touch of sky in everything
and a touch of salt and sun in the Nature,
here, as in the South Atlantic Ocean.
A morning of night-falling at the theatre,
and later, at the meeting with the Irish muses,
Over St. Martin Lane, a magic slope to Trafalgar Square,
the National Opera of garnished balconies,
the sparkling globe on the dome.
The tower of St. Martin of the Fields, white mercury light
and the bridge where the poet Joseph Marinus
sharing out a book,
keeps speaking about the poetry of the heart,
under the blessings of the city lit all over.
On the way to Royal Festival Hall,
under the weary aura of the bright buildings,
I listen to the whisper of the Thames.
The roofs of Covent Garden are silver-plated by the moon,
November moon of London,
alive poetry in a brilliance of delight,
airing the columns of the Apple Market.

THE AIR OF THE PARKS

In the air of the park there are winged beings
whirling around the pond calm.

Source of silence wherefrom inspiration,
white bird,
teaches me that city poets became sclerotic
for they neither write along with the muses,
nor understand the joy of birds.
In the air of the park the flocks of birds in flight
unfold a festival of sounds.
The composed sliding of the swans, spiritual grace,
hugs in peace, the polychromatic grove.
The green hint vibrates in the alluring sight
and swans, purer white than the gowns of the ladies of the court,
far more solemn than the ambassadors in the reception halls,
such a nobility they wear in their complaisant walk!
The plants with their embroideries,
much more luxurious than glossy chandeliers
would make George the III envious.
And the sky, a primrose texture,
reminds the fable of the Lady, friend of all suffering,
who searched the world for simple people,
compassionate to any human pain.

PILGRIMAGE IN JANUARY

I wandered as a collector of solemn places
from the treeless streets around Paddington station
to the leafy regions of Bayswater.
I wandered along North Kensington, along Notting Hill,
as a collector of solemn places, pillars, gateways, churchyards
and labyrinthine strands of lakes marked with the hand of
antiquity.
I wandered along Marylebone Road, round Portland Place,
along Regent Street, along Fleet Street,
and there were ornamental buildings,
the Royal Academy of Music, the Saint Paul Cathedral,
among firetrees of advertisements.
But the monoxide and the noise frightened me away,
Yearning for the roses of Regent's Park,
I sought for a refuge in their clarity
A piece of bread was the reason why thirty pigeons came by
and ate up my wheat provisions.
In turn, the squirrels refused bread and banana.
The playground of children led me to a playful contemplation

and now, in front of the boughs of the trees,
the freshness of the grass spread all around,
the lake is a floating garden with petals flying over.
Far away from the fretful traffic, instead of pavements
I have the flavour of the groves
and I fancy that orchards are abroad in the air.
London's face and relic should be recalled forever:
The Charing Cross, the sun-set over the bridges,
but just here is where I share the company of nightingales
in the shelter of January.
The frost made me wayfarer
and even the roses left from Mary Queen's Garden
(to perfume stone-beds in some other hemisphere,
far away from the frost that damped the fields
and slimmed the trees).
Chin and hands already senseless,
I close myself within the windows of the snack bar
and I supplied myself with calories.
The roses will be back in the underground of April,
that's what Triton told me at his spring.
They will be back driven by the blow of their hydraulic shell.

KEW GARDENS

Watching the green explosion that stands out as a flood of ecstasy,
I hold within my heart the expansion of the harmony
that birds announce,
sensual balms and sonorous delight that seduce me.
I reach utterly exhausted, stateless pilgrim
and suddenly, cheerful once again,
I drink the promises of this flash of emerald,
a flourishing flood over Rock Garden, the Woodland Garden
and between the Gallery and Palm House.
The luxurious cedar stretching out its hegemonic branches
is not far richer
than the weary tulip bent by the wind,
Neither the mirror pond in front of the mansion has more
splendour
(the wave-like blazing friezes)
than the magnolia breathing its lilac on the lawn.
The velvet road draws out in spell...
bringing to the feeble human life a minute of eternity.

The bunches of rosy prime fruit, chromatic solaces
cast from the sky,
how they delight both sight and heart,
acquainted with harshness, and the senses,
hostile to the austere services of life!
And what a bath of crystal health for the soul is the air over here!
The source of most delightful scents
made all perfumery shops needless!
The prodigy of satisfaction whispers in the foliage,
the festival of life grows out of the monuments of leaves,
marvelously planted,
spreading a myriad of still shadows.

MADRID Y OTROS IDILIOS

PASEO INICIÁTICO

Es un placer exquisito ir por la calle Mayor
hacia el Palacio Real.
Noche de luna. Febrero. Sábado.
Aras de muchedumbre en la Plaza Mayor.
Los bares abiertos, iluminados.
Voces dispersas, ponzoñas y raciones.
La Plazuela del Conde de Miranda,
un sitio olvidado del tiempo,
La estrecha calle de Puñonrostro.
De repente la Iglesia de San Miguel,
su fachada como una torre.
Una escaleras más y la calle de Segovia.
Era al Palacio Real que yo iba y me perdí.
Subo por la Travesía del Nuncio.
Por los peldaños llego a la calle del Nuncio.
Hacia la derecha y aparece la iglesia de San Pedro el Viejo
(que fue lugar de la mezquita de la Morería).
Alfonso XI la edificó en recuerdo a la torre de Algeciras.

De esa época es la torre mudéjar).
Subiendo más, sin preguntar a nadie,
encuentro la casa de San Isidro
(donde su pozo milagroso).
La Real Iglesia de San Andrés, de primorosa cúpula.
La plaza de la Paja, primitiva,
como si todavía pasto de caballos.
Vuelvo por la dirección opuesta,
bajando por la Cava Baja.
Discurre la gente por el filo de las aceras,
entre los coches y las paredes,
por la vía angosta.
Pronto estoy en la calle de Toledo,
outra vez delante de la Plaza Mayor.
El laberinto me hizo girar 365 grados.
Tengo fuerza para caminar más.
las rodillas me están cada vez mejores.
No tarda la medianoche,
pero avanzo como un peregrino.
Cruzo puertas iniciáticas.
Calle de los Bordadores.
Tabernas, restaurantes, cafés,
balcones con sus rejas y ventanas.
San Ginés como un rojizo bloque.
La majestuosa torre que me ha encantado siempre.
Ahora sí, calle de Arenal,
aficción nocturna de caminar.
El invierno ofrece una tregua a los que pasean.
Teatro real, ahora sí.
Luna perfecta en la mirad del cielo.
Medianoche en Madrid.
Suena la campana de la Encarnación.
El palacio es una muralla esotérica en mi deleite.
El jardín de Oriente es un rincón de quietud,
un clasutro a cielo abierto
para el que idolatra la naturaleza.
Hize un viaje largo.
Pero he llegado al huerto deseado.

Madrid, 11 de febrero de 2006.

PERSPECTIVA DE VALLADOLID

A Miguel Delibes

La Plaza Mayor, donde el Conde Ansúrez alza la adaga.
Donde fueron coronados doña Berenguela y Fernando III.
El Consistorio adornado con enseñas y doseles.
La calle de Santiago,
la torre como un hito a la memoria.
los retablos de Berruguete:
hojas doradas, columnas, escudos ceñidos de filigranas,
ángeles heraldos y el caballero fulgurante.
La Epifanía, el niño consagrado y el alboroto de los magos.
Zorrilla frente al parque,
a su lado, de la profusión del agua,
un arcoíris como ofrenda espiritual.
Bajo el revuelo místico de las aves,
los templos a raíz de las piedras.
Asimismo la fachada del monasterio de San Benito.
San Pablo con su estampa iconográfica.
El Colegio de San Gregorio de los doctos estudiantes.
Desde el astroso reino de Enrique IV
hasta la boda de los Reyes Católicos,
Valladolid desborda impronta.
De la muerte de Colón al nacimiento de Felipe II
(La mansión de los Pimentel,
convertida en Diputación Provincial);
desde el auto de fe contra el Doctor Cazalla
hasta el nacimiento de Felipe IV,
Valladolid es una quimera.
Calle de las Angustias con vestigios de la muralla.
La antigua cofradía penitencial.
El teatro inaugurado con «El Alcalde de Zalamea».
La catedral con leyenda de torre dañada,
el agua goteando después de la nevada,
el pináculo del Sagrado Corazón.
El vuelo misterioso de las cigüeñas...
¿Qué importa el ruido de las excavadoras?
No trae cuenta divisar escaparates ni edificios de aluminio.
Pero sí que me convienen los umbrales de Cervantes,
de Colón y de Zorrilla
y el Pisuerga discurriendo entre orillas bucólicas.
Es más: un paseo por el Campo Grande,

este regalo para los poetas, los niños y los enamorados
28-2-06

PEQUEÑO INVENTARIO DE ZARAGOZA

El Pilar de geométricos techos colorados,
los caprichos de su capilla elíptica,
el retablo de alabastro del altar mayor.
Las esmaltadas grecas de la Seo,
arcos de filigranas, dorado artesonado,
las cúpulas de fina labra.
El arco del Deán sostenido entre dos monumentos,
El mirador de ventanales góticomudéjares.
La iglesia de La Magdalena:
torre almendrada con vidriado ábside,
campanario revestido de azulejos.
El teatro del emperador Augusto:
Un legado de polvo y ceniza.
Ebro de aguas verdes y orillas terciopelo
El Torreón de los gobernadores musulmanes.
Zaragoza vertebrada en perfil eclético.

EL PRADO

El Greco es el príncipe de las llamas. Las llamas se expanden de la paloma espiritual en la Anunciación y en el Bautismo. (el pantocrator coronado de luz) La verticalidad absoluta.

La suavidad de Tiziano en la Venus celebrada por los niños cupidos.

«Su alegría es hija de la vitalidad». Las Venus halagadas por el suave tacto de velludo». La Danae prerñada por un polvo aureo de ZeusIsabekl de Portugal sentada ante la ventana abierta, galante opostutra, el rostro delicado y la mirada melencólica. El entierro de Cristo «entre una opulenta sinfonía de dolor». Tiziano comemora la victoria de Mühlberg, 1547

Pinta un Marco Aurelio español, La lanza de San Jorge, el ecuestre poder de los césares.

De Velázquez el Cristo «imbuido de majestad tranquila». Dormido en la cruz, la sangre que gotea de sus pies. La capilla luminosa donde «Las Meninas». La bufona menos bella que el perro.

La Rendición de Breda 1625. Ambrósio de Spínola comanda los tercios de Flandes las lanzas apuntadas hacia arriba.
El Conde-Duque montado a caballo, La mirada arragante.
El halo luminoso de Apolo en «La fragua de Vulcano».

De Rubens «Las tres Gracias» desnudas, bailando en dulce sensualidad, «La Adoración de los Reyes». Fanfarría y apoteosis lujosa, cálida, triunfal. Elaborado en sus dos momentos. Felipe II de armadura y espada, el caballo pisando el suelo de los guerreros. Un frenesí de fiesta en la «Danza de aldeanos» y en «El jardín del amor».

De Joardens los Tres Músicos, ébrios de armonía.

Rembrandt Artemisia, la reina de Pérgamo, bebe su copa de cenizas, la vaga aparición en el fondo. La misteriosa luz que rodea el vaso.

La fría obesidad de la reina, su opulentísima cabellera de oro.

El Parnaso de Poussin, suntuosa victoria del espíritu en la historia universal de las artes. Apolo entre poetas ceñido por las musas bebendo el néctar. Castalia desnuda ante la fuente de la inspiración. Los amorcillos graciosos coadjuvantes.

Vicente Carducho: La Victoria de Fleurus 1627

Las tropas de Gonzalo de Córdoba liberan a Bruselas de la amenaza protestante.

Eugenio Cajés: La guarnición española recupera San Juan de Puerto Rico, incendiada por la escuadra holandesa 1625
La rendición de Juliers ocupada por Mauricio de Nassau
Ambrósio de Spínola comanda la liberación (comienzos de la Guerra de los Treinta Años (1618-48)

Murillo: La sagrada Familia del pajarito. La ternura con que el niño, juguetón, coge el pajarito en la mano, defendiéndolo del perro astuto, que acecha, con celos, quizás, y con la patita levantada.

La Virgen en Ascensión: con la mirada dirigida al cielo. Luz, nubes y ángeles en el espacio. La Inmaculada de Soult.

San Juan de Dios cargando al pobre, amparado por el arcángel.

Zurbarán: La Defensa de Cádiz contra los ingleses (1625). Fernando Girón y Ponce de León se encargan de la guarnición de la plaza, sentado en un sillón, enfermo de gota..

Las visiones extáticas de San Pedro Nolasco. San Pedro cabeza abajo, crucificado, envuelto en misterioso fuego.

Carducho: La expuración (1625). Un soldado izá la bandera blanca con el aspa roja de Borgoña.

Alonso Cano: San Bernardo devoto, benedicto de leche y El crucifijo blanco desmayado.

Francisco de Herrera, El Mozo: el flamante
Hermaenegildo.

Ribera: El «rostro ardiente e inquieto» de Santiago.

VIAJE A MEDINA DEL CAMPO

A Chamartín temprano acudí sin saber
Que de Atocha salía el tren a Zaragoza.
De pronto, me direccciono a Valladolid.
El viaje improvisado por Castilla,
por las piedras verdes donde brotan las encinas
y los picos nevados de marfil.
En Simancas está cerrado el castillo
y no hay taxi.
El autobús tarda más de una hora.
Ahora sí, en el transporte colectivo,
sigo ayunando a las tres de la tarde.
Un bocadillo de tortilla es un banquete
que disfruto en la estación.
Una bandada de gorriones conmemora la primavera temprana.
Un sol de regocijo lustra el aire.
Destinación Medina del Campo:
tengo dos horas para el castillo y el palacio.
La torre asoma desde lejos.
De cerca es una eclosión.
Me imagino el obispo cierrando el paso a la reina Juana,
y el fugitivo descolgándose por las almenas.
A los lejos las águilas señeras y la inmensidad.
Después, la Plaza Mayor de la Hispanidad
y las estancias reales,
donde Isabel I dictó testamento y rindió el alma.

DE PONTEVEDRA A VIGO

Como el viento canta en la ola,
como el rastro de la espuma en el agua,
el alma bebe el reflejo luminoso
y se remansa al recordar el nombre de las flores.
Deslumbra la planicie del mar.
Las verdes ensueños embelleciendo la mirada,
las rías llenando el corazón.

La tarde me hechiza de aromas y perspectivas.
Con gaviotas, mástiles y playas,
se expanden las estaciones marítimas
hasta las orillas diamantinas.
Los resplandores discurren sus alas en un jardín de mansedumbre.
La ciudad dormida en la cuesta,
sus blancos pilares como lámparas.
Los primores del aire azul.
El día derrama hermosura de oleaje florido.
Pinos, enebros y cipreses encendidos,
las hojas flotando sus esmaltes.
Lucida ventura de frescores.

CÁDIZ, TASITA DE PLATA

Palmeras como estandartes,
alegrías como certidumbres.
Brisa comunera en la tarde de la Plaza ...de la catedral
Gracia de cofraternizar que las campanas celebran.
Cádiz, tasita de plata.
La Plaza Mira como un bosque florido,
el Museo con ánforas, quemaperfumes,
Melquart en actitude hierática,
Las callejuelas como pórticos de andariegos.
GerâniOS en las rejas omnipresentes,
encruicijadas com aires venturosos.
Cádiz tasita de plata.
La blancura de las torres almidonadas,
ciudad alumbrada de albores, enmarcada de horizonte.
Techos abiertos a la inmensidad.
Cádiz, tasita de plata.
De la torre Tavira los navios flotando bajo la neblina.
Azules, los caminos del más allá,
recortan simetrias.
Ciudad plantada sobre los pilares de lo ignoto,
floracion de sal y brote de alacridad.
Las torres como cabezas levantadas,
como mástiles encantados,
ciudad que realza como un buque transplantado a la eternidad.
Cádiz, tasita de plata.
Cádiz 13-08-06

TRUJILLO

Vergel de piedras labradas,
semillero de galerías porticadas,
Trujillo es una impronta de caballeros ecuestres.
Aquellos extremeños fieros forjaron su geometría.
En senderos de roca y balcones de esquina.
Con soportales de arquería y capiteles platerescos,
Trujillo crisol de heráldicas puertas.
Las piedras cantan como campanas
entre fortificados arcos escarzanos.
Formas que perpetúan hazañas y linajes,
abrevadero conventual.
Donde se alza la espiritualidad de los cipreses,
Santa María La Mayor entre palacios,
la oscura pena de las paredes y techos,
son huellas del botín de ultramar.
Realengas arquitecturas levantadas por la añagaza
de los que tallan monólitos con el desmanes y arcabuzes.
Bajo las torres la dehesa esparcida hacia los montes,
el camino real al fondo de realengas arquitecturas,
y como un estigma, el dolorido temblor del campanario.

Algumas opiniões:

INCENDIARIO DE MITOS 1980

... Poesia clara, contundente e forte. E não se deve negar também renovada, quer nas idéias, quer no ritmo.

O suvesso dos poetas e prosaores novos porduz me intensa alegria. Sou daqueles que cobrem de rosas o rastro truinal desses valores, m cada etapa das suas vitórias.

Estou certo de que este livro abrira caminhos mais largos a poesia de grande numero dos aedos recém nascidos, ainda fascinados eplo barulho das palavras.

Graças aos deues , enraíza se no solo da nossa poesia jovem uma arvore diferente, que nos da frutos com o sabor dos tempos que estamos vivendo.

Jader de Crvalho

Marcio Catunda, o criador de ^Incenbdriario de Mitos^, em atitude subjetiva quase heróica, resiste ao zeitgeist, aunlador das mais puras essências humanas, e prossegue em sua evoluao literária, cônscio do significado inerente a obra artística na hierarquia dos valores espirituais. Destarte, não se revela simples manejador de ritmos e formas. CDom sinceridade e efusão, busca externar os seus sentimentos em face da angustiante realidade vital. Com efeito, poesia que e a sua mensagem reflete um espírito participante, rebeldao ante as amargas imposições do mundo hodierno. Imposições de ordem moral, social e econômica, em que se insinua perfeitamente a subversão dos bens mais preciosos do nosso ser, os que realmente marcam e permanecem.

... Nos versos de Marcio Catunda , que já atingiram apreciável nível de expressividadee estética, vislumbra se facilmente a marcha de um espírito rumo a conquista pela de sua realizao no campo da arte.

Florival Seraine

Navio espacial 1981

Os poemas de Navio espacial me deixaram agradavelmente convencido de sua indiscutível vocaaoo poética. E me deixaram, igualmente, convencido de que Vc. E um poeta essencialmente romântico, a lembrar, em muitas ocasiões, o lirimos magoado , e de certo modo rebelado, do grande poeta portuges Mario de As Carneiro. Sua poesia e profundamente reveladora de certos

estados de alma , e na maioria de seus poemas a invocao da morte e uma presença perturbadora.

... Uma evidencia a ressaltar e que sua poesia, neste ultimo livro, verticalizou se de maneira impressionante. Seus poemas revelam, ugualmente, conflitos interiores de certa profundidade, e disso resulta, sem duvida, essa verticalizaaoo qualitativa de seus mais recentes textos literários, Isso vem provar masui uma vez que Adolfo Casais Monteiro estava com a razão quando afirmou que a bem aventurancaa não produz boa literatura, Enfim, tudo isso prentede apenas dizer que Vc. E um poeta de qualidade, como de boa qualidade e o aparato significante que Vc. Manipula em seus poemas.

Framncisco carvalho

O EVANGELHO DA ILUMINACAO 1984

Marcio Catunda , sem duvida um dos tlentos maius robustos da nova gera o de intelectuais , e daqueles que, no plano lliterario , não produzem pelo simples gosto de produzir. Na sal obra , que dia a dia esta crescendo, jamais se deixou de ver esta nota quase Tonica a busca do universal. O homem e o povo smrep se acham presentes, quer na sua prosa, quer na sua poesia.

Sente se neste livro tudo o que vem preocupando o homem no tempo decisivo que ora vivemos tempo de mudancass violentas e rapids, que j y não se podem esconder, em todos os ch aos da vida do homem econmomico,m social, poltico e literrio.

O O presente volume demonstra, de modo vclaroi, a inquietao que esta marcando o mundo presenbte, matriz de um outro mundo quenja se configura a luz do sol rico de iuma realidade fdiferente, que não sei se vai trazer a felicidade por todos esperada, assim que amortecerem os odis entre os paises, entre as classes, entre as raças.

Marcio Catunda nasceu para andar, andar sempre , sem fadiga, no caminho das letras – caminho em que os intelectuis nem sempre escutam esta musica consoladora a musica dos aplausos , a musica das palamas. E que, infelizmente, neste mundo, a beleza, as vezes , não e vista ou sentida por todos os homens.

Jader de Carvalho

... Sua voz, no atual momento, não e a voz de um pequeno pardal a bicar as espigas do cotidiano. E a voz de um profeta, de um asceta, de um mago, de alguém que se sentiu subitamente iluminado pelo conhecimento da verdde trasnscendente.

Seu lirismo, por isso mesmo, é um lirismo mais amplo e mais profundo, em que encontramos, amiúde, pequenas jóias na imagisticaalargada pela identificação de sua alma com a natureza e a vida. E chama os poetas de herdeiros do amanhecer, e fala nos do marbilhando na enseada de topázios diluídos, ou do balsamo de mares imaginarias, ou da vigília dos ermos, ou da rosa estival dos ventos. E penetra, com relativa força, naqueio que eu cahamaria de linha rilkiana da criaco poética. E qyabndoi falo em Rilke poderia falar , igualmente, em Hoederlin, em T.S. Eliot, re,m Ezra Pound, em Octavio Paz, em Jorge Luiis Borges, ou no nosso universal Carlos Drummmond de Andrade. Refiro me, evidentemente, aos que trabalham a poesia com larqueza imag4tica, com sons e tons em harmonia, com grandeza conteudistica, com ytrasnparencias imortais.

Artur Eduardo benevides

A QUINTESSE CIA DO ENIGMA

Todos os seus poemas , em prosa e versos, surpreendem pela melofdia, pelo ritmo e pela graça romântica com que o autor pode traduzir os seus estados de alma mais espontâneos e menos superficiais.

Arthur Barroco
Rio de Janeiro, 1987.

Pois este asceta, asfixiado pela atmosfera do mundo, que procura redimir nossas culpas, nem sempore esta imune as suas próprias, já que guarda, em alguns poemas, uma carga erótica, onde o sensualismo explode, por vezes, com toda a força de seu envolvimento amoroso. Mas , e assim mesmo que se prjetam as grandes almas – o profano e o divino são as metas do homem e dôo crsitao mais fervoroso. Exigir de um poeta que ele seja contemplatico como um monje e pedir demais ao espírito, esquecendo que este e trasvestido pela arne. Marcio Catunda vem progredindo nesse campo. E isso e louvável nos dias atuais, quando o mundo parece querer se esbagaçar como uma nau desgovernada.

Jos' ~e Alcides Pjnto, Fortaleza, 1987

Releio seu livro, que decididamente, leva meu espírito a um verdadeiro estado de graça. Sua sensibilidade. seu amor a vida, com tudo o que ela oferece de puro, belo, verdadeiro, eleva a alma da gente aos Planos Maiores do sentimento. Nas paginas do seu

belíssimo livro, meu caro Marcio, tenho encontros permanentes com as mais envolventes emoções.

César Coelho, Fortaleza 1987

Suas poesias *captam* e *trasmitem* uma profunda e intensa energia. *Captam*, porwure trsformam em arte as percepções mais sublimes que existem em todos nos, mas que apenbas para poucos assumem uma forma clara e definida. *Trasnmitem* porque envolvem o leitor em uma espoiral prateada de energias cósmicas e trasncendentais.

Sergio Lebedeff

Brasilia, 1987

PURIFICACOES, 1987

O HOROSCOPO DE Marcio Catunda apresenta sinais de vocação literária e sugere a possibilidade de desafios inerentes a todo artista.

A casa III, da comunicação e literatura, encontra se fortemente enfatizada , com a presença do Sol e de Mercúrio,l este ultimo também indicativo de poderes e comunicação. A imaginação e a inspiração estão simbolizadas pela receptiva Lua em peixes, em trigonmo com o inspirador Netuno. O Ascendente também encontra se em Peixes, índice adicionalk de grande sensibilidade. Também merecem destaque os aspectos de Mercúrio. Este planeta, quando situado em Touro, simboliza uma uma mente ate certo ponto pratica. Mercúrio tem bons aspectoss com a Lua e com o Ascendente, fatores determinantes para quem quer expressar emoções, conferidndo certo dom para a psicologia e qualidades de comunicação importante para um escritor. Ademais, mercúrio também se relaciona harmoniosamente com Marte, o que reforça o seu poder de expressão e dinamismo mental. Como o triangulo Lua:Mercurio<Marte ocupa o Ascendente, a casa III (comunicação) e a casa IV (criatividade), esta bem caracterizada a vocação para a atividade literária.

O Sol em sextil com Urano representa uma mente liberal, um caráter generoso e altruísta, voltado para o novo, com um toque original e uma orientaçãovoltada para a mudança social e independênciia pessoal. Tais qualidades são refrocadas pel largueza de visão caracteriísticas de um trigono de Lua e Netuno. São índices de criatividade, e favorecem muito o estudo de assuntos religiosos, ocultosn ou misticps, bem como sua integração a vida diária. Este interesse eeve ser ainda mais acentuado com a presença de Netuno na oitava casa, da morte , da transformacaao e

do occultismo. Além disto, na casa IX, da religião e da espiritualidade, ou das concepções filosóficas, Marcio tem a Cabeca do dragão, simbolizando o potencial de suas investidas no sentido da expansão de sua consciência. O trigono de Urano ao Meio do Céu reforça estas possibilidades.

Seu horóscopo apresenta, igualmente, elementos de dificuldade, alguns obstáculos e lutas. Contudo, nenhum horóscopo de escritor deixa de apresentar elementos desafiadores, que podem, também, representar aquela vivência que é fonte de toda obra criadora.

Para Marcio Catunda, como para qualquer artista com ambições legítimas, a questão estará em aproveitar seu inegável potencial para extrair de experiências difíceis aquele sentido maior, comum a toda a humanidade, e assim conseguir, através da arte, libertação para si mesmo e para os seus leitores.

Cláudio Lins, In Um Poeta a Luz das Estrelas
Brasília, 1987

Panteísta sempre o foi, cantando a terra natal, as aves, o céu, as matas, os rios e os mares, as serras
Marcio Catunda ousa incursionar pelo sonreto clássico de ou moderno, com preferência, parece nos pelos modernos vcos que não fazia nos começos de sua poesia. E o faz bem, provado que sabe versear bem não somente em versos brancos como em versos connotados, pesados e medidos. Ai então temos o poeta completo, que se consagra em definitivo nos meios literários brasileiros.
Vasques Filho, 1989

O ENCANTADOR DE ESTRELAS

<...Ao mergulhar, como poucos, na dor e na alegria da humanidade, desejoso de transcender os limites da razão e do sentimento, de conhecer a causa primeira e o fim último da existência, este poeta torna-se um demiurgo, um construtor de universos imateriais, autor de uma obra sólida, fundada nos mais belos sonhos de amor e fraternidade.>

Pedro Etchebarne, In Marcio Catunda um estudo de lírica e misticismo à luz do Tarô.

Brasília, 1989

... Assim, não é de estranhar o fato de que Marcio Catunda percorra este itinerário poético sem esquecer o caráter lúdico da poesia. Por isso mesmo, brinca, com desenvoltura neste reino das palavras, manipulando-as e fazendo com que sirvam a seus

propósitos de transformar a abstração de seus devaneios poéticos em objetos concretos que falam diretamente a sensibilidade do leitor.

Maria Izabel Brunacci

Brasília, 1989

Misticismo intergaláctico ona poeira cosmicapor onde paseia o poeta em seu tapete mágico.

Vieira Neto, Aracaju, 1990

O poeta lida em profundidade com o serra e o mergulha na vida transcendental e cotidiana. Cada poema é um convite à meditação. Já observamos certa vez e agora confirmamos, se os antigos queriam fazer diferença básica entre filosofia e poesia, perderam sua interpretação diante da poesia do Século XX. Em O Encantador de Estrelas temos o poeta-filósofo.

Alaíde Lisboa de Oliveira

Minas Gerais, 1990

SERMOES AO VENTO

Assim é este livro de Marcio Catunda, onde cada verso parece traduzir a <noche oscura Del alma> de San Juan de la Cruz, sem esquecer, no entanto, de acenar com a fatalidade da esperança, travestida na <delicadeza de uma réstia de lua>. Ha muito de Bandeira nestes poemas, muito de Drummond - <Enigma> evoca noss imediatamente a fulana de <O Mito>, um dos grandes poemas da ROSA DO Povo – alguma coida de Rilke - <De resto, o mundo não mudo, eu e que preciso mudar>.

Paluo de Tarso Jardim

Brasília, 1990

No livro, falas de acalantos perdidos (os meus, onde andam os meus?), mas não te embaralhas na procura eterna e, sábio, reconheces o destino, tua sina: sei cantar como as aves do amanecer. Aprendeste, amigo, o juramento do estranho ofício, o ofício que nos marca e assinala como filhos de Deus e de Caim. Ofício que nos transforma em pó, pluma, pétala de flor agreste, bloco de granito. Mítico e o mundo em que passeias, universo povoadão pelos seres da mitologia clássica e os a tua religião, acredito. Bendigo teus veros, a união dos deuses, o batismo da palavra e das <serenas águas que o vento erica> e que dormem em tuas pupilas. Bendigo as serenas águas que te compõem, também o mar que te angustia, encantador de estrelas.

Marly Vasconcelos.

Fortaleza, 1989

]

Escrito veterano e mestre de todos nos, em Rosas de fogo o poeta e ensaísta Marcio Catunda vai buscar no Tão o caminho de sua poesia. Em Rosas de fogo o poeta encantador de estrelas brinca com seus medos e dores, com sua solidão faz indagações sabendo que a resposta só será encontrada se ousar abraçar esse buquê de rosas de fogo que vive em seu coração.

Natalício Bassrroso Filho, Rio de Janeiro, 1998

<Marcio Catunda sabe como poucos captar as belezas do universo. Em vôos suaves e profundos, sobrevoa planícies e nos brinda com os melhores poemas. Lê-lo e aprender o quanto vale cultivar a sensibilidade e um dom que vem de Deus. Sua poesia nos coloca diante de um novo espetáculo cada vez que o lemos. Trata-se com maestria cada tema, cada momento e se entrega totalmente as asas da imaginação, levando o leitor a percorrer caminhos jamais sonhados ou imaginados. Escrece em estado de graça, partilhando com seus leitores nuances de cores e imagens>.

Mercedez Vasconcellos

São Paulo, 1998

AGUA LUSTRAL

No presente livro, Marcio Catunda nos entrega uma coletânea de poemas escritos em extase, durante as ocasiões em que visitou algumas cidades europeias, nas quais beneficiou-se de uma fonte inspiradora. Sua temática polifacetica também abrange com em outros livros, o canto de seu rincão cearense (os verdes mares de Fortaleza), com impessoas matizadas por recordações da infância e da adolescência, fases importantes na formação de sua sensibilidade estética.

Ernesto Flores,

São Paulo, 1998

Terminei a leitura do livro «**Agua Lustral**» do poeta e escritor Márcio Catunda, que recebi de suas mãos com generosa dedicatória datada de 13 de outubro. A poesia do vate é delicada, fluida com solfejos de pássaros; imita carícias de brisa nos veleiros, lembra os gorjeios outonais.

Traz uma riquíssima linguagem metafórica, que por vezes nos extasia, com auroras neblinado em torres de vazio. Seus versos diáfanos costumam embelezar manhas com guirlandas de espumas

e nos leva a regiões de mensuetude em viagens lúdicas , singrando golfos de contemplações.

O poeta, não contente com os ricos tropos que o seu talento cria e ressalta, leva-nos, vezes seguidas, à Grécia antiga, dos heróis e deuses, caminhando com Apolo, fugindo às Górgonas e pelejando ao lado de Menelau, pelos carinhos de Helena.

Li o livro por inteiro, inclusive os poemas em italiano, francês e espanhol, e me irmano à crítica exata de Jarbas Júnior, trascrita no belo trabalho de Assis Brasil, sobre a Poesia Cearense do Século XX, quando informa que Márcio Catunda é um desses raros fenômenos poéticos da linhagem dos grandes buriladores da palavra». (Humberto del Maestro, in Literatura & arte, nr 360, Vitória, novembro 1998)

RICORDANZA DO POETA MÁRCIO CATUNDA, NA SUÍÇA

Artur Eduardo Benevides

Tão longe, mas sempre perto, em mim,
a tocar dos jograis o bandolim,
o poeta caminha sobre as águas da canção,
em pura e tranqüila deambulação
pelas tardes do tempo e do sem-fim.
Nasceu dos cardos e dos mandacarus,
das acauãs, arapongas e nambus,
tendo no olhar uma chama universal.
Em terra estando, o espírito é naval.
Ao pelejar, o coração dá-se ao mar.
Por isso, se chega, parte.
Só fica longamente em sua arte,
dançando a valsa outonal da poesia,
da boca da noite ao dealbar do dia.
Ama as fontes, as nuvens, os rios, as gazelas
e outras cousas tão simples e tão belas.
É um poeta.
segue em linha reta
para encontrar o círculo das lendas,
onde fará oferendas
a Orfeu e Dionisos
e deles ganhará sete selos e avisos
para que, de alma indormida,
continue a fábula da vida.

VERBO IMAGINÁRIO
(Exercícios de admiração)
Horácio Dídimو

Profusões de música,
purificações,
fúlgidos cristais
se frisos azuis.
Mar onipresente,
musgo, relva e folhas,
sob um céu de pétalas
celebrando o espaço.
A válida lágrima,
a nave velada,
a palavra exata.
Luz do itinerário,
pavilhões de alturas,
verbo imaginário.

SORTILEGIO MARITIMO, 1991

ESTANCIA CEARENSE, 1999

Onde quer que se abra o livro o Ceará está presente de corpo ointeiro, merrgulhado na embriaguez da luz. O mesmo acontece no tocante a cidade de Fortaleza, com os seus colteios de odaklisca a enfeitiçar olhares indígenas e alienígenas. Bortam faíscas de luz de todas as frestas dos poemas.

Aas evocações povoam todas as paginas deste livro. E um constante desfilar de sombras e silhuetas que se esfumaram no tempo, mass permanecemn esculpidas na memória do poeta, a maneura de vogaiss encravadas num obelisco de pderdra. EWle nos fala de figuras humanas de todos os feitios e matrizes. De vestigios arquitetônicos de um passado que aos poucos se evapora aos ventos da modernidade. De bêbados nas esquinas enluaradas, com violões e madrigais a tiracolo. Enfim, de boêmios, poets e de humildes figurantes da mentirosa comedia da vida.

Francisco Carvalho, Fortaleza, 1999

AVE NATURA

Embora o nome do livro – Ave Natura – sugira veroso engajados politicamente na poreservacao da natureza, a poesia de Catunda nada tem a ver com movimentods ecológicos. Ecologia não e so participar de movimentos ou lutar pela conservação das áreas verdes. E também contemplar a natureza e envolver se com tudo que diz respeito a dsua beleza , pois isso faz bem ao espírito. As poesuas contidas em Ave Natura não são traduzcoes umas das outras são poemas únicos , escritos em lingiuia origiuinal, pelo próprio autor , exceção feita as onze poemas em italiano, que foram traduzidos por Roni Ferreira Dias.

Karin Hildinger
Genebra, 1997

Merci pour Ave Natura. Notre brève rencontro m' a permis de comprendre que la poésie est votre façon intime de correspondre avec le monde et avec ce qu'il est de plus subtil dans l'être. Que vous vous lanciez avec autant d'entousiasme à prendre au corps la langue française, voilà qui est étonnant pour un Européen comme moi, si assoiffé d'ailleurs et d'exotisme.

Votre langue es tendresse. Le monde à refaire devrai vous être confie: voussaurez le faire beau. Maos saurez-vous le faire vrai ? Saurez vous le faire juste ? Votre sensibilité touche le coeur de l' idée «eécologie»: éthique profonde, attitude de res+ponsabilité et solidarité envers la vie et ce qui la permet comme liberté. L' écologie , c' est évidet, éclot dans la consciuence est l' environnement premier de l' homme.

Vos pages sonrt surprenanes. En français, las nostalgie est douleur de la perte du passé mais dans votre riche langue personnelle cf' est le présent douloureux qui semble se dérober. Le Brésil est-il si vaste que le temps s'y est perdu ?

Vos poèmes célèbrent des émotions de velours, endormies chez tant, si vivaces en vous. Votre don est de voir combien de nuances s' entrelacent amoureuseusement pour former à l' infini la rosace des mots qui, comme vous le dites si bien de celle de Notre-Dame, nous guide. J'ajouterai : dans le meilleur des cas hors du moi.

Jordan Bojilov, Genebra, 1997

«Márcio, estou ouvindo o seu belo CD ao som de Albinoni, sua voz agrestemente poética. No final da semana, foi coincidência, reeencontrei um livro seu na casa de Friburgo.

Que mistério esse da poesia, da nossa necessidade de traduzir tudo em palavra e ritmo. Sua seleção é forte. Você aí na Bulgária

lembrando de quando leu Mário naquela rede de Niterói ou degustando aromas nos quintais de outrora.
Parabéns.

Devo também partir para um novo Cd. O Itamaraty, aliás, comprou a coleção dos 20 Cds que o Paulinho Lima fez. Peça-os para seu trabalho.

Do nosso Rumem, com quem troquei algumas cartas, mas nunca conheci pessoalmente.

O meu agradecido abraço,
Affonso Romano de Sant' Anna, Rio, 20-2-2001.»

Meu caro Márcio Catunda,

Muito obrigado por sua oferenda lírica, este fortíssimo salve à naturezam, chyeio de interesse e talento.

É uma prova jubilosa de que o poeta continua vivo e prolífico e o homem em crescimento constante, integrado à Natureza e identificado com o Espírito. Continuem fecundos os seus dias e os seus jardins produzindo as flores emocionadas da sua bela alma, fiel à tradição cearense e agora aberta à multiplicidade dos idiomas, que V. maneja tão bem. Tais versos ficaram belíssimos na tradução italiana, sem fazer corar o Dante.

José Santiago Naud, Brasília, 1.5.97

LONDON GARDENS AND OTHER JOURNEYS

Poemas escritos sobre os parques de Londres e os maiores bardos da língua inglesa, alguns dos quase traduzidos pela búlgara Donka Mangatcheva, outros escritos diretamente em inglês pelo poeta Márcio Catunda, e revisados pelo gardo poeta norte-americano Jeffrey Seagall, a quem o livro é dedicado.

SINTAXE DO TEMPO

Márcio Catunda, que vive no Rio de Janeiro, é autor de vários livros, incluindo volumes de contos e memórias. Também escreve poemas. Seu *Sintaxe do tempo* (Editora Imprece, de Fortaleza) é feito de indignações diante da barbárie de todos os dias. Uma indignação escrita num texto poético que envolve o cotidiano das pessoas, especialmente aquelas que são massacradas em todas as esquinas por uma casta que ignora os que se perderam nos labirintos cada vez mais longos da existência. Vozes assim estão se tornando raras na poesia brasileira. O livro é um discurso contra essa rotina que protege sempre o mais forte e marginaliza cada vez mais o que já vive à margem de tudo. Um dos poemas de Márcio Catunda diz: e isso reflete bem sua palavra: «Não posso continuar assim, tendo uma casa assombrada na alma./Clarões de lua nos espelhos, nos vãos sombrios de escada./Os porões silenciosos./Há mulheres armadas para o martírio,/fragmentos de gente pelos ares». Márcio Catunda não se preocupa com a elaboração do poema em sua forma. O que vale, na verdade, é o que tem a dizer.

Álvaro Alves de Faria (*Nove poetas brasileiros esquecidos pela mídia*); Rascunho, Curitiba, Janeiro 2006).

Márcio Catunda, em *Sinatxe do tempo*, (Imprece), fala outra língua e habita outro universo. Pode e deve ser lido na vertente política de Moacyr Félix e José Alcides Pinto que, não por acaso, assina o texto de apresentação. Alcides Pinto irmana a Federico García Lorca e César Vallejo, entre outros «defensores dos espoliados e excluídos».

Seu ânimo político é catalisado pela densidade lírica, e em «*Pragmatismo e Tânatos*» configura-se a sua arte poética: para Márcio Catunda, ao fim de tudo cada poeta terá «apenas o que deixou por escrito». (André Seffrin, *Alguma Poesia Brasileira*, Gazeta Mercantil, São Paulo, 5 de Março de 2006).

No seu último livro gentilmente enviado «*Sintaxe do Tempo*», conheci o outro lado poético de Márcio Catunda que não conhecia. Um poeta atento aos descasos políticos, econômicos culturais e sociais dos governantes que imperam em todos os países dos continentes (com certezas observadas nas suas presenças por esse mundo afora). Parabém pelo livro!

Tenho no seu belíssimo CD *Mística Beleza* o meu Nirvana, quando estou estressado, de imediato ligo o aparelho de som e

busco a minha Paz Interior nas suas letras e nas suas músicas.
Parabens.

Selmo Vasconcellos, Porto Velho, 04 de Julho de 2005

Belo e surpreendente , de uma crueza rascante, cmo se quer. O falar de agora tem qyue pousar no baruklho da tribo para acordá-la. Concordo. Mas sua Sintaxe, amrmada no sil^ ^encio de palavras exiladas nos chega bno redemoinho vital para dizer e denunciar . (Como queria o Evtuchenko de Santa Catarina: Lindolfo Bell). E a lembtrança saudosa do acntor da poesia falada é apenas evidênciia paralela à sua ARS poética.

Uma parecença m,ais de intenção discursiva do que de carpintaria. Porque em você se vê, muito bem realizado, o tripé tão querido de Pound: fanopéia, logopéia e melopeia. Pnesom claro insight, agora que lhe escrevo, que o ritmo e a musicalidade de seus opoemas tenham me levado para esse viés. Quem sabe, levado pelo ouvido.

Li seus opoemas ouvindo a voz de um conterrâneo seu, mesntre na arte de dizer: Rogaciano Leite. Mas veja bem, o Rogaciano, não o dos saloões granfinos, ms, sobretudo, aquele dos bares boémios, a recitar Gregório, castro Alves e Agugusto dos anjos. Ouvi também a lmelodia de sua poesia, imaginando seus iguais contemporraeos , mesmtres da música, Eudres fraga e Eugénio Leandro cantando-a. Vi e ouvi muito mais. Porque sua poesia é para ser vista e escutada.

Que mais posso dizer? Saudar seu estro e seu requintado humor, louvar sua sintaxe, que vejo ascender à verticidade universal , antenada para a poesia do terceiro milénio, transitando, em retorno e releitura, entre a tradição e a modernidade. Bem haja, poeta!

Com meu abraço de parabéns
Aníbal Beça. 19/07/05